



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

JULIA LOPES DE ALMEIDA



A SILVEIRINHA

(Cronica de um verão)



FRANCISCO ALVES & Cia	AILLAUD, ALVES & Cia
RIO DE JANEIRO	PARIS
106, RUA DO OUVIDOR, 106	98, BOULEVARD MONTFARNASSE, 98
S. PAULO	(LIVRARIA AILLAUD)
65, RUA DE S. BENTO, 65	LISBOA
BELLO HORIZONTE	73, RUA GARRETT, 73
1055, RUA DA BAHIA, 1055	(LIVRARIA BERTRAND)

—
1914

A SILVEIRINHA

OBRAS DA MESMA AUTORA

Traços e Iluminuras, contos.
A Família Medeiros, romance.
Memórias de Martha, romance.
A Viuva Simões, romance.
Livro das Noivas.
A Falencia, romance.
Livro das Donas e Donzelas.
Ancião Eterna, contos.
Historias da Nossa Terra, contos.
A Intruzza, romance.
A Herança, comédia em 1 acto.
Quem não perdôa, drama em 3 actos.
Correio da Roça.
Cruel Amor, romance.
Elles e Elias.
A Silveirinha, romance.

De colaboração

Contos Infantis, com ADELINA LOPES VIEIRA ;
Casa Verde, com FILINTO DE ALMEIDA.

A publicar :

1 volume de conferencias.
1 volume de novelas.

JULIA LOPES DE ALMEIDA



A SILVEIRINHA

(Cronica de um verão)



FRANCISCO ALVES & C^{ia}

RIO DE JANEIRO

166, RUA DO OUVIDOR, 166

S. PAULO

65, RUA DE S. BENTO, 65

BELLO HORIZONTE

1055, RUA DA BAHIA, 1055

AILLAUD, ALVES & C^{ia}

PARIS

96, BOULEVARD MONTPARNASSE, 96

(LIVRARIA AILLAUD)

LISBOA

73, RUA GARRETT, 75

(LIVRARIA BERTRAND)

1914

Este livro foi publicado em folhetins no
JORNAL DO COMMERCIO
do RIO DE JANEIRO =====
===== em *Abril e Maio de 1913*

I

*Petropolis. Noite de festa em casa do
banqueiro Ivan Korsakoff.*

- Roberto?
- Sra. Condessa?...
- Quem é aquela morena que está conversando acolá com o Ministro da Italia?
- E' a mulher do João Zacarias. O advogado Zacarias; não conhece?
- Sim, sim; a ele muito bem; mas supunha-o viuvo, ou casado com alguma jararaca que tivesse pejo de apresentar em publico... E' fantastico como esta pequena Petropolis ainda nos fornece surpresas!
- E' que essa senhora frequenta pouco. Vive toda voltada para o marido e para os filhos.
- Não sei como ha quem possa viver toda a vida voltada para o Zacarias!
- Roberto riu-se e acrescentou :
- Chamam-lhe por aí, M^{me} Z. *tout court*.
- Ah, é essa a tal M^{me} Z!...
- Em pessoa.
- O Zacarias é rico?

— O Zaxarias, como diz o Comendador Brandão — está bem.

— Oh, la lá! repare para o colar que traz a Ministra da China! e dizer-se que ha tanto colo bonito que nunca sentiu o peso de uma joia...

— Ao menos emquanto a gente olha para os brilhantes...

— O marido orgulha-se da sua propriedade!

Nesse instante um homem alto, espadaudo, louro, passou rente á Condessa. Era o ministro da Noruega. Como a não tivesse visto ela puxou-lhe pela manga da casaca :

— *Ingrat! Il y a plus d'une demi-heure que je vous attends, et voilà que vous passez près de moi sans me dire un mot?*

O ministro curvou a cabeça rosada, mal coberta por uma cabeleira curta, côr de palha sêca, dividida em duas exiguas pastinhas retorcidas, e murmurou depois de ter roçado o bigode macio pela mão sem luva da condessa :

— *Pardon, Madame, mais, croyez-le, c'était à cause de vous-même... Je vous imaginais là-bas, au fond du salon... Et j'y allais, pour vous baiser la main, sans même regarder personne...*

— *Flatteur, va!... Eh bien, où est madame?*

— *La voilà.*

Olharam. A ministra entrava pelo braço do banqueiro Korsakoff, dono da casa. Ele, sorridente, deixando flutuar as lindas barbas brancas

sobre o largo peito bem apresentado; ela, sêca, com os longos braços finos bailando dentro de umas altas luvas, e a boca entreaberta num sorriso que lhe mostrava os dentes grandes, brancos como amendoas descascadas. Logo após, o ministro de Portugal conduzia Madame Baltazar Luz, a serpentina madame Luz, das belas *toilettes* e dos olhos de esmeralda, a quem Petropolis denominava — Pratinho de arroz doce — por aparecer em toda a parte, como se o arroz doce apparecesse em toda a parte...

Vendo-a, a condessa voltou-se para o seu amigo Roberto, arregalando os olhinhos castanhos :

— Sem canela.

Roberto respondeu com o olhar, que não tinha entendido. Que diabo queria dizer : sem canela?

O ministro norueguez resmungou ainda algumas amabilidades. Quando o viu afastar-se a condessa explicou :

— A Baltazar Luz está toda de branco; só leite e assucar. Por milagre parece ter-se esquecido até do carmin. Reparou?

Roberto Flores não achou graça á condessa, que sempre que o espirito não lhe vinha naturalmente, o procurava á fina força. Por infelicidade para os outros, nem sempre o encontrava...

— No que reparei, respondeu ele, é que lhe vai a matar aquêla tunica bordada a prata. Vem luminosa, como o proprio nome.

— Sim, ao menos ela sabe vestir-se... e despir-se, porque aquele decote é bem atrevido.

Roberto sorriu e observou :

— As duas Silveirinhas parece que estão procurando alguma cousa...

— Maridos! A mais nova está cada vez mais esganiçada... Será de tanto cantar de soprano. Hontem na Capela do Colegio fiquei arrepiada ao quivil-a. A Guiomar foi pedida em casamento por um medico velhote, um tal Jordão...

— Bem vê que ao menos essa já não precisa procurar marido... Mas, o Jordão não é tal velhote. E' um rapaz de trinta e poucos anos, e bonito. Sabe se foi aceito?

— Foi. De onde o conhece você?

— Nem sei... de toda a parte.

— E' de boa familia? será da casa Jordão, do Rio Negro?

— Talvez... Sei que é um medico estudioso, e livre-pensador...

— Já me disseram. Contaram-me até que, por saber disso, a Silveirinha, ao ser chamada pelo pai á sala para responder ao pedido do noivo, se apresentou com todas as insignias religiosas que pôde arranjar na ocasião : fita ao pescoço, de Filha de Maria; no peito todas as medalhas de santos e santas da côrte celeste ; e, pendente das mãos, um grande rosario de contas grossas como araçás.

-
- Historias...
- Verdade! E' singular aquela pequena. Para mim, ela está doida...
- De amor. Eu acho-a muito interessante.
- Bem sei. Por que não se apressou você?...
- Por covardia... talvez...
- Não duvido. E fez bem. Com idéas tão dissemelhantes viveriam depois num conflito...
- Ah, por isso não! A minha logica desfaria todos os seus preconceitos...
- Não creia! Mais facilmente a Silveirinha o converteria, a você. Verá o que vai acontecer ao outro. Olhe, o duelo começou mesmo antes do casamento.
- Como assim?
- Pois não acabei de lhe contar que ela se apresentou ao noivo coberta de santinhos? Certamente que não fez aquilo, senão para o avisar: veja bem como eu sou e quais as minhas idéas!
- E ele?
- Ora, ele naturalmente nem reparou; ou cuidará, como você, que isso não tem importancia e que com a sua logica de ferro demolirá os preconceitos da menina... Muito vaidosos são os homens! O que lhe afirmo é que se fosse minha filha com um ateu não se casaria ela, nem que m'o pedisse de joelhos Mas o Silveira não tem escrupulos; tomara ele ver-se livre da filha...
- Olhe, lá vem a nossa terrivel Magdalena!

— Por que a chama assim?

— Porque ela é implacável para com toda a gente... Não poupa ninguém, nem o proprio marido, quando se quer rir á custa das fraquezas alheias... Apesar de tudo, eu gosto dela e das suas mordacidades... Diverte-me. Naturalmente procura pretextos para mostrar os dentes, que são lindos...

— Vá nessa ilusão indagar porque estarão hoje aqui o Zacarias e a senhora.

— Ele é advogado do Consulado russo; talvez essa circumstancia o tivesse aproximado do Korsakoff. Entretanto, condessa, que noticias me dá da sua inseparável amiga D. Clara?

— Clara deve estar na outra sala, conversando com o Max, que é de uma fidelidade de molosso...

Nesse instante a consuleza da Holanda precipitou-se para a condessa, perguntando-lhe em francês pelo programa da festa. Falava-se numa surpresa.

— *Oui, ma chère. Nous allons voir danser la maxixe...*

E a condessa, fixando nas pupilas deslavadas da outra os seus olhinhos castanhos, já sublinhados por um nucleo de pequenas rugas, indagou se isso lhe daria prazer.

— *Maxixe... peut-être... sais pas... C'est la danse nationale, n'est-ce pas? Qui va la danser? vous?*

— *Oh, non, par exemple!* E logo, arrependendo-se da sua exclamação : — *Mr. Roberto Flores... le connaissez-vous?*

— *Charmée, Monsieur...*

A condessa acrescentou maliciosamente :

— *Je pense que ce sera lui, le danseur...*

— *Vraiment!* e a holandeza apertou a mão de Roberto Flores com uma sacudidela de antecipada admiração.

— *Madame la comtesse se moque de moi...* confessou ele.

— *Pas du tout! pas du tout!*

Riram-se; e Roberto, desculpando-se, afastou-se e desapareceu atraz do reposteiro da sala contigua, onde D. Clara palestrava a meia voz com o capitalista Carlos Max, ostentando a brancura artificial do colo gordo. Junto á janela, um casal de americanos moços tecia o seu « flirt » entre o fulgor das lampadas electricas e o piscar das estrelinhas do céu. Vinha da rua um cheiro forte, das magnolias ao relento. Num angulo da sala, o dr. Zacarias conversava com o Gastão Soares, um rapaz adido á Legação brasileira junto ao Vaticano, e que estava agora em viligiatura em Petropolis, depois de oito anos de ausencia da patria.

Roberto aproximou-se.

— Então? perguntou-lhe Gastão Soares.

— E' sempre a mesma cousa. Todas as festas

iguais. E esboçou um gesto de enfado. Estupidamente iguais.

— Não senhor, protesto. Hoje teremos uma novidade sensacional.

— O maxixe?! Ora adeus! Ha muita gente aí indignada com semelhante idéa... E' exquisito, realmente, fazer-se dansar o maxixe por negros num salão aristocratico, como apresentação do que ha no paiz de curioso e interessante...

— Os estrangeiros gostam!

— Se é de assuntos nacionais que se trata, poderiam ter de preferencia convidado alguma mocinha de familia para tocar violão e cantar modinhas. A filha do tabelião Reis, por exemplo... Afinal, isso sempre seria outra cousa...

— Certamente que seria outra cousa, respondeu Gastão; mas outra cousa muito menos pitoresca. A civilização aprecia contrastes, tem os nervos gastos, precisa de estimulantes, e, para esse efeito, — quanto peor, melhor. Acredite, os europeus estão fartos até ás copas dos chapéus de cançonetas de salão, cantadas por moças de familia. E eu tambem. Que venham os negros de beijo grosso, cheirando a almiscar; quanto mais exóticos forem, tanto mais apreciaveis' serão. Quando daqui a pouco os nossos creoulos se derrearem nos volteios e requebros da sua dança, verá você como estes noruegueses e montenegrinos se babam de gozo e pedem bis!

— Antes disso, musco-me! confessou o Zacarias, abandonando os dous amigos, que por sua vez se dirigiram para a porta do salão.

— Deixe lá a opinião dos europeus, insistiu Roberto Flores; a que eu quero conhecer é a sua.

— A minha, é que venham os negros.

— Decididamente, a distancia em que você tem vivido do Brazil, amoleceu-lhe a fibra patriótica...

— Declaro-lhe, meu amigo, que é de supremo mau gosto falar nessa cousa num salão. Deixe a fibra patriótica para os « meetings » da praça publica e diga-me quem é aquela rapariguinha de côr de rosa, que parece querer esconder-se toda atrás das sobancelhas. Que peluda!

— E' a cunhada das Guimarães e irmã do Oscar e do Raul... um bom partido.

— Se me quizesse por pretendente, teria de mandar desbastar os supercilios... E aquela senhora pisca-pisca, com quem você tem estado a conversar, quem é?

— Ah, essa é a Condessa Penha-rosa! Viuva do Dr. Penha-rosa, um pernambucano dado á literatura; conheceu?

— Não. Titulo do papa?

— Benza-o Deus.

— E pensem lá nunca em suprimir a legação brasileira junto ao Vaticano... E' inteligente?

— E muito curiosa. Imagine você que me

incumbiu de indagar porque estará hoje aqui a Madame Z.!

— Se quizer, poderei adiantar alguma coisa nesse sentido. Madame Z. saiu hoje da tóca, por ter conseguido do Ivan Korsakoff um convite para um advogado da roça, a quem ela protege, e que se sentiria « gauche » numa sociedade inteiramente desconhecida. O rapaz é tímido e ela não quiz confiar ao marido o encargo de o aproximar das damas elegantes. Olhe, lá está ela a apresentá-lo á Baltazar Luz.

— Quer queimal-o...

— Não sei quais foram as circumstancias que o aproximaram do Zacarias; mas devem ter sido poderosas. Parece que o tal provinciano é ambicioso.

— E feio, mas teve sorte. Como se chama?

— Não sei quê... Dias.

— Outra cousa; você é amigo dessa gente, deve saber : por que chamarão á mulher do Zacarias Madame Z.?

— Ela é Zélia. Por abreviatura, e por pieguice, chamavam-lhe em pequena Z. como lhe poderiam chamar T. ou Tété ou Lulú... Cresceu, mas ninguém se desacostumou de a tratar desse modo. Aconteceu casar-se com um homem cujo nome principia tambem por Z. As amigas começaram então, por brincadeira, a designal-a por Madame Z. E o costume pegou.

— Parece um nome de opereta.

— E é o de uma senhora absolutamente séria.

A proposito : sabe que a Silveirinha está noiva?

— Sei; do Dr. Jordão.

— Um belo rapaz. Por seu lado ela é original.

— Delicada, mas um pouco taboa...

— Tem a palidez das estericas. Mas o que eu mais aprecio nela são os olhos. Repare. Não são reveladores de uma alma inconfundível? — Bem; deixe-me agora ir cumprimentar a senhora ministra da Inglaterra.

Havia borborinho na sala. Conversava-se alto e alegremente, enquanto um pianista gordo expandia lirismo num noturno de Chopin. Serviram-se sorvetes e ainda uma menina loura teve a coragem de tocar uma fantazia italiana, numa harpa mandada ir para esse efeito, propositadamente, do Rio, com muita despeza e maior maçada. Mas ninguem fazia caso da harpa nem da menina loura, para quem só os pais voltavam olhos de desmedida atenção.

O sussurro diminuiu quando a Madame Korsakoff, atravessando a sala com o seu passo incerto de côxa, declarou alto que a Silveirinha ia recitar, a seu pedido, um poema de François Coppée. — *Un beau poème, plein de tendresse et d'amour!*

Alta e esguia, de uma tez enluardada, a Silveirinha tinha nos olhos castanhos e rasgados um

brilho forte, denunciador de qualidades excepcionais.

Antes de começar a recitar, declarou á Sra. Korsakoff que seria essa a ultima vez que se exhibia em publico, porque se ia casar dias depois e não achava que a uma senhora casada ficassem bem essas cousas...

A Sra. Korsakoff mostrou-se lisonjeada por aquela despedida e comunicou-a aos amigos.

Vendo a Silveirinha de pé, com a mãosinha pronta para o gesto airoso, o Dr. Zacarias, homem impenitente, arrastou outra vez para o salão de fumantes o seu querido amigo Gastão Soares, e, refestelando-se numa larga poltrona de marroquim verde, suspirou alto :

— Não posso! é superior ás minhas forças. Essas longas poesias francesas, declamadas pelas meninas de salão, causam-me um mal estar indefinido, exquisito, assim como que uma especie de indigestão de sorvetes de crême...

— Mas a Silveirinha recita bem. Um pouco exagerada, sobretudo na pronuncia, mas emfim tem sentimento... Muito sentimento!

— Então vá ouvil-a, meu amigo, vá...

— Prefiro fumar.

— Ora graças! Pois em mim não sei se é neurastenia, mas já não suporto prendas de salão. Tudo que não fôr conversar, adeusinho!

— Quer isso dizer que você amanhã não vai ao festival do Epaminondas.

— Nunca, senhor!

— Mas fala o Navarro.

— E' que também abomino os discursos, meu amigo. Tanto mais que poderei dizer antecipadamente no que consistirá amanhã a oração do ilustre homem de letras... Verá se me engano. Na sua dição confusa, empastada, sem distinção, exclamará que não ha em todo o mundo um céu tão lindo como o nosso, nem astros cuja rutilação se possa comparar á do Cruzeiro do Sul. Esquecido de que a maior parte das pessoas que o ouvem já viram, pelo menos uma vez, em qualquer dos nossos cinematografos, as quedas do Niagara e as montanhas alpinas, afirmará ainda em ribombos de patriotada ôca, que não ha montanhas tão alcandoradas em todo o Universo como as da nossa terra, nem cachoeiras mais precipitadas do que as nossas... como se tudo isso tivesse sido feito por nós! E' bôa!

— Você está exagerando...

— Não estou; se não, você verá amanhã se, em contraste com os fragores das cascatas e a bruteza das rochas duras, ele não tecerá capitulos liricos, descrevendo a graça das nossas caboclinhas, saltitando descalças pelas orlas floridas de riachos em cuja agua pura se reflete a sua imagem deliciosa... Os nossos oradores acham sempre

geito de lisonjear a mulher. A beleza das Brasileiras! A graça das Brasileiras! O heroísmo das Brasileiras! e outras cantigas. Ora, eu já sei esta musica de cór; não direi que esteja em desacôrdo com ela; mas estou cansado. Meu estomago já não aceita acepipes que tenham só tempero; requer alimento são e saudavel. Pensamentos em frases claras e curtas e, sobretudo, — a verdade.

— A verdade! Onde a encontraremos nós! suspirou, sorrindo, Gastão.

— Nos nossos chinelos, á beira da nossa cama.

— Ainda é bom quando a encontramos na intimidade; mas nem sempre isso acontece.

— Nem sempre. Infelizmente a nossa sociedade está muito pervertida. Olhe, ainda ha pouco se dizia, ali na sala, que quem dá o luxo á Baltazar Luz é o Dr. Aragão!

— Seria demais que o marido lhe desse isso tambem, além de lhe dar o nome! Em todo o caso, meu caro, não acho que a nossa sociedade seja tão pervertida como você pensa e diz... Venho de grandes centros civilizados, onde fervilha, na vida mundana, toda a sorte de escandalos e de intrigas. E' fatal. Suponho que, entre nós, ha mais apparencia do que mesmo verdade em muitos dos casos que se propalam e se comentam por aí. Somos impacientes, de indole muito pouco reservada e irrequieta; mal qualquer suspeita nos passa pela cabeça, temos logo pressa de a soprar aos

visinhos! Para mim, o defeito capital da nossa sociedade é ser muito pouco culta; isso sim.

— Não estou de acôrdo.

— Como não?!

— Todo o mundo sabe que o Brazil é o paiz mais intellectual da America do Sul.

— E' um argumento ousado.

— Incontestavel. Nenhum outro tem uma produção scientifica e literaria da importancia da nossa. Você sabe que eu sou o homem das estatisticas. E para exemplo basta-nos ver...

— Como os nossos literatos vivem bem!

— Isso é outra cousa.

— Como assim? Numa terra em que se lê, os literatos de talento enriquecem. Não precisam apegar-se, para viver, a funções depauperantes do jornalismo ou a empregos publicos. Num pais culto, um homem como o Baltazar Luz, que é deputado, não compra para o seu salão, como ele comprou hontem á minha vista uma téla quasi ridicula de mal feita, entre tantas outras de uma grande exposição, onde havia belos trabalhos de mestres, a escolher!

— Oh, isso tambem é outra cousa!

— Lá vem você!

— Certamente. Falo-lhe em moral e você responde com intellectualidades! Por ser deputado, que obrigação tem o Baltazar de entender de pintura? Tomara-nos nós que ele entenda — o

que duvido um pouco — de economia politica, das verbas orçamentarias e dos projetos que discute! Ao contrario : o prejuizo do brasileiro é exatamente o querer ser enciclopedico. O conveniente seria cada um aprimorar-se na sua profissão e não querer saber das outras nem entender de mais nada. Olhe, eu só leio livros de direito.

— Nesse caso, os artistas só poderiam ser compreendidos e estimados por artistas!

— Pois então? Poetas por poetas sejam lidos...

Gastão ia replicar, quando D. Clara se aproximou, pelo braço do Carlos Max, a entreter um minuto de palestra com o Dr. Zacarias. Tambem eles fugiam dos versos de Coppée. E era infundavel aquele conto em verso, tanto que a Sra. Korsakoff já adormecera no sofá!

— Ela fecha os olhos para se concentrar.

— Mas porquê abre a boca?!

— Isso é que não sei!

— E' falso! acudiu, rindo, D. Clara. Madame Korsakoff está atenta... está entusiasmada! Continuemos no nosso passeio, Max, antes que o senhor invente outra qualquer barbaridade...

Quando os dois saíram, Gastão Soares voltou-se para o amigo :

— Perguntaram-me ha pouco o nome de um rapaz moreno, que sua senhora tem apresentado hoje aqui, e eu não soube responder. Como se chama ele?

— Ludgero Dias.

— Provinciano...

— Sim. Veio do Norte com uma carta de apresentação de uma tia de minha mulher, que muito o recomendou á sobrinha e a mim. Zelia trata, a conselho meu, de o introduzir na sociedade, ao mesmo tempo que eu o auxilio como posso na sua profissão. Ele não é aguia; não chega mesmo a ter talento, mas é ambicioso e esperto... E como a esperteza é a qualidade primordial dos tempos que vão correndo, é bem possivel que ainda chegue a deputado ou mesmo a ministro...

— Talvez prefira chegar a rico, que é sempre melhor.

— Talvez; mas olhe que a politica tem para nós, brasileiros, seduções muito fortes! Sacrificamos-lhe tudo. Não sei se ela não será para todos nós ainda mais irresistivel do que a fortuna...

— Está aí você, que ainda não pensou em ser deputado!

— Pensarei, pensarei, quando estiver rico a ponto de poder dispensar o meu tempo á politica. Não pense que não esteja isso no meu programa...

Ouviram nesse momento um som frouxo de palmas.

— Vamos para o salão, que a poesia acabou... e vai começar o maxixe.

O Dr. Zacarias levantou-se e murmurou baixo, por entre dentes :

— Canalhas...

— Que quer? são as originalidades da Sra. Korsakoff... as russas têm tanta imaginação! — disse Gastão Soares, dando um puxão ao colete e seguindo com o amigo para a sala principal.

— Vamos lá a ver isso...

Todas as cadeiras, alinhadas apertadamente de encontro ás paredes, estavam ocupadas por homens e senhoras, cujas fisionomias denotavam a maior curiosidade. A condessa assestou para Roberto Flôres o seu impertinente *face-à-main*, ligeiramente inclinada para a amiga D. Clara, de colo opulento e braços gordos. Madame Z., toda de cinzento, parecia considerar as cousas com soberana frieza, contrastando com a expressão ardente da alta e esbelta Baltazar Luz, que, em pé, a seu lado, resplandecia nos brilhantes que lhe adornavam o peito chato de mulher magra, rindo das graças que lhe dizia atraz da nuca, o comendador Brandão, velho pintado e conquistador.

Tinha-se feito silencio. Havia no ar como que um desses fremitos anunciando os grandes acontecimentos.

Assim, quando a voz do grande e grave piano de Pleyel, habituado ás solenidades dos cantos alemães, irrompeu nos primeiros compassos do maxixe irreverente, estava já toda a gente de pescoço estendido e olhar aguçado para a porta por onde devia entrar o par de dansadores. E quando

ele entrou com desembaraço, a dama com laçarotes azues na carapinha topetuda, o cavalheiro com uma casaca de aluguel, ambos pretos, ambos fortes e beicudos, muitas senhoras não puderam conter o riso, como se tivessem visto naquele casal de homens, dous specimens de animais extranhos e irracionais.

A mulher do secretario da legação da Holanda fez um gesto de susto tão brusco, que a cadeira recuou rangendo no assoalho.

— *Oh!* murmurou ella, *j'aurais eu peur si je les avais rencontrés pendant la nuit, toute seule!*

— *Ils ne sont pas méchants, soyez sûre. Tout de même, qu'ils sont drôles les Brésiliens, hein?*

— *Oh, oui!* sibilou a outra.

A dança começou. O pianista, inflamado pelo ardor da musica e da ocasião, vibrava as teclas numa volupia de fauno.

No meio da sala, os dois pretos contemplavam-se de face, muito sérios, como se meditassem em cousas graves. Pouco a pouco, porém, se foram aproximando um do outro, num deslizar sereno, como que levados pelas notas da musica; depois estenderam os braços, enlaçaram-se, e começou o maxixe.

Ao principio os seus meneios eram brandos, quasi delicados; mas não tardou que se acentuasse o carater da dança na mais desabrida intrepidez.

Ao influxo dos olhares ardentes de tantos bran-

cos requintados, da mais fina elegancia, os pretos como que se sentiam transportados ao setimo céu das delicias. E iam e vinham sobre o chão encebado, apertadamente unidos um ao outro, arfando de gozo e de cansaço, de olhos semi-cerrados, beiços pendentes, corpos dobrados ou torcidos, em requebros e bamboleios lubricos. Fremiam-lhes as narinas chatas, e a pele reluzia-lhe como se se tivessem untado de olio. No anel humano que os circumdava havia uma intensa expressão de bestialidade. Das pupilas deslavadas dos europeus do norte, diplomatas serenos, de atitudes rigidas, irrompiam fogachos de curiosidade e lascivia. Algumas brasileiras tinham o olhar ofendido; mas as estrangeiras babavam-se de gozo. E no meio da sala os pretos redobravam de furor, corpos colados, cabeças pendentes, num derretimento impudico, com exalações de suor morrinhento, que a pouco e pouco ia abafando a sala.

— *Oh, ces Brésiliens!* exclamou rindo imprudentemente uma estrangeira esgalgada, de nariz curto. Como a voz lhe tivesse saído por entre as varetas do leque e chegasse aos ouvidos da Baltazar Luz, esta voltou-se rapidamente para ella, com ar de assombro e desafio.

Ao lado, o peitilho reluzente do severo Mr. Brighton palpitava de gosto. O mesmo acontecia ao linho de outras camisas diplomaticas.

A's vezes parecia que os dansadores iam final-

mente cair ao chão, tanto se vergavam para traz ou para a frente; mas, como se fossem feitos de borracha, logo se endireitavam, rolando os olhos nas orbitas. E era tão vivo o entusiasmo dos espectadores que, ao verem terminar a dança, pediram *bis* : Queriam mais !

E o maxixe recomeçou, com tresdobrada volúpia.

Não podia haver indecisões nem escrúpulos. Os pretos sentiam em roda o circulo de fogo em que os assistentes os envolviam; e querendo impôr-se definitivamente á admiração da sala, dançavam. A cada uma das « quebras », em que os laçarotes do topete da creoula roçavam pelo chão, irrompia de um canto da sala um uivo de incontido deleite, saído da larga boca do transvaliano Goldenberg, velho ricaço vindo á America do Sul no doce intuito de bem empregar os seus capitais abundantes. Acompanhava-o a filha, a quem Petropolis puzera a alcunha de *Miss Looking-glass*, porque se mirava a miude no espelhinho que trazia suspenso do pescoço por um cordão de pequeninas perolas, e que era de um estouvamento especial e arriscado.

Em vez de olhar para a dança, que a enojava, a condessa da Penha-rosa passeou as lentes do seu *face-à-main* por toda a galeria dos espectadores, impelida por uma curiosidade mais fina.

Em uma dessas inspeções os seus olhos se en-

contraram com os de Madame Z. e trocaram inconscientemente uma expressão de solidariedade e tristeza. As Silveirinhas tinham fugido para o vão de uma janela, voltadas para a doçura veludosa da noite perfumada; a Baltazar Luz ardia de impaciência, abrindo e fechando consecutivamente o seu leque de rendas. E os pretos dançavam... dançavam sempre.

Desviando a vista do *face-à-main* da condessa, Madame Z. procurou observar as impressões do seu protegido, o advogado Ludgero Dias. Vi-o encostado ao umbral de uma porta, escorrido na sua casaca nova, com o colarinho alto e o cabelo muito negro e muito liso, penteado para traz, desensombrando-lhe a testa curta, achatada nas temporas. Ele cofiava com os dedos magros e trigueiros o bigode luzidio, de fios grossos; e o seu rosto tinha a impenetrabilidade de uma máscara de bronze.

II

*Em Vila Clara, no Palatinato, numa
radiosa manhã de sexta-feira.*

Ouvida a sua missa, e recebida em atitude contrita a benção do beatifico padre Gil, a condessa entrou no carro e mandou tocar para o Palatinato. Nessa sexta-feira, D. Clara dava um almoço ás suas amigas. Almoço só de mulheres. O proprio criado de mesa fôra dispensado do serviço e substituido nesse dia pela arrumadeira, uma portuguezinha de rosto pequeno e olhos enormes.

Quando a condessa pisou os primeiros degráus do terraço, percebeu a voz de D. Clara discutindo na sala com a trefega Magdalena.

D. Clara não podia suportar o padre Pierre, com o seu latim afrancesado, as suas unhas esmalgadas, os seus termos a escorrer doçura, como bon-bons de licor. Desconfiava até que ele usasse *sachets de Cœur de Jeannette* em baixo do solideu e que escovasse as suas batinas com a agua de Colonia Russa; oferecida talvez pela Korsakoff.

— Pois é exactamente por todas essas razões que

eu o prefiro aos outros. Deus me livre de beijar mãos de unhas sujas !

— Essa alusão não cabe a padre Gil, que a bem dizer não tem unhas.

— Porque as rói. Dizem que ele é um comilão de força. Quando não tem mais que comer, come-se a si ! Afirmava a Magdalena.

— Que barbaridade ! Nem você deve desprestigiar os padres. E isso que está dizendo acaba com a reputação de um homem ; tanto mais que padre Gil é mais que um homem — é um santo !

— Eu não o desacredito. Comparo-o apenas a monsenhor Pierre, sempre bem escovado, tanto nas batinas, como você notou, como nas idéas, que são de uma limpidez admiravel.

— Frases. Ele é um mundano. E' o que é.

— Só sei que todos que se acercam dele ficam encantados. Quando o padre Pierre nos afaga as mãos, chamando-nos : *ma brebis, ma pauvre petite brebis*, é como se nos puzesse ambrosia na boca.

— Por essas e por outras foi que a Rozinha Abrantes se apaixonou por ele e se fez freira...

— E de quem foi a culpa ? Ele falou-lhe como um pai espiritual e a tolinha equivocou-se !

— Com padre Gil isso seria impossivel. Ninguem se equivoca com o padre Gil.

— Pudera. Esse tem já setenta anos...

— Que exagero ! Faz cincoenta e sete em onze de Fevereiro.

— Pois parece ter oitenta e é feio como um chimpanzé.

— Chimpanzé não é bicho que se possa comparar a um padre.

— Não, porque padre Gil ainda é mais feio e menos engraçado. Nem parece gente. Dá-me a idéa de um pote velho de barro, já esborcinado, onde toda a velhada de Petropolis vai lançar os seus segredos...

— Lá vem você com as suas comparações... Pois eu não sou velha e não quero outro confessor.

— Naturalmente, porque ele já está surdo... Em todo caso, como não ha regra sem excepção, você é a excepção desta regra...

— E' que eu não sou voluvel nem acompanho modas em religião...

— Pois é pena. Eu acho que a gente deve acompanhar a moda em tudo. O padre moderno, embora pareça muito mais transigente, sabe incutir forças mais poderosas áqueles a quem aconselha e a quem dirige, do que o padre antigo. Os de hoje estão mais aparelhados para argumentar e convencer.

— Imagino...

— A religião agora é uma especie de diplomacia. Os padres são verdadeiros adidos da embaixada do Reino Celeste...

— Pois sim... A quem ouviu você isso?

— A ninguem. E' a minha opinião. Eu não sou

como vocês, que só dizem o que ouvem dizer aos outros...

— Isso é indireta?

— Sou muito franca para falar indiretamente. E' preciso que respeitem a minha opinião. Se digo que padre Pierre é um verdadeiro diplomata, é que tenho razões para dizel-o.

— Ora muito bem, que venha de lá uma prova...

— Ei-la : a Silveirinha, foi confessar-se ao padre Pierre, para se casar com o tal Dr. Jordão. Dizendo-lhe ela — imagine, coitadinha, com que desespero — que o noivo é ateu, pensa você que o padre Pierre esmurrou o confissionario ou que a proibiu de contrair semelhante matrimonio? Não ; ao contrario ! Disse-lhe que ela fazia muito bem, que obrava como uma verdadeira catolica apostolica romana, e prometeu-lhe ajudal-a a converter o espirito desse infeliz, transviado do bom caminho. E explicou que todas as mulheres sinceramente religiosas deveriam unir-se a maridos incredulos, para os salvarem com a sua fé e iluminal-os com o seu exemplo. Crer não é só rezar. Ela sahiu do confissionario radiante de alegria, certa de que o padre Pierre a ajudaria a salvar a alma condenada do noivo...

— Talvez que ele conte demasiadamente com o seu prestigio... E por que meio realizará o milagre ?

— Por este : a Silveirinha irá diariamente instruí-lo do que se passar em casa...

— Mas o marido consentirá nisso?!

— A arte está aí : o marido ignorará tudo.

— Então o Pierre não é só diplomata, é também um artista... Não me parece comtudo, que seja fácil, numa cidade como Petropolis, ir uma senhora todos os dias á igreja sem que o marido venha a saber disso!

— Ora essa, pois exatamente ás igrejas é que as senhoras podem ir todos os dias sem levantar suspeitas em ninguem. Ainda assim, está tudo previsto. Guiomar iludirá o marido, dizendo ir visitar esta ou aquela amiga, e entretanto irá aconselhar-se com o padre Pierre ou na igreja, ou na sua casa particular, ou mesmo na sala de qualquer amiga comum, conforme ulterior combinação. E' um plano verdadeiramente genial. Emquanto o Jordão pensar que a mulher está comigo ou com você, ou com qualquer outra pessoa, ela estará...

— Com o padre Pierre!

— E' estupendo, filha, é estupendo! Só um grande espirito poderia conceber um plano tão superior.

— Oh, muito superior...

— Confesse que o seu padre Gil seria incapaz de tal arte.

— Confesso.

— Padre Gil é um santo ! disse a condessa entrando na sala.

— Temos outra ! objetou Magdalena, rindo.

— Mas porque seria que a Silveirinha se casou com um ateu ?

— Falta de homens ; afinal a natureza tem muita força... respondeu Magdalena.

— Não lhe faltariam maridos. Ela é rica.

— Qual ! O Silveira deve até os bigodes !

— Então foi por isso que ele os rapou !

— Quê ! O Silveira também rapou os bigodes ! ?

— Também !

— Que horror !

— Antes a filha ficasse solteira toda a vida. Que assanhamento. Com um ateu...

— E' medico aqui do hospital ha um ano e pensa agora em mudar-se para o Rio...

— Não serei eu que o chame.

— Nem eu.

— Descansem, que padre Pierre o converterá, como converteu o marido da Nini Mendes. Também essa fingia ir para casa das amigas e ia para o confessionario, o que não impedia que ás vezes o confessionario funcionasse em casa de qualquer conhecida. Lembram-se? Cada dia a Nini levava uma instrução nova para ao pé do marido. — Hoje negue-lhe tudo ! — aconselhava-lhe o padre Pierre — amanhã conceda-lhe meio favor... e depois de amanhã favor inteiro, a troco disto

ou daquilo... Agora, torne a negar... faça tal exigência e torne a conceder, sob tal ou tal condição... invoque com frequência o nome de Deus em sua presença; enregele-se nos seus braços... faça-se amada e fuja da sua convivência... aproxime-se depois... repila-o... provoque-o... desespere-o... vença-o!

— E ela venceu.

— Sim. Mas o marido da Nini era um palerma, sem convicções firmes. Um toleirão.

— A convicção de um homem de juízo é procurar ser feliz no seu lar.

— Pois olhem : a maior parte deles prefere sel-o no lar alheio.

— Esta Magdalena não perde vasa!

— Em todo o caso, continuou a condessa, o padre Pierre, com esse processo, acoroçoa a mentira. Padre Gil reprovaria esse plano.

Mas logo as outras exclamaram :

— Quando é para bom fim, Deus perdôa!

Nesse instante viram atravessar o jardim uma claridade rosea. Era a Baltazar Luz vestida de solferino.

Romperam as aclamações.

— Bravo, como vem bonita! *Vrai Paquin*, hein?

— Para que negar? E a Baltazar desfez-se da sua *écharpe*, com um gesto elegante e mole.

— E *quel parfum!* — suspirou a condessa com os olhos em alvo.

— Que delicadeza de olfato! observou a recém-chegada. Eu puz apenas uma gota de essencia aqui, na renda do corpinho... E deu a nuca a cheirar ás amigas.

— *Sapristi!* mas deve ser então muito forte essa essencia... *Houbigant?*

— Não é francesa.

— Não me diga que é alemã!

— Tampouco.

— Vá! Não excite a nossa curiosidade!

— E' indiana, e tem uma historia...

— Que venha a historia, se não é comprida.

— E' a historia de um dia...

— De inverno?

— Porque de inverno?

— Porque os de verão são longos.

— Pois é a historia de um dia de inverno.

Numa segunda-feira de carnaval, em Nice, fui apresentada a um principe de Bombaim, com quem passei de carro pela cidade, espalhando pelas ruas as violetas, e os lilazes que ele me punha nas mãos. A' noite, dançámos num baile e trocamos sorrisos num terraço civilizado, sombreado de mimosas. Uma semana depois eu voltava para o Brazil e ele para a sua India distante... *c'était un homme charmant...*

— Mais nada?

-
- Mais nada.
- E o maridinho?
- Meu marido tem muito espirito para me proibir um *flirt* inocente. Tanto mais que ele conhece muito bem a rigidez do meu caracter.
- Seu marido sempre foi uma pessoa de espirito. Mas a essencia?
- Que essencia?
- Ora essa!
- A que você pôz na renda...
- Ah, sim! Mandou-m'a o principe de Bombaim em pequeninos tubos de cristal, com arabescos de esmalte, como recordação daquelle dia...
- Bonito! E digam que a gratidão não é mais que uma palavra.
- E' que a India ainda está muito atrasada... murmurou D. Clara.
- Nisto, sentiram passos de homem e houve logo um alvoroço :
- Não pôde entrar! seja quem fôr, não pôde entrar!
- Mesmo que seja o Max? indagou com malicia a Magdalena.
- Principalmente esse! Era o que faltava!...
- D. Clara saiu da sala, para explicar ao amigo que a reunião era exclusivamente de senhoras; nenhum homem seria consentido no salão. Ele que tivesse paciencia de voltar pelo mesmo caminho.
- Entretanto, a Condessa indagava :

— Vocês já viram alguma vez Madame Z. na igreja?

— Nunca.

— Porque se lembrou agora da Madame Z? E' uma mulher tão insignificante...

— Insignificante? Acho-a até uma linda mulher.

— Sim, mas... *ça manque de chic. Elle a l'air rigide d'une statue grecque couverte de chiffons parisiens... pas même parisiens! berlinois!*

— Dizem que ela é assim esquivada por ser rispida em questões de moral, como...

— Não te dês ao trabalho de procurar comparações, Clara; hoje em dia, a moral sofre falsificações como o vinho.

— Não digas isso, Magdalena.

— Ora se digo! Senão, respondam: se a tal Madame Z. fosse assim tão rispida, frequentaria a Xaviera?

— Quem é essa senhora? indagou a condessa.

— A Xaviera é a mulher de um fabricante de conservas, filha de um estancieiro rio-grandense e irmã de um corretor rico, o Belmiro, que está agora nos Estados-Unidos. O marido é gordo como uma pipa e rico como um nababo. Têm aqui no collegio duas filhas, já taludas. A mais velha é amiga da minha sobrinha, chama-se Marília. A segunda é uma flor.

— Marília! Tenho idéa desse nome...

— E' o da cadelinha de Mme Korsakoff, disse a Baltazar.

— Marilia de Dirceu! murmurou a condessa.

— Que Dirceu? indagou a Baltazar, que tinha distrações.

— Um pintor italiano da antiguidade, explicou a Magdalena, piscando um olho.

A Baltazar disfarçou, percebendo a perfidia e Magdalena continuou:

— Diz-se que a Marilia quer fazer-se freira para redimir os pecados da mãe.

— São assim tantos?

— Que de romances na vida!

— De onde conhece você essa Xaviera?

— Das *premières* do teatro e da missa na matriz da Gloria. Ela é interessante e tem crônica... Veste-se bem e pinta-se melhor.

— Já estou morta por conhecer essa senhora, a filha e tudo! confessou a condessa, sempre curiosa.

— E o marido, não?

— Também, também!

Nesse momento, a criada anunciou a chegada das senhoras Guimarães e cunhada. Vinham da igreja, onde a última comungara, esforçando-se por esse motivo por dar ao seu rosto viril, sombreado por um par de sobranceiras largas e negras, uma expressão de suavidade.

A mais velha das casadas gostava de mostrar

as meias de sêda da côr dos sapatos, cruzando as pernas em atitudes comodas e desembaraçadas. A do meio tinha um riso lindo, em que os seus trinta e dois dentes resplandeciam como joias raras.

Como tivessem chegado de uma viagem recente, misturavam a tudo o nome de Paris e de Vienna d'Austria, onde tinham visto o imperador Francisco José acompanhando uma procissão !

— E o Kaiser ? Vocês também viram o Kaiser da Allemanha ? É uma personalidade !

Parecia-lhes que sim...

Como ? não tinham certeza ?

— Não...

— Que exquisitece ! Expliquem-nos.

Houve uma anciedade.

— Foi em Berlim ?

— Não.

— Em Corfú ?

— Não, foi no *Lahmann Sanatorium*, onde estivemos tomando banhos de ar.

— Vocês também ? perguntou sorrindo a condessa.

— Nós também.

— Já ouvi falar em banhos de lama, que deve ser cousa bem execravel ; em banhos de vapor, de sol, de mar, de termas, de luz, de chuva, de igreja, de electricidade, de leite, lustraes ; mas ainda não

tinha ouvido falar em banhos de ar. Como se toma isso, em frente a algum ventilador?

— Não. Passeando-se despida no parque do estabelecimento.

— Quê!

— Nuas num parque, á clara luz do dia?!

— Então? Não ha nada de escandaloso. E' disciplina medica.

— Olhem que a medicina, ha uns tempos para cá, têm inventado cousas!...

— Que nefelibatismo! exclamou Magdalena.

— Na verdade, ha sistemas de cura bem originaes. Principalmente na Alemanha.

— Canalhas de medicos...

— Alto lá, bemfeitores! Porque é já sabido que todos os processos, no principio, curam.

— Nós, por exemplo, passavamos muito bem no *Sanatorium*.

— Fresco *Sanatorium*.

— Muito fresco! Delicioso. O que lhe posso assegurar é que, de longe, era bonito de ver-se através das sombras moveiças do parque, aquelas mulheres louras, cobertas apenas por tunicas transparentes de *pongé* rosa, azul, verde ou lilaz, ao lado de outras mulheres passeando ao sol em plena nudez, como no Paraiso.

— Não posso conceber paraiso sem Adão...

— Mas era bonito só de longe? por que? insistiu alguem.

— Porque a distancia imprimia uma certa irreabilidade ao quadro...

— Sempre estou com corta curiosidade de saber como se arranjariam as feias...

— As feias eram quasi todas. Nunca imaginei ver tantas cicatrizes na minha vida.

— Onde?

— Nos ventres. As Européas parece que se fazem operar por prazer...

— São as apendicites...

— Vocês deviam ter feito um figurão!...

— Eu parece que lhes metia um pouco de medo, disse a cunhada das Guimarães, arqueando as sobrancelhas.

— Por que?!

— Porque sou muito cabeluda! E mostrou o braço até á altura do cotovelo, velado por uma penugem negra e macia.

Riram-se.

— Basta olhar-se para as suas sobrancelhas, para a gente ficar um pouco assustada! disse a Magdalena, confiadamente. E logo depois:

— Morro por uma cousa.

— Qual?

— Saber como puderam vocês lobrigar o Imperador Guilherme II no meio dessa imensa confusão, ou antes, no meio dessa simplicidade de corpos. Disfarçado não podia ser!

— Escuta, filha, é que o *Sanatorium* tambem

... para homens. Um dia, estávamos folheando um album de fotografias da sala, — nós gostávamos muito de ver os retratos da sala, — quando vimos um militar de bigodeira suspensa atravessar o corredor, acompanhado por um grande grupo de homens. Dizia-se no dia seguinte que esse militar era nada mais nada menos que o proprio imperador !

— Ele não as teria visto... no parque? !

— Oh ! não ! Ali impera a moral mais rispida.

— Tal e qual como a de Madame Z !

— Sómente, os homens faziam-se fotografar em pelo e incluíam os seus retratos no album do salão !

— Percebo agora !

— Percebe agora o quê ?

— Porque vocês gostavam de folhear os albums e fotografias...

— Má !

— Estamos aqui muito bem, mas são horas do almoço. Vamos ? convidou a dona da casa.

— Você não se teria esquecido, Clara, que hoje é sexta-feira e que não dispensamos peixe ?

— Não. Ainda hontem padre Gil me recomendou que não esquecesse nenhum preceito...

— Mas padre Gil come carne ; padre Gil come tudo ! disse Magdalena.

— Em opposição ao padre Pierre, *qui ne mange*

que des bonbons... respondeu a dona da casa com ironia.

— Não, que o padre Pierre tem mesa fina! Trata-se.

— Bem, bem! sentenciou a condessa, deixemos a religião em paz e vamos aos camarões. Onde é o meu lugar?

— No centro, á direita. Mas leiam os nomes nos cartões.

— Linda mesa...

— Você tem uma bela cristalaria!

— Não é má...

— Que vinho é este, Clara?

— Veja no rotulo... Eu não entendo de vinhos...

— Nem eu.

— A garrafa não tem rotulo. E' de cristal.

— Então deve ser Porto, Madeira, ou Xerez!...

— Ou outro qualquer...

— E' um vinho branco, para o peixe.

— A proposito de vinho, querem saber a novidade que o Roberto Flores me trouxe hontem do Rio?

— Diga!

A condessa fez-se esperar um instante antes de continuar:

— Corre no Rio que a Looking-glass é corista do Alhambra de Londres e que o Goldenberg é tanto pai dela como de qualquer de nós!

-
- Eu logo vi. Ela tem modos de *écuyère* !
- *Quelle horreur ! Mon Dieu ! mon Dieu !*
- Constava que eles vinham fugidos da policia ingleza e que o parentesco foi inventado no Brazil por disfarce.
- Que teriam eles feito em Londres, para fugir !
- Talvez algum desfalque. O Goldenberg sua libras esterlinas.
- Eu sempre desconfio dos estrangeiros endinheirados que nos visitam. A America nasceu para os pobres...
- E para refugio dos criminosos.
- *Quelle turpitude !*
- Se isso fôr verdade, sempre quero ver a cara com que ha de ficar muita gente que aqui recebe os Goldenberg, como outro dia o Karsakoff. Não se lembram dos urros do Goldenberg, vendo dançar os pretos ?
- Serão amantes ? perguntou Magdalena, E D. Clara mostrou-lhe com os olhos a figura da Guimarãesinha que, nessa manhã, comungára e se refazia das fraquezas do jejum com o ensopadinho de camarão com palmito.
- Que horrores !
- Que horrores, o quê ?
- E' cá uma idéa !
- Você tambem tem disso ?
- Sempre. O que não tenho agora é peixe, que me faz mais falta.

D. Clara fez sinal á criada que servisse o peixe.
— Com o seu gosto pelas originalidades a Korsakoff é capaz de ficar agora delirando pela Looking-glass... Sabem que no dia 7 de Setembro, ela foi cumprimentar o Presidente ao Palacio com um sapato de setim escandalosamente verde e outro escandalosamente amarelo?

— Historias!

— Palavra! Vocês nunca a ouviram dizer: — *Nous n'aimons pas la vulgarité en Russie...?*

— Quantas vezes! Foi por isso que ela fez dançar os pretos na sua sala.

— E é amiga da Looking-glass.

— A Looking-glass *en maillot* deve ser pavorosa.

— Menos do que no tal parque da nudez...

— Se vocês fossem artistas poderiam ter trazido de lá uma aquarela...

— Deus nos livre!

— E o medico?

— Esse sim, era um artista!

— Até onde nos levará a medicina moderna?

— Até ao Paraiso, — está-se vendo.

— *Il faut recommencer...*

— Mas, nós não fazemos outra cousa na vida!

— Não! Nós tambem...

Magdalena teve de suspender a frase a um novo e imperativo olhar de D. Clara, designando a comungante.

— Diabo... como estas *jeunes filles* atrapalham

III

*Duas almas que se procuram e se
desencontram.*

O casamento da Silveirinha tinha-se feito á capucha, por luto recente na familia do noivo.

Desde esse dia, o casal fôra habitar á parte, numa casa de aluguel já mobilada e de aspeto elegante, embora simples. Esse acontecimento tomára assim em Petropolis a apparencia de um accidente vulgar, sem importancia. O marido continuou a ir normalmente ás suas visitas no hospital, e a mulher a casa das pessoas das suas relações.

Mas depois do seu casamento com a Silveirinha, o Dr. Jordão descaía ás vezes em tristezas, que impressionavam os amigos.

E' que a mulher evitava intimidades. Saía todos os dias, a horas desencontradas, sósinha e sem dizer para onde, como se fugisse da sua companhia. Muitas vezes, ele voltava, ancioso, para casa, na doce esperanza de uma convivencia amavel; mas logo ao entrar, esbarrava com a criada que lhe dizia :

— A senhora saiu...

— Deixou dito para onde ia ?

— Disse que ia visitar uma amiga, mas voltava cedo...

— Está bem...

E ele entrava para o escritorio, disfarçando a sua decepção, mas não tanto que a ladina da criada não a percebesse. Começava então a tragedia de abrir e fechar livros e de atirar cigarros apenas começados para o cinzeiro de bronze, em pouco tempo repleto.

Quando ela voltava, alegre ou abstrata, com as mãos cheias de flores ou repassando apenas materialmente as continhas de ouro do seu roزاریo, seguro á cinta por um broche, ele retinha a custo a palavra de censura que lhe saía da garganta sufocada. A's vezes, dominando-se, ia beijal-a, procurando convencil-a, no meio de caricias : mas Guiomar repelia-o, fechando-se no quarto, a duas voltas de chave : outras vezes, porém, era ela quem se atirava de encontro ao seu peito, erguendo para ele a boca num gesto convidativo.

— De onde vens ?

Ela respondia sempre, com um grande ar de ingenua sinceridade, que vinha da casa da Condessa da Penha-Rosa, ou da casa da Baltazar Luz, ou da casa da irmã... Não reconhecia as glicínias que ela trazia nas mãos ? pois eram da varanda do pai...

E gabava sempre os deliciosos momentos que

tinha passado com as outras, a fazer musica. Decididamente, quando voltasse para o Rio, recommearia a estudar seriamente o canto e o piano; ele que se fosse armando de paciencia para a ouvir martelar no teclado, pelo menos tres horas por dia...

— Quatro! cinco horas, filha! prefiro tudo a este inferno de nunca estar contigo. Por que não esperaste pela noite, para irmos juntos? Tambem eu gosto de musica, mas gosto sobretudo da tua companhia, que me falta cada vez mais.

— E' que eu não quero roubar-te aos teus clientes...

— Não tenhas tantos escrupulos.

— Em todo caso, nada nos impede de sair á noite...

— Não gostas então de estar em casa?

— Oh, eu adoro a minha casa!

Ele sorria com tristeza mal dissimulada.

Vendo-o entristecido, ella sabia com habilidade desfazer-lhe as más impressões. Fazia-se então carinhosa, inventava pieguices quasi infantis, que o obrigavam a sorrir.

— Criança!

— Alto lá! lembre-se que tenho vinte e tres anos...

— Mas o teu juizinho agora é que vai crescer... A's vezes cismo; se tivermos um filho...

— Uma filha!

— Ou seja uma filha, como a has de educar !
— Ora essa, mal, talvez !
— E' o meu receio. Tens o humor tão desigual...

— Deixa estar; quando a nossa Maria vier...

— Maria ! teria graça. Por que ?

— Porque é o nome de Nossa Senhora.

Ele ria-se, abalando-se todo numa gargalhada sonora. Ela insistia, já ofendida, muito seria :

— Maria de Lourdes.

— De mais a mais !

— E até aos quinze anos não vestirá senão branco e azul.

— Pobre criança !

— Eram as côres que Nossa Senhora usava...

— Ficam-te muito bem esses sentimentos, mas também tenho os meus e...

Ela continuava, sem querer ouvir-o :

— No dia do batisado, daremos uma grande festa, em regosijo pela sua entrada no Reino Christão. Já tenho pensado nos padrinhos... Minha irmã já me declarou que não quer saber de afilhados. Tudo que papai lhe dá, parece pouco para as suas economias ! Portanto, precisamos ir pensando em outra madrinha para a nossa Maria de Lourdes.

De risonho, o marido se ia pouco a pouco tornando sério. Ele percebia que, sob a frivolidade do tom em que falava, a mulher não dizia tais cousas

em vão, provocando-o, em ar de caçoadada, para um duelo futuro em que as suas opiniões e vontades se haviam de combater.

— Tem paciencia, respondia ele, se quizeres batisar a tua Guiomar...

— Maria!

— A tua Guiomar, batisa-a; mas sem estardalhaço, e que eu não saiba.

— Havia de ter graça! Demais a mais Guiomar! porque?!

— Porque é o teu nome.

— Eu detesto o meu nome. Não ha santa Guiomar...

— E eu adoro-o!

— Não sei porque.

— Porque é o teu.

— Obrigada. Deixa-o então só para mim. Minha filha scrá Maria. Quem escolhe o nome é a nai.

— Se é por isso, quem registra a criança é o pai. Vé como fica bem soante: Guiomar Jordão.

— Maria de Lourdes da Silveira Jordão.

— Sim, Silveira, tinha-me esquecido; mas não Maria...

— Não penses que hei-de criar minha filha fóra lo gremio da Igreja. Ela fará a sua primeira conunhão aos dez anos e...

— Pobre martir.

— E será educada num collegio religioso.

— Nunca. Será educada em casa, ao pé de nós dois, entre o nosso carinho e sob a nossa vigilância.

— *Notre mère* não me perdoaria...

— *Notre mère* é nossa Mãe: quer dizer a tua ou a minha. Estão ambas mortas. Não conheço outra. E deixa-me dizer-te, com franqueza: acho uma profanação darem vocês esse título a uma extranha. Mãe ha uma. Só uma!

E a proposito daquela filha, Maria ou Guiomar, cujo aparecimento nada ainda parecia anunciar, a discussão tornava-se ás vezes longa e irritante. Ela acabava chorando, ele saindo para a rua. Quando isto acontecia, os olhos da Silveirinha secavam-se depressa; um clarão os traspassava como um raio de sol apóz a tempestade. Relataria toda aquella conversa ao padre Pierre e elle lhe ensinaria a domar aquele homem, a transformar aquella alma, que a sorte lhe dera por companheira na vida.

No fim se havia de vêr quem era o mais forte! Um relampago de orgulho passava então pela sua frente palida, de mulher dominadora, e as mãos finas contraíam-se-lhe no instinto de querer esmagar, para vencer.

Corria ao seu quarto, abotoava á pressa um vestido, atirava um chapéu sobre a sua cabecinha estonteada e corria a contar tudo ao seu amigo e director espirital. Ele ouvia-a com calma, insi-

nuava-lhe paciência. Roma não se fez num dia, e ha almas mais complexas e difíceis de refundir do que cidades. Ela que o levasse por bem com exemplos e frases inspiradas no amor de Deus. Ensinava-lhe algumas que ela escrevia a lapis no seu *carnet* de prata, para não esquecer... e concluia citando como suas as palavras de um velho poeta latino :

« *Le jeune rameau se courbe sous une main prudente, il se brise si vous faites sur lui l'épreuve de vos forces* ».

Um dia de maior desespero, a Silveirinha confessou ao padre :

— Meu marido é mais forte do que eu supunha. Se eu adivinhasse que a luta teria de ser tamanha, preferiria ter ficado solteira...

— *Ma pauvre petite brebis ! Du courage !* Se Deus a chamou para o lado de um rebelde, foi por que a viu com o poder de o redimir. A sua missão é superior ás forças banais das almas comuns. Continue na sua campanha de redenção. Seu marido é como uma criança perdida num caminho errado, precisa de quem lhe dê a mão ; mas, como os homens são vaidosos, não lhe deixe perceber o seu esforço ; traga-o ao bom destino por meio do seu amor e da sua boa inspiração.

— Mas, padre Pierre! ás vezes sinto-me impotente, sem argumentos, e sem coragem nem para um simples sorriso... Se ele nega o que eu

afirmo, fal-o de um modo tão positivo que chego a ter medo !

— Medo de quem, minha filha ?!

— Medo de mim, padre ! Ha na minha razão qualquer cousa que extremece, que vacila e então...

— E então, quando ele expandir essas teorias diabolicas, tape bem os ouvidos ou fuja. Nesse dia, não consinta nem o mais leve contato do seu corpo, todo infiltrado da peçonha maldita... A cada uma das suas heresias, retraia-se e faça-lhe sentir a distancia que ha entre os dois.

— Enorme !

— Mas sempre que o vir humilde, bom, penetrado da sua influencia, seja então a esposa que a Igreja aconselha : docil, meiga, obediente..,

Ela córava, ele alizava-lhe as mãos assetinadas, em que o ouro da aliança reluzia.

— Tenha fé ; eu rezarei para que o milagre se cumpra. Volte amanhã...

— Amanhã ?! Ele já desconfia das minhas saídas...

— Eu irei visitar a condessa ás cinco horas da tarde. Será um encontro de acaso — concluia o padre.

Não era preciso dizer mais. No dia seguinte, encontravam-se em casa da condessa, onde ele com os olhos lhe impunha silencio, contendo-a a distancia. Sem se dizerem uma palavra, ela vol-

tava reconfortada, segura do seu apoio e da sua bençãam.

Foi de volta da casa da condessa que ela encontrou, um dia, o marido passeando agitado pelo seu escritorio.

— Estou aqui sózinho ha quasi duas horas!

— Sim?

— E' uma estupidez casar-se a gente para não ter mulher.

— E'

— Divertiste-te, ao menos?!

— Diverti-me.

— Logo vi. Bastava estares longe de mim.

— Bastava.

— Nem ao menos disfarças?

— Nem ao menos.

Ela dizia isso descalçando as luvas, tirando o chapéu com o modo mais natural do mundo.

— Em casa de tua irmã?

— Na da condessa.

— Da implicantissima condessa! Sabes que por aí toda a gente fala dela com o tal Roberto Flores?

— Nunca faltam as más linguas. A condessa podia ser mãe do Roberto.

— Mas como não é nem mãe nem tia, prefere ser outra cousa.

— Está no seu direito...

— Não está : ou então, fuja da sociedade.

-
- Ninguém viu nada.
- Também era o que faltava.
- E se ninguém viu, ninguém tem o direito de falar. Ela é uma senhora piedosa, temente a Deus e amiga das suas amigas. E' só o que sei. Foi enfermeira desvelada de minha mãe e basta esta razão para o seu nome ser respeitado em minha casa. Quem foi que te falou de Roberto Flores?
- Toda a gente.
- Pensei que te ocupasses só com a tua medicina e com o falar mal da religião.
- Bem vêes que te enganaste.
- Bem vejo.
- E' melhor acabarmos com isto que não pôde ser agradável a nenhum de nós, e irmos antes pagar a visita á senhora do Zacarias.
- Pagar a visita? Mas quando ela veio cá nós não estávamos em casa...
- Não quer dizer nada. Deixou-nos o cartão.
- Nem já me lembrava disso. Se queres que te fale com franqueza, embirro solenemente com a tal Madame Z. !
- Chama-a pelo nome.
- Madame Z. é como é conhecida. Tem um nome de caçoada o dá-se ares de grande seriedade!
- Por que embirras com ela ?
- Não sei bem. Acho-a muito burguezia, e,

francamente, eu só gosto das pessoas da minha igualha.

— Tem graça. Qual é a diferença que ha entre ti e a mulher do Dr. Zacarias, faze me o favor de me dizer?

— Oh! nenhuma! respondeu Guiomar com ironia.

— Está claro. Não são ambas da mesma classe social? Tu és casada com um medico, ela é-o com um advogado.

— Eu não nasci no dia do meu casamento.

— Tu és filha de um corretor, ela é filha de um industrial; tu és branca, ela é branca.

— Isso é que eu não sei.

— Sim: ambas são da mesma raça, do mesmo paiz e até da mesma roda!

— Não! Madame Z. vive numa roda muito diferente da minha.

— Por que não quer frequentar a tua, então.

— Porque não póde.

— Minha filha, no Brasil, uma senhora casada com um homem como o Zacarias, frequenta quantos e que salões quizer.

— Ninguem a convida...

— Tu mesma já me disseste que a viste na noite do maxixe em casa dos Korsakoff.

— Tambem em casa do Korsakoff estava a Looking-glass, que dizem ser uma corista do

Alhambra, de Londres! A Korsakoff é uma original.

— Não duvido que a Looking-glass tenha sido corista. Em todo caso...

— Emfim, o que eu acho que falta a Madame Z. são certos habitos de sociedade.

— Mas como sabes disso, se a não frequentas?

— Pelos outros.

— Os outros são injustos. Procura julgar sempre das cousas e das pessoas por ti propria.

— Queres-me fazer ter ciumes da Madame Z?

— Ora, que tollice!

— Parece-te tão cheia de perfeição! Depois de teres dito o que disseste da condessa, falas desta como de uma deusa!

— Eu não inventei nada a respeito da condessa; repeti o que toda Petropolis diz. Assim como da amiga.

— D. Clara?

— D. Clara.

— Com o Carlos Max?

— Com esse.

— Isso é já muito antigo.

— Nesse caso é virtude.

— A da constancia! Pois vou-me vestir para irmos á casa da Madame Z. Acaba-se com isso de uma vez.

— A casa do Dr. Zacarias! interrompeu o medico.

— Ele é teu amigo ?

— E'

— Ha muitos anos?

— Ha alguns.

— O que não impede de ser bem feioso... Tens ido muitas vezes á sua casa ?

— Algumas. Mas não percas tempo. Vae-te vestir. Esperarei, lendo.

— Já vou, mas quero dizer-te antes uma das razões por que embirro com aquella senhora...

— ?

— Nunca a vi na igreja !

— Oh ! filha ! mas é demais !

Deixando o marido com o seu espanto, ella sumiu-se atraz do reposteiro, gritando pela criada, para ajudal-a a vestir-se.

Sentiu-se má ; excedera-se talvez, mas já se arrependia, prometendo a si mesma dispensar á mulher do Zacarias deferencias que lhe rehabilitassem a consciencia.

Emquanto se empoava e vestia em frente ao espelho da « toilette », o marido lá fóra chegou á janela e respirou com força o ar fresco da noite, impregnado do aroma das magnolias da rua. Sentia-se oprimido. O coração pesava-lhe no peito como se se tivesse transformado em chumbo. « Ha de ser chuva que vem por aí », murmurou elle, levantando a cabeça para o céu a ver se havia nuvens. Não havia nuvens, havia estrelas. A causa

d'aquela afrontação poderia também ter sido causada pelo trabalho desse dia, ao lado de um doente de muita responsabilidade... A pensar no doente, pensava ainda mais na mulher, que parecia ter o propósito de misturar a religião em tudo! Ao principio achava graça naquilo ; começava agora a temer e a irritar-se. Era demais. Acendeu um cigarro e encostou-se ao peitoril.

Insistiria ela no assunto para o aborrecer? para o convencer? Para quê?

IV

*E' mais facil aos pecadores desejarem
que os virtuosos se nivelem a eles, do
que desejarem eles nivelar-se aos vir-
tuosos.*

Palestra em casa do Dr. Zacarias.

— Poucas sociedades terão mudado de face de um modo tão extraordinario e decisivo como a nossa mudou nestes ultimos dez anos; dizia Gastão Soares ao Dr. Zacarias. Para se perceber bem isto é preciso passar-se uma temporada fóra, como eu passei.

— Na verdade, temo-nos transformado...

— Não sei se em todas as classes se dará o mesmo fenomeno que observo naquella em que vivo; mas é provavel que a causa que alterou uma, tenha tambem tido sua influencia sobre as outras.

Acredita meu caro Zacarias, que a casa onde me sinto ainda como dentro da alma antiga da minha terra é a tua, porque entre outros habitos brasileiros, vejo ainda nela respeitada a doce lei hospitaleira da porta aberta, que está hoje substituida pela da recepção em dia certo. O Brazil bonachão, tornou-se um catita, ainda um pouco

desorientado, mas com magnificas intenções de se aperfeiçoar no estilo insincero das apparencias. Estou triste. Vejo alguma cousa mais do que este desconforto material de uma vida absurdamente cara e alheia a simplicidades doces...

— Que vês tú?

— Um relaxamento moral tão grande que chego a duvidar da acuidade da minha observação...

Houve um pouco de silencio meditativo. O Dr. Zacarias disse depois :

— Todas as sociedades têm as suas crises transitorias, e que mesmo pela sua instabilidade são desorientadoras. O nosso periodo revolucionario ainda não acabou; é preciso não te esqueceres disto. Estamos ainda dentro da caldeira politica, cuja fervura varia de intensidade, conservando-nos comtudo em constante ebulição. Quando a caldeira descançar e descermos a uma temperatura normal, revirá o bom senso; emquanto isto não acontecer a vida e os costumes terão de estar sujeitos ás contingencias de um artificio inconciente e perigoso. A desorganização que te parece notar na sociedade que frequentas, é uma consequencia do tempo e não um sintoma do carater nacional.

Gastão Soares levantou-se, foi á janela sacudir a cinza do charuto, emquanto o Zacarias falava, recostado numa cadeira de balanço.

Depois, voltando-se para o amigo :

— Desgraçadamente eu aprecio tudo isto de um modo muito diferente. Considero esta época demasiadamente longa para estar ainda no refluxo da onda que transformou o nosso regimen politico e que o transformou sem os abalos terriveis que são só os que deixam vibrações demoradas. Antes de culpar uma arvore pelos seus frutos podres, é preciso observar na atmosfera ambiente as causas dessa podridão. Mas aqui ninguem se dá a esse trabalho e até parece que todos se deixam gostosamente contaminar pela decomposição, que se torna assim geral...

— Será bom fugires a tempo... disse sorrindo o advogado.

— Morto por isso estou eu já. Volto para a velha e corrupta Europa, agora rejuvenecida a meus olhos com uma alma candida, de adolescente!...

Como se não interessasse por tais assuntos, a dona da casa conversava noutra extremidade da sala com a sua amiga Xaviera.

Alta e magra, a Xaviera tinha linha. Nos seus grandes olhos castanhos, sublinhados por uma orla enegrecida de pinturas, parecia arder constantemente a chama de uma paixão sopitada. Os cabelos pretos encrespavam-se-lhe na nuca, como encolhidos por crispações amorosas. Não era bonita, mas tinha uma expressão sedutora e rara.

O marido, o gordo Juventino Teixeira, fabricante de conservas e de licores, prestava atenção á palestra do Gastão Soares, acariciando entre os joelhos um dos filhos mais novos do Zacarias.

De vez em quando, o pequeno tentava uma arremetida para se libertar, mas as mãos cabeludas do fabricante subjugavam-n'o e a criança esperava uma frouxidão distraída, para a fuga.

Foi nessa atitude que os surpreenderam o Dr. Jordão e a Silveirinha.

De relance, depois dos primeiros cumprimentos, a Xaviera examinou a recémchegada da cabeça aos pés, concluindo que aquella mulher de apparencia delicada, guardaria, embora depois de casada vinte anos, o nome por que fôra sempre conhecida em solteira : — Silveirinha — tanto era nela acentuada uma expressão de inconfundivel individualidade. Nunca a vira de tão perto. De longe, na missa das dez na matriz da Gloria, no teatro, ou mesmo na rua, sempre lhe tinha parecido feia, por demais esguia, com o peito e os quadris chatos como os dos rapazinhos e a pele descolorida, de um branco embaciado. De perto, compreendia poder ter havido nela qualquer coisa que atraísse o Jordão, além do dote... A voz tinha uma sonoridade doce e cheia e o seu olhar guardava no fundo um misterio que excitava a curiosidade e o desejo da indagação.

Depois, percebia agora que ella sabia vestir-se.

O seu traje de seda crua com bordaduras a torçal, seguro no peito por um pequeno dragão de esmeraldas e diamantes, recendia a Paris; assim como o chapéu, de um modelo novo e ousado de que irrompia, em desesperado alvoroço, um feixe riquíssimo de penas côr de cobre novo.

— Cinco filhos?!... oh, a senhora tem bastante com que se entreter! Como se chamam? perguntava ela á dona da casa, que enumerou, sorrindo :

— João, Luiza, Marieta, Claudio e Roberto.

— Costuma vir todos os anos a Petropolis?

— Nem sempre. Preferimos ás vezes ir passar o verão em Terezopolis ou em Palmeiras...

— A bem dizer eu, no Brazil, só compreendo um lugar — Petropolis; tanto que tenciono prolongar a minha estação aqui este ano até fins de Maio... A senhora tambem está veraneando aqui? perguntou ela, voltando-se ligeiramente para a Xaviera, que sabia perfeitamente não ter ido a Petropolis senão por dous dias.

— Não senhora. Sou muito fiel ao meu Rio de Janeiro; não o troco por cousa nenhuma. Vim ver duas filhas que tenho no collegio de Sião e vizitar Z. Voltarei amanhã...

— Pelo que vejo, a unica inconstante aqui sou eu! notou a dona da casa, visto que se você não

sai do Rio, também Madame Jordão não deixa de vir a Petropolis todos os anos...

— Todos! Os ares e as flores daqui sempre me seduziram. Não gosta de flores?

— Quem não gostará de flores! exclamou a Xavieria, ao mesmo tempo que a D. Zelia respondia:

— Por força! Além disso a vida aqui é mais facil. Temos melhores criados...

— Só essa felicidade! No Rio é um inferno.

— Aqui também eles não são tão bons assim...

— A minha casa está em crise! disse a Xavieria. Sairam, ao mesmo tempo, cozinheira e lavadeira. Imaginem!

— Que horror!

— Realmente, a vida de uma dona de casa é uma cousa bem triste...

— Para quem tem muitos filhos, como a senhora, é que isto aqui oferece vantagens, por causa dos collegios, observou a Silveirinha.

— Eu ensino os meus em casa, atalhou D. Zelia. Ainda hoje contratei uma professora alemã, para vir morar conosco e instruir as crianças..!

— Mas é catolica... não é? perguntou a Silveirinha, num movimento incontido e irrefletido.

— Não sei. Creio que é protestante.

O Dr. Jordão interveio depressa, interrompendo o assunto, e pedindo noticias daqueles lindos serões musicais em que Zelia se fazia ouvir tão con-

decendentemente. Silveirinha retraiu-se e olhou com mal disfarçada impertinencia, para as duas senhoras em frente.

A Xaviera tinha uma expressão febril. Toda ela era quebranto. As suas roupas, fingindo-se discretas, eram provocantes. Na côr sombria do seu vestido castanho, um medalhão de platina, trabalhado com brilhantinhos e perolas miudas, refulgia como uma estrela, convidando ao descanço entre os seus dous seios pequenos e amorosos. Os seus labios carminados eram carnudos e bem desenhados, embora já levemente descaídos nas commissuras, e ó seu gesto vagaroso parecia pezar o amor em cada movimento.

A Silveirinha sabia algo da sua cronica facil e já tinha determinado de si para si não lhe oferecer a sua casa, ao despedir-se. Começara cedo a compreender o perigo das facilidades brasileiras, em que toda a gente põe ao dispôr dos outros o conforto da sua casa. Prometia a si propria ser inflexivel e não admitir na sua convivencia senão pessoas de reputação solida, bem escolhidas. E nisso o marido aprovava as suas resoluções.

Madame Z., era bem diferente da Xaviera. Se esta era esbelta e esguia, ela oragorda, serena, de uma gordura sadia, sem excesso de banhas nem arrouxos de colete.

O assunto escolhido agora pelo Dr. Jordão animava-a. Tinha abandonado um pouco o piano

por amor dos filhos, mas esperava ainda um dia voltar a estudar, como em outros tempos. Infelizmente, não tinha podido conciliar as cousas de modo a poder ser ao mesmo tempo pianista e ama de leite; mas começava a sentir saudades do teclado. Acompanhava, todavia, todo o movimento musical do Rio, não perdia nunca os bons concertos. Ainda na vespera, ali mesmo, em Petropolis, fôra ouvir a uma casa amiga musicas de Grieg e de Debussy. Ela não gostava de Debussy, todo de pensamentos curtos e errantes. E ele?

O Dr. Jordão gostava. Preferia-o mesmo a Grieg. Estabelecia-se um principio de discussão, quando vieram anunciar o Dr. Ludgero Dias. Madame Z. teve um sobresalto.

— Dr. Ludgero! por que teria ele vindo a Petropolis e a esta hora!

A surpresa de Madame Z. não passou despercebida á Xaviera, que em tudo farejava intrigas e mysterios. Silveirinha distraía-se nesse instante conversando com o diplomata Gastão Soares, que tinha abandonado a conversa com o Dr. Zacarias e viera sentar-se a seu lado, relembrando o prazer que sentira ao ouvil-a recitar um monologo em casa dos Korsakoff.

— Ah! o senhor estava lá?

— Estava lá.

— Pois assistiu á minha despedida. Nunca mais recitarei em publico.

— Não diga isso. Então agora é só para o seu marido ?

— Nem para ele.

— E' ser cruel...

Entretanto, Madame Z. levantava-se ia ao encontro do advogado Ludgero Dias, a quem apertou a mão com ar interrogativo. Ele sorriu e disse qualquer coisa baixo, que a Xaviera não entendeu. Não entendeu e por isso mesmo imaginou logo cousas extraordinarias. Por que teria ele falado tão baixo ? Por que se levantaria Zelia, e por que, ainda, teria tido aquele sobresalto ?

Emfim! Havia já dez anos que ela era amiga íntima dessa formosa Zelia honesta e fecunda, sem que jamais lhe pudesse ter penetrado o mais pequenino, o mais insignificante segredo. Toda a gente lhe gabava a sua beleza impassível de escultura, a sua côr morena, nunca disfarçada pelo *maquillage*, ao mesmo tempo que o seu caráter sem macula, e ela não podia suportar tanta superioridade numa só pessoa. Enquanto ela se debatia em aventuras perigosas, essa amiga continuava intangível e serena como uma deusa num pedestal. Nunca obtivera dela nem um segredo, não ousára nunca comunicar-lhe um dos seus. Ao principio tinha-se agarrado á sua amizade como a um escudo contra as perfidias do mundo, de que se chamava vítima; as suas relações com aquela senhora representavam como que uma garantia de

defesa contra a maledicencia da sociedade. Com a convivencia, entretanto, essa amizade tornou-se de fato imprescindivel ao seu coração sempre em temporal.

Zelia apresentava o Dr. Ludgero Dias com termos de muita simpatia ás suas visitas. Depois, lembrando-se que o pai da Xaviera era demandista e amigo de consultar advogados, quiz recomendar-lhe o seu protegido por intermedio da filha e sentou-o a seu lado com algumas palavras de apresentação, voltando imediatamente a sua atenção para o outro grupo.

Ludgero acompanhou-a com a vista, sem prestar quasi atenção á conversa da Xaviera, que o observava com um sorrizinho de ironia e de mal disfarçado despeito...

No angulo oposto da sala, Juventino Teixeira sacudia as mãos gordas em gestos veementes, afirmando que nunca o Brazil fôra tão bem governado como nos saudosos tempos do Senhor D. Pedro II.

O dono da casa sorriu, o Dr. Jordão pediu provas. Que lhe apresentasse fatos comprovadores de tal asserção. Por ele, não julgava assim. Os sessenta anos do reinado do ultimo imperador considerava-os como um largo periodo de estagnação.

— Não diga isso!

— Digo. Basta lembrar que o Brazil imperio, era um país pestifero, aterrador, de que se não

falava no mundo senão para lhe citar o calor, a febre amarela e o nome do seu imperador como sabio e filosofo...

— E como homem honesto.

— Mas que fez esse homem honesto, em tantissimos anos de reinado, para ao menos afastar do seu paiz essa reputação nefasta de paiz da Morte? Nada. Coube á Republica cumprir essa obra patriotica e redentora.

A Silveirinha voltou para o marido olhos de desespero. Juventino Teixeira replicou :

— Bom ; mas isso tambem o imperador faria mais tarde, quando chegasse a ocasião.

— Oh, senhores, mas a ocasião tinha-se apresentado já tantas vezes !

— Nunca tão bem como com o exemplo de Cuba. O saneamento de Cuba foi que nos orientou. E depois, o que ninguem póde negar é que no tempo da monarchia o Brazil vivia com outra fartura e tinha outra honestidade por base.

— Ao contrario, meu amigo ; o Brazil tinha então por base, para servir-me da sua expressão, a maior das deshonestidades possiveis — a escravidão ! Se vivia farto, era á custa de sacrificios da raça negra. Hoje, tem de pagar o que antigamente nada lhe custava ; eis a diferença, e olhe que não é pequena.

— Ha outras diferenças...

— Ha muitas outras !

— Afinal, quando a Republica surgiu, já não havia escravos. A abolição tinha sido decretada pelo trono.

— Não. Pelo povo.

— Ora essa! então, D. Isabel, a Redentora...

— Assinou uma lei ditada pelos abolicionistas. Se ela não tivesse querido assinar, teria havido uma revolução.

Juventino abalou a sala com uma gargalhada.

— Ora, uma revolução! Não creia nisso...

— Não creio noutra cousa...

— Nesse caso, o senhor não tem veneração pela memoria do Imperador?

— Não.

Silveirinha sacudiu a cabeça nervosamente.

— Chega a parecer uma heresia! exclamou Juventino Teixeira.

— Não sei porquê. E' possível que o Imperador tivesse qualidades particulares muito apreciaveis, mas um chefe de Estado não póde ser observado através do tempo senão pelas obras que executou.

— Então?

— Então pelas obras que executou deduzo que D. Pedro não cooperou como devia e podia pelo progresso do seu paiz.

A Silveirinha revolvia-se aflitivamente na cadeira. Não podia ouvir falar com menos respeito no venerando velho das barbas brancas.

Juventino exclamou desesperado, voltando-se

para o Zacarias, como a pedir-lhe que o secundasse no meritorio esforço de defender D. Pedro II:

— Pelo amor de Deus, isto é querer mascarar a verdade da historia!

— Efetivamente, murmurou João Zacarias, acariciando o queixo magro com a mão vagarosa; ele poderia ter deixado alguma cousa mais do que deixou.

— Qué! você também?!

— Por que não? Sou um homem desapaixonado, que observo tudo a frio. O segundo reinado foi, num paiz tão necessitado de energias e de iniciativas, um verdadeiro periodo de tempo perdido.

— Sempre quero saber se foi a Republica que fez a nossa civilização.

— A nossa civilização foi criada por D. João VI, o grande rei, esse sim, para quem ainda somos ingratos.

— Ha muito quem diga que não foi D. João VI quem fez nada, mas os seus ministros.

— Ainda que assim fosse, quem escolheu os seus ministros e prestigiou as suas ações adiantadas? Não acredite que um rei tão operoso tivesse sido um homem insignificante. Impossivel! D. João VI era forçosamente um homem superior.

Emquanto a conversa politica palpitava numa extremidade da sala, a Xaviera conseguia chamar

a si, pouco a pouco, a atenção do Ludgero, falando-lhe num tom de voz quente e roliço, transmitindo-lhe através da pequena distancia que os separava o calor do seu corpo flexivel, da sua carne amorosa e dos seus olhos cheios de promessas, os seus lindos olhos circumdados de bistre. Queria disputal-o á amiga, não por ele, que lhe parecia insignificante de tipo e acanhado de idéas; mas pela outra, a Zelia, silenciosa, que a enganava ha tantos anos com uma pele de honestidade e afinal se entregava tal qual ella ás delicias de um amor criminoso... Porque, com o seu farosinho atilado percebia tudo de relance: Zelia amava aquelle idiota do Ludgero, que dentro de pouco tempo, ella, Xaveira, reduziria ao que quizesse...

Já pelo modo por que a Z. se tinha varias vezes referido a esse amigo, que uma tia velha lhe mandara de presente lá do fim do seu Estado, ella desconfiara de qualquer sentimento suspeito. Zelia tinha-lhe parecido sempre muito egoista, para se incomodar assim com tamanho empenho pela colocação de um sujeito qualquer... Estranhava a insistencia, embora desanuviada e franca, com que a amiga se interessava agora pela felicidade material daquelle rapaz, só porque a titia o recommendara a sua atenção... Que excellentè sobrinha, a Zelia! Vendo-os ali juntos e supondo ter adivinhado em ambos um sentimento occulto, Xaviera

estremecia de prazer, o prazer maligno, fatal, de ver a sua amiga decida ao seu proprio nivel.

Emfim, já a não incomodaria por muito tempo a superioridade da outra...

— Falarei a meu pai a seu respeito, dizia ela a Ludgero. Mas para isso, será bom que o senhor se apresente em minha casa...

— Quando ?...

— Espere... Terça-feira ! Meu pai costuma ir visitar-me todas as terças-feiras, durante o dia...

— A que horas deverei apresentar-me ?

— A's duas...

E os olhos dela como que desdobravam mantos de veludo, que o envolviam todo.

Na sua amabilidade de dona de casa Zelia não percebia nada. Ia de um a outro, intervindo agora geitosamente na discussão politica que aumentara de calor procurando amainal-a com a sua voz prudente. Ela tinha em grande consideração a memoria dos velhos imperadores. Mas não lhe foi facil convencer aqueles senhores a mudar de assunto, tão animados estavam.

A Silveirinha sofria, agitava-se, parecia comer o marido com os olhos, absorvê-lo todo, para que ele não tornasse a maldizer do imperio, e sobretudo não aludisse desrespeitosamente ao nome do imperador. Como ele não percebesse a sua aflicção, ela levantou-se de repente para as despedidas, obrigando-o assim a calar-se. Foi ao dizer adeus

a todos que notou, apesar da sua alteração, o fulgor apaixonado do olhar da Xaviera e a frialdade das mãos do advogado, que lhe traspassou a luva. Zelia tinha uma doce expressão de confiança ao pé daqueles amigos tão extraordinarios...

Embora alterada pelas opiniões do marido, foi nisso que ela saiu pensando.

Afinal, aquella Madame Z, tão séria, era intima da Xaviera, tão desacreditada, e não vacilava em se interessar com tamanha vivacidade por um rapaz solteiro de ar pobretão... Dentro daquilo tudo deveria haver qualquer feio enredo... Que seria?

Foi ao deitar-se que ela disse ao marido :

— Estiveste hoje muito inconveniente !

— Como assim, eu ?

— Tu, sim.

— Ora esta, quando ?

— Quando falaste mal do imperador.

Como ele se risse e quizesse beijal-a ella retraiu-se muito amuada e não se falaram até ao dia seguinte.

V

As artes da Xaviera e as de Jorge de Menezes.

Terça-feira, ás duas horas, Ludgero batia timidamente á porta do fabricante de conservas Juventino Teixeira, depois de ter dado uma sacudidela rapida com o lenço nas botas empoeiradas. Arrependeu-se logo daquelle movimento, temendo estar sendo observado por alguém, através das venezianas. Olhou á roda. O aspeto da casa encantou-o. Dentro de um jardim á inglaterra, a residencia da Xaviera tinha em cada angulo dous grandes tufos de manacás e de palmeiras, abrindo-se no centro por meia duzia de largos degraus de marmore, que alvejavam no meio de relvas irrepreensiveis.

Ludgero gostou. Vinha cansado de pobreza e pelintragens provincianas. Desejava ser um dia dono de um palacete assim no Rio de Janeiro, e ter automovel bem posto e ser citado nos jornais, nas rodas da aristocracia.

Veio abrir-lhe a porta uma criada á européa, de vestido preto e avental branco. Logo que ele

lhe entregou o cartão de visita, ela fez-lhe sinal que entrasse. Devia estar prevenida. Ludgero seguiu-a através um vestibulo com vitrais a cores e cadeiras altas, de couro lavrado, no velho estilo espanhol. Entrou depois numa pequena sala alcatifada de verde-ervilha, por um rico Aubusson, sobre que se espalhavam moles divans e macias almofadas. Nas paredes, algumas aquarelas e livros de gravuras espalhados sobre uma mesa de laca verde-clara e de cristal.

— Que ele tivesse a bondade de esperar ali a senhora...

Ludgero vestira o seu melhor terno, mas em face daquele interior luxuoso, observou-se com desconfiança num espelho esguio que enfeitava o vão entre duas janelas. Os tons verdes da sala como que lhe enegreciam ainda mais o moreno bronzado do rosto; o cabelo todo puxado para trás e muito liso, dava-lhe um aspeto de roceiro ao domingo, e o colarinho muito alto não faria, em parte nenhuma do mundo, as glórias de uma engomadeira. E tudo isso era irremediavel! Vendo-se tão exquisito ao espelho, teve medo do ridiculo. Reparou para as unhas e achou-as lividas e sem esmalte. Tambem que idéa de fazerem uma sala verde, num paiz de morenos! Se fosse para falar á sua boa amiga Z. pouco lhe importaria a sua apparencia. A meiga senhora era tão tolerante e tão simples! mas esta infundia-lhe uma grande

impressão de susto a que se mesclava o desejo de agradar, de parecer bem. Começava a arrepende-se de ter aceitado aquela entrevista; presentia cousas terríveis; a sua alma estava como a de um animal ante um perigo desconhecido. Ia ageitar o nó da gravata, quando viu arrepanhar-se o reposteiro e aparecer a Xaviera, toda de branco com duas rosas amarelas afogadas no peito. A brancura do vestido rejuvenescia-a. Veio com ela um perfume sutil de essencia fina.

Ele gaguejou meia duzia de palavras, com ar acanhado, sentindo-se estúpido. Ela interrompeu-o :

— Quem tem de pedir desculpas sou eu. Imagine : logo hoje meu pai faltou ! E' a primeira vez que ele deixa de almoçar comigo numa terça-feira... a primeira vez !

— Não faz mal...

— O senhor é muito amavel; mas afinal tem seus afazeres, e não veio a minha casa a esta hora para me visitar, mas para ter uma conferencia com uma pessoa bem diferente de mim... bem diferente !

Ela sorriu e ele não soube o que responder.

Depois de um arrepiosinho, indagou :

— O Sr. seu marido está bom ? !

— Oh, a esse não ha mal que lhe chegue ! respondeu ela rindo com franqueza.

— Realmente ele parece gozar de muito boa saude; é gordo...

— E'...

Ela tornou a rir, mostrando uns dentes fortes e claros.

Ao encanto daquele riso, Ludgero ficou ainda mais atrapalhado. Ela olhava agora para ele fixamente, poderosamente. Ele sentia-se redobrar de pezo, afundar-se no divan.

— O Rio agrada-lhe?

— Muitissimo!

— Apesar do calor? Hoje está tão quente!

— Mesmo assim.

— Eu tambem adoro o Rio, mesmo no verão...

— E' uma bela cidade.

— E'... mas em todo caso... E ela sorriu com intenção.

— Em todo caso... o quê, minha senhora?

— Nada... ia dizer uma tolice...

— Não se calunie... diga sempre.

— Vá lá: em todo caso, o senhor preferiria neste momento estar em Petropolis; não?

— Não sei porquê!

— Oh, lá tem comparação! Aquele perfume das alamedas de Petropolis com a poeira e o estridor destas nossas ruas... Depois, os amigos...

— Ah, os amigos sim...

Pela maneira por que a Xaviera olhou para Ludgero nesse instante, ele percebeu estar em

frente de uma criatura bem feminina e bem perigosa.

Teve prazer com isso. Ela continuou :

— Ainda não tive ocasião de falar a meu pai a seu respeito. Esperava fazel-o hoje, durante o almoço, prevenindo-o, do melhor modo, da sua apresentação...

— Ficaré para outra vez.

— Sim. Não ha outro remedio. Em todo caso, para o senhor não perder completamente o seu tempo...

— Oh, minha senhora !

— Apresental-o-ei hoje a uma das minhas amigas, que é infalivel cá em casa ás terças-feiras e é pessoa de grande influencia na sociedade. Não direi que ela se compare com a Z. por exemplo, mas é muito distinta. Adoravel, a Z, não acha ?

Ele enguliu em seco antes de responder. Xaviera estava linda, com os seus grandes olhos erguidos para ele numa indagação maliciosa e ao mesmo tempo séria.

— Pois não.

— E é muito sua amiga !

— Faz-me esse favor.

— Favor nenhum. Tem até nisso muito prazer.. segundo penso.

— D. Zelia é muito generosa...

— E'... ela já me tinha falado a seu respeito

por varias vezes. E saiba que a insistencia em elogial-o era tal que cheguei a ter ciumes...

— Sim?!

— Deveras. Sabe que eu sou amiga da Z. ha muitos anos?

— V. Ex. não pode temer rivalidades.

— Sei lá! Vejo a Z. tão absorvida agora por pensamentos que eu desconheço... O que me vale é que eu tenho o dom de adivinhar... Ela nunca lhe falou em mim?

— Muitas vezes, e sempre com os maiores elogios...

— Dess'arte, o senhor deve ter tido uma certa decepção ao conhecer-me. Como os olhos dela consentissem, ele elogiou-lhe a beleza e a graça. Xaviera sorriu e acrescentou :

— Em todo o caso a Z. é mais atraente...

— Não diga isso... D. Zelia é muito distinta, mas é de um genero de beleza impassivel... e...

— Acha?!

— Acho.

De relance Ludgero percebera a verdade. Esta voluptuosa criatura julgava-o apaixonado pela amiga de tantos anos e queria disputar-lhe a preferencia. Ele não seria tão tolo que se esquivasse a um jogo tão interessante. Foi-se deixando interrogar e respondeu a tudo. De resto a Xaviera enleava-o com o seu sorriso vermelho e o seu olhar quebrado, cheio de promessas...

— Gosta de pintura?

— Muito...

— Então repare para este quadrinho. Dizem os entendidos que tem muito valor...

— Parece-me muito bom...

— A Z. tem por ele uma grande paixão. Afinal, creio que não é só pelo quadro que ela experimenta esse sentimento...

Estas ultimas palavras ela disse-as baixo, como para si. Ele sorriu indiscretamente e mordeu logo o beijo, como que arrependido. Começava o seu jôgo.

— Quando irá vel-a a Petropolis?

— Não sei... talvez domingo...

— Vai todas as semanas?

— Quasi todas...

Mentia. Ele, por economia, não se dava ao luxo de ir a Petropolis senão raramente.

— Ah... Z., com aqueles modos de indiferente sempre foi feliz...

— Sim... O marido parece amal-a muito...

— Não é só o marido... E depois de ter sorrido, ela continuou : — E de flores, gosta?

— Apaixonadamente... e olhou com atrevimento para as duas rosas amarelas do peito de Xaviera.

— A senhora ainda deve ser mais feliz!

— Por quê?!

— Porque é mais formosa!

— Não diga isso!...

— E muito mais moça do que D. Zelia... não é?

— Talvez... Realmente Z. tem envelhecido nestes ultimos mezes. Por causa dos filhos. Teve tantos!

— Cinco...

— Fôra dous ou tres que lhe morreram...

— Não sabia.

— Ah, ela não gosta, que se fale nisso... Não sei porquê! eu tenho duas... Mas que pena meu pai não ter vindo hoje! Talvez fosse por causa do calor.

— Não lamente isso por mim...

— Virá noutra ocasião?

— Quando determinar.... Na outra terça feira?

— Espere... talvez não seja preciso esperar tanto... Se viesse... no domingo?

Ludgero pensou : — Bem; ela quer furtar-me á visita da amiga — e não respondeu logo.

— Ah, é verdade, no domingo o senhor tem de ir a Petropolis!

— Por esse motivo... não... eu adiarei essa visita...

Um relampago iluminou o rosto palido da Xaviera.

— Então venha no domingo, ás tres horas da tarde. Escreverei a meu pai para que não falte.

Xaviera acabou a conversa com os olhos nos

olhos de Ludgero e desfolhando nervosamente com as mãos impacientes as suas já amolecidas e quentes rosas amarelas. Houve um instante em que se calaram e ele aproximou-se, como atraído por uma força invencível; ela então afastou-se e foi tocar a campainha, para que trouxessem á sala um calice de licor. Depois de o ter servido, e despedido a criada, ela aconselhou :

— Não conte á Z. que esteve em minha casa...

— Por quê?

— Porque... sabe que nós, as mulheres, somos muito complicadas; e faço todo o empenho em não perturbar a paz de espirito da minha amiga...

— Não sei em que a poderia perturbar este acontecimento...

— Ora não sabe! e a Xaviera riu-se.

— Não sei!

— Bom, não falemos mais nisso. Em todo caso prometa-me.

— Pois sim.

— Obrigada.

— Não ha de que...

— Ha. Eu prezo muito a amizade da Z.!

— E eu tambem...

— Percebe-se... Bem! agora adeus. Vá-se embora.

E o modo por que a Xaviera disse — vá-se embora, era como se supplicasse : — Fique!

Ele procurou o chapéu vagarosamente. Depois,

deram-se as mãos para o cumprimento e as mãos quedaram-se um momento unidas, as dele geladas, as dela quentes e tremulas.

— Então só no domingo?! perguntou Ludgero, com afoiteza.

— Estou-me lembrando agora que tenho amanhã uma prova de vestido na rua do Ouvidor... Se meu pai vier ver-me esta noite, eu combinarei que ele me acompanhe e poderei apresentá-lo na rua...

— Quando? quando?!

— A's quatro. Espere-me ás quatro no Castellões, da Avenida... Mas se meu pai não vier... ou se eu passar desacompanhada, nem me comprimente sequer...

E a um gesto dele, concluiu :

— Sabe, este Rio de Janeiro é uma terra de tanta maledicencia...

— Tem razão...

— Ainda bem que o senhor concorda comigo! Adeus! até amanhã, ás quatro horas.

Ele saiu tonto. Não poderia nunca ter imaginado vitoria tão facil nem que tanto o impressionasse. Adivinhava por instinto que tinha entrado nessa cena de franca sedução o desejo da Xaviera de suplantar a amiga. Ela não toleraria naturalmente que qualquer homem que a visse ao lado da Z., não a preferisse à Z... Devia ser isso. E ele seria tão tolo que se não prevalecesse da oca-

sião? Ao mesmo tempo, o seu orgulho de homem e ainda mais a sua vaidade protestavam: — Não! Xaviera fôra ferida por uma dessas paixões subitas, que se desvendam ao nacer. Nele, sabia-o bem, havia uma certa força magnetica, que atraia as mulheres. Não supozera que a Z. o amasse, mas via agora pelas meias confissões e indiretas da amiga que tambem ela morria por ele. Talvez tivessem trocado alguma confidencia... Na verdade, á Z. ele fizera desde o principio uma côrte inteligente e tenaz, fechada todavia num circulo do mais comovedor respeito. Via-a muito serena e muito altiva, para tel-a por amante, mas queria captar-lhe a amizade amorosa, para se sentir ba-fejado na sua vida de ambicioso pelo seu carinho eficaz e a sua proteção...

Viera do seu Estado já muito instruido pelos exemplos dos romances modernos, para saber como abrir caminho na multidão compacta dos indiferentes da Capital. O segredo estaria todo em saber fazer-se querido e protegido de uma ou duas mulheres de prestigio na sociedade. Fazer-se amado pelas mulheres é triunfar dos homens. A Z. fôra a primeira senhora elegante a quem tinha sido apresentado, e em circumstancias que logo estabeleceram certa intimidade entre ambos. Apezar de vel-a séria e socegada, ele ensaiou-se logo, demonstrando-lhe por todos os modos uma atenção especial, muito delicada e carinhosa.

Essas cousas comovem. Por mais fria e severa que fosse a mulher do seu amigo Zacarias, acabaria insensivelmente por corresponder ao seu afeto, e ás homenagens discretas e constantes do seu sentimento. Nunca lhe tinha passado pela cabeça fazer a côrte á Madame Z., mas tratara desde o principio de conquistar a sua amizade e de explorar a meiguice do seu coração a favor dos seus interesses.

Tinha tato; corteja-la seria ofendel-a; preferiu inspirar-lhe uma afeição fraternal, quasi sempre mais fertil em beneficios. E julgava ter conseguido as suas intenções.

Agora, as cousas complicavam-se; e ele não sentia com isso nenhum desprazer. O que precisava era aproveitar com habilidade as circunstancias da ocasião. Conservando a amizade da Z. que tão grande influencia tinha no seu destino, nada o impedia de amar a Xaviera, de um modo menos platonico. Renderia assim o seu preito ás ultimas letras do alphabeto e teria em vez de uma, duas forças a impelil-o para um futuro brilhante, no fundo do qual rutilava o dote de uma noiva educada e milionaria... Nada para conduzir o homem a uma mulher, como outra mulher...

Foi pensando nisso que ele entrou no seu pequeno escritorio da rua do Hospicio com o rosto iluminado, como se tivesse acabado de tirar a sorte grande.

Esperava-o em cima na saleta um rapazinho baixo e magro, de fato surrado, todo derreado no sofázinho austriaco, cuspinhando a miude. Era um conterraneo de Ludgero, que, por desempregado ia para ali passar todos os dias algumas horas e oferecer-se para cópias.

Bebia, e a sua mocidade começava a murchar por essa razão, mesmo antes de completamente desabrochada.

— Já estás aí?!

— Ha muito tempo...

— E' ter paciencia!

— E' ter necessidade. Não tenho dinheiro.

— Nem eu.

— Pois sim!

— E' o que te digo. Toma um cigarrro. Veio
alguem?

— Não. Só eu tive essa coragem...

— Que papel é esse que tens aí fóra do bolso?

— Ah... quer ver?... é um trabalhinho cá do Degas... um diploma de imbecilidade conferido ali ao comendador da esquina, que se negou a fiar-me um calice de whisky...

— Continuas então a beber paraty?

— Para mim. Para mim é que eu bebo. Os outros que se arranchem... Olhe :

E o rapazinho desdobrou uma larga folha de papel com varios dizeres em letras de diferentes estilos.

— E's um caligrafo de força !

— Olaré! E depois, uma habilidade muito especial para imitar letras. No collegio eu fazia os exercicios dos colegas por qualquer tostão e o professor não percebia...

— O professor era um burro. Imita a minha letra, se és capaz...

O rapazinho tomou de uma pena e nas mesmas costas do seu diploma escreveu uma frase na caligrafia do Ludgero.

— E's perigoso...

— Nunca exerci esta habilidade em prejuizo de ninguem ; póde crel-o...

— Simplorio...

— Como?

— Nada.

— Tens igual facilidade para imitar letra de mulher?

— Até a de uma criança recém-nacida !

— Bom...

— Por què é que o senhor me olha assim?

— Estou pensando...

— Em dar-me algum serviço?

— Exatamente...

— Agora ? Já ?!

— Não. Depois. Mais tarde.

— Que é?

— Não posso dizer por emquanto. Foi cá uma idéa que me passou pelo espirito...

Ludgero começou a revolver uma gaveta, como á procura de qualquer objeto. Passado algum tempo perguntou :

— Gostas muito de escrever?

— Tanto que só para pretexto de ter a pena nos dedos acrecentei o meu nome fidalgamente! Quando assino goso ao menos o prazer de aparentar sangue azul e prolongar o meu exercício de caligrafia...

— Que tolice...

— O senhor já leu o meu nome todo?

— Não. Póde ser que sim. Não sei.

— E' assim : Jorge de Menezes Saboia Grilo de Montalvão Rolim de Almeida.

— Realmente!

— Assusta.

— Com certeza.

— Todos pensam que sou um príncipe que venho desterrado.

— E não te dão emprego.

— E' isso...

No dia seguinte, Ludgero sentou-se ás quatro horas no terraço do Castelões e esperou. E eram já quasi cinco, quando a Xaviera appareceu, sózinha, dentro de uma *toilette* escura e muito simples. Olharam-se e nem um musculo das faces dela se contrahiui. Sabia dissimular. Ninguém poderia supôr que uma mulher assim impassivel, quasi austera, no seu modo de apparecer em pu-

blico, fosse a mesma que ainda na vespera, no interior discreto da sua casa, a portas fechadas, tanto tivesse abusado dos seus recursos de tentação. Ludgero levantou-se estonteado e andou pelas ruas sem destino, absorvido na sua felicidade.

No domingo, Xaviera, na certeza de o ter feito perder o trem de Petropolis, escreveu-lhe um bilhete, pedindo-lhe que adiasse a sua visita para terça-feira... E na terça-feira, como o pai, *contra os seus hábitos*, também tivesse faltado, conversou com Ludgero a sós, na doce intimidade da sua linda salinha verde...

VI

A grande sombra do amor...

Como se aproximasse o dia do aniversario do Padre Pierre, as devotas do seu altar e as suas confessadas organizaram uma comissão afim de angariar donativos para um mimo que lhe deveria ser então oferecido.

A idéa partira da Magdalena, que andava pelas casas das amigas, alvoroçando almas e combinando cousas.

Algumas partidarias do Padre Gil, como a condessa, como D. Clara, tinham hesitado, ao principio, em ceder o seu concurso para essa manifestação; mas por delicadeza e por pensarem que assim agradariam indiretamente á Igreja, por cujo prestigio fariam tudo, acabaram por assinar na lista da Magdalena uma quantia vistosa. De resto, não se negando a concorrer em favor do Padre Pierre, as partidarias deste não se negariam depois a subscrever na lista, em que elas já meditavam, para uma manifestação ao P'adre Gil.

As senhoras da comissão tinham-se reunido varias vezes, ora em casa de uma, ora em casa

de outra, e, apesar de muita discussão, ainda não ficára resolvido qual devesse ser o objeto escolhido para a representação da homenagem.

Entretanto, a lista ia engordando. Da roda, só faltava assinar a Silveirinha, com quem a Magdalena parecia agora embirrar, sem que ninguém soubesse porquê. Mas, como toda a gente a sabia caprichosa, esperava-se que ela de um momento para o outro pedisse para incluir o nome dessa amiga entre as demais ovelhas do excelente pastor.

Em uma das ultimas reuniões, a condessa não se conteve e advertiu-a, depois de ter percorrido com a vista interessada todas as assinaturas enfileiradas nas pautas de almoço :

— Mas você esqueceu a Silveirinha!

— Já me tardava...

— Ela não perdoaria tal esquecimento...

— Ora, adeus!

— E logo a Silveirinha, que é fanática pelo Padre Pierre!

— Ainda é mais fanática pelo dinheiro. Era a menina mais econômica do collegio...

— Lá vem você! nesse tempo ela era criança. Aposto em como se você lhe falar, ela assina logo uns cem ou duzentos mil réis...

— O marido é ateu.

— Bem se importa ela com isso! Ainda hontem a vi entrar em casa do Padre Pierre.

— Mais uma razão; acudiu Magdalena. Seria escandaloso que uma pessoa que frequenta com tanta assiduidade a casa do reverendo, lhe desse presentes em publico.

Houve indignação. Todos ali estavam dentro do segredo que levava aquela alminha aflita a expandir-se com o conselheiro inspirador que todos veneravam. E se assim não fosse, porque se reuniam elas para aquela manifestação?

Magdalena teve de calar-se, mas não consentia em dar a sua lista a ninguem. A idéa partira dela, ela tinha o direito de escolher quem bem lhe parecesse para o seu grupo...

— E a Madame Z.? lembrou alguém.

— O Zacarias é quasi tão irreligioso como o Dr. Jordão.

— E a mulher não é das nossas.

— Quando se trata de dar dinheiro, toda a gente é nossa... sublinhou a condessa sorrindo.

— Quando o dá.

— Nós já temos dinheiro suficiente, agora o principal é saber como empregal-o.

— E' verdade. Custou-me esta noite a conciliar o sono por causa dessa idéa; confessou uma senhora de respiração curta, opressa pelo espartilho. Sabem do que me lembrei, depois de muito meditar?

— Não.

— De lhe oferecer uma pia de agua benta, de ouro ou de prata.

— Isso é muito corriqueiro.

— Eu tambem acho. Antes um crucifixo.

— De crucifixos está ele farto, acudio uma senhora de ar sincero.

— Não diga isso... Em todo caso, parece-me preferivel um bom relógio de ouro, com a respectiva corrente.

— Qual relógio, qual nada!

— Então não sei.

— Sei eu! um par de fivelas de diamantes para os sapatos, lembrou a condessa, acrescentando que isso diria bem com o dandismo do presenteado...

Houve um instante de silencio, em que as senhoras se entreolharam com expressão de velada censura. A condessa percebeu o pessimo efeito da sua lembrança, mas não se inquietou com isso nem desmanchou o leve sorrisinho de ironia com que dissera a sua frase.

Voltaram então a discutir a individualidade do sacerdote francez, que tão bem sabia conquistar devotamentos. E se alguém duvidasse da sua bondade, melhor seria reverter toda aquella subscrição em favor do padre Gil. Magdalena zangou-se com o alvitre e pediu que continuassem a discutir. Então uma doce voz aflautada murmurou de um canto:

— A minha opinião é que lhe dêmos uma sobrepeliz guarnecida de rendas verdadeiras.

— Para as lavadeiras a escangalharem? murmurou outra senhora mais pratica e de voz mais grossa.

— Um *tête-à-tête* de Sèvres!

— Um padre é uma unidade isolada; não usa *têta-á-têta* como diz o Comendador Brandão, que traduz tudo! replicou Magdalena rindo.

Era difficil chegar-se a uma conclusão. A senhora do espartilho recolheu-se ao mais profundo silencio, com os olhos em alvo. A subscrição attingira a dois contos de réis; poderia ainda chegar a tres ou quatro com facilidade. Magdalena estava radiante.

Mesmo em Petropolis, ella e algumas amigas tinham uma roda á parte, que fugia da convivencia das pessoas de outras rodas. Só a condessa, muito curiosa e mais afavel e simples, se misturava á sociedade em geral, não desdenhando mesmo visitar uma ou outra familia de permanencia fixa no local. As amigas censuravam-lhe ás vezes essas facilidades. Ella ria-se. Ligava importancia a tudo; e assim como visitava gente de classe mais modesta era pontualissima nas reuniões dos diplomatas e financeiros de mais brilho.

Uma vez, indo visitar a Silveirinha, informou-a de que já ia muito adiantado o negocio da subs-

crição, indagando se afinal a Magdalena lhe tinha mandado pedir a sua assignatura.

— Você sabe, todas as senhoras da nossa rodinha figuram na homenagem : eu, a Clara, as Guimarães, a Baltazar Luz, supponho mesmo que até a propria Goldenberg, coitada, que apesar de protestante cáhiu na rêde da Magdalena, a quem quer agradar. A Magdalena está irresistivel, en- contra para todas as vacilações argumentos con- vincentes e terriveis... Sabe que tudo quanto se dizia da Goldenberg é falso? Pois é. A pobre *girl* é tão *écuyère* como eu sou dansarina. O pai é riquissimo, mas parece que volta para a patria sem achar onde empregar aqui os seus capitais ! Não lhe basta a subscrição para o padre Pierre para desaforo !

A Silveirinha mordía os beiços, num movimen- to de despeito. Já não prestava atenção ao que dizia a condessa. Pensava que se ia fazer uma manifestação de apreço ao padre Pierre no dia do seu aniversario, que nessa manifestação figura- riam os nomes de todas as suas amigas e que nin- guem se lembrára de lhe pedir o seu. Era uma pirraça da Magdalena, que se não sentia disposta a tolerar ; não e não !

— E' um desaforo ! exclamou ela por fim, aver- melhando-se toda.

— Qual desaforo, filha, distração, pura distra- ção...

— Ora, condessa, pediram até o nome da Goldenberg e não pensarem no meu!

— E' que Magdalena tinha certeza que a amiga *miss* não lhe diria que não... os negocios do pai parece que estão de algum modo entrelaçados com os do marido da outra. Você sabe, o interesse nivela raças, religiões e tudo. Sua magestade o Dinheiro enverga com a mesma facilidade os trajes de um cardeal ou os de um judeu. Tudo lhe fica bem. Quanto ao terem-se esquecido de você, não foi por mal.

— Eu sei porque foi! A Magdalena sempre gostou de inticar comigo...

— Deixe-se disso. Olhe, no seu caso, eu mandaria pedir-lhe a lista e assinaria com franqueza. E' muito compreensivel que ela tivesse tido escrúpulo de falar com você a esse respeito, por consideração ás idéas do seu marido. Não foi outra cousa.

— Competiria a mim respeitar as idéas de meu marido, se não estivesse convencida de que cada qual é livre de pensar como quer. Se ele é ateu, eu não o sou; e afinal de contas não lhe parece tambem que eu seja alguém?!

— Sem duvida; isso não se discute. Mas...

— Mas uma mulher casada não deve ter opiniões proprias, não é verdade?

— Não digo tanto...

— Mas quando as terá, então, condessa? Em

solteira, o papá proíbe-lhe as manifestações de sentimentos que não estejam de acôrdo com os seus... A menina deve ter as preferencias politicas da sua familia ; e tudo mais, da sua familia ! Depois de casada, os seus gostos e as suas idéas têm de ser subordinadas ás do marido. Será então só depois de viuva, que a mulher que enviuva, passe a ter o direito de dizer o que pensa ? Mas então os filhos não se levantarão, ordenando-lhe por sua vez que se sujeite ás suas conveniencias e que respeite as suas opiniões ?

— Se a sociedade nos deu este papel, é que nos achou com forças para o representarmos...

— Admira-me que tambem a senhora use essa velha chapa !

— Porque é muito verdadeira...

— Não fala com convicção.

— Falo.

— Pois se fala é porque, por excepção, ficou livre na vida. E' rica e não tem filhos ; faz o que quer ; diz o que pensa. Ah, mas eu tambem direi sempre o que penso. Não me sujeito a mordanças. E tanto que lhe digo que não foi por consideração ás idéas de meu marido que Magdalena não me pediu para assinar na lista do padre Pierre — foi por inveja.

— Que tolice ! Inveja de quê ?

— Da preferenciã que ele tem manifestado por mim. Desde os tempos de collegio que a Magda-

lena não podia perdoar qualquer superioridade da minha parte. Conheço bem aquela alminha de cobra. Mas não faz mal; amanhã mesmo eu avisarei o padre Pierre de tudo, com toda a franqueza.

— Não faça tal. Você sabe que é uma surpresa...

— Que me importa!

— Isso não lhe fica bem... A que horas deverá estar amanhã com o padre Pierre?

— A's duas. Em casa da Baltazar Luz.

— Elle irá como para visita?

— E eu irei como para visita, também.

— Você não tem medo?

— De quê?!

— Ora adeus, que falem...

— Que poderão dizer? todo mundo sabe das minhas intenções. De resto, as nossas conversas são curtas e á vista de toda a gente.

—Embora.

— De mais a mais, condessa, quer saber uma cousa? A opinião dos outros é-me absolutamente indiferente. Eu só tenho um juiz a que devo obediencia — Deus.

— E a consciencia?

— Para não temer a Deus, devo ter a minha consciencia tranquila. E tenho-a.

— Sei. Mas é prudente evitar motivos de maledicencia...

— Ninguém os evita! Não ha quem fale mal das proprias freiras? Em todo caso, não creio que alguém ouse pôr em duvida as virtudes do padre Pierre. Se mal julgassem de mim, tal não fariam dele.

E depois de mordiscar nervosamente a pontinha do dedo indicador, a Silveirinha perguntou, já noutro tom :

— Não lhe parece impossivel que um padre seja tolerante?

— Em que sentido?

— No da propria religião... como padre Pierre é para meu marido, por exemplo...

— Como assim?

— Quando eu me queixo das heresias de Jordão, ou peço de mãos postas que me ensine depressa o modo de o esclarecer, de o converter, padre Pierre, em vez de o maldizer, desculpa-o e encontra sempre uma palavra de consolo e de animação para mim : *Ma brebis, ayez du courage et de la ténacité pour éclairer son âme aveugle. Vous êtes un ange, et les anges triomphent toujours...* Eu então espero o milagre, fortalecida pela voz desse homem raro. E' tal a sua influencia sobre mim que até fico com as mãos geladas quando estou perto dele. Dir-se ia que lê todos os meus pensamentos.

— Pois eu tambem espero que o milagre venha

depressa, representado por um Jordãozinho rechunchado e bonito.

A Silveirinha teve um movimento de horror e exclamou com sinceridade :

— Não me fale em filhos, condessa, enquanto meu marido fôr o hereje que é. Fico toda arrepiada quando me lembro da possibilidade disso !

A condessa arregalou os olhinhos miopes, num espanto que não soube disfarçar.

— Um filho seria um inferno, continuou a Silveirinha. Eu quereria batizal-o : ele opor-se-ia ao batismo ; eu quereria educal-o num collegio religioso, ele optaria, com a sua autoridade de homem por um collegio leigo... Eu quereria leval-o á igreja, ele afastal-o-ia dela. Oh ! que desesperadora cousa seria um filho ! O padre Pierre já uma vez me falou nisso e eu senti-me corar até á raiz dos cabelos. Ele compreendeu a minha perturbação, deceu até ao fundo da minha alma e nunca me esquecerei do olhar com que então olhou para mim.

A condessa quedou-se um momento calada, meditando. Depois perguntou :

— Que conselhos lhe dá ele para a conversão do seu marido ?

— Varios. Conforme as impressões que lhe transmittio... A's vezes, que me retraia ; outras que me expanda... que nuns dias negue ; noutros

conceda ; que me faça cada vez mais amada, mais exigente... mais soberana, falando em todas as circumstancias da vida no nome de Deus e dando provas constantes do ardor da minha fé.

— E' um processo bem original, mas perigoso. Parece-me que ele já o experimentou em mais alguém. Ouvi qualquer cousa nesse sentido...

— Póde ser...

— Mas diga-me : como esperam vocês que se realize o milagre, visto que está banida a intervenção de um anjinho ?

— Pelo convencimento ; por qualquer fato oportuno e inesperado. Tanto se cava ás vezes na rocha dura que aparece por fim um veio de agua. O principal é não desanimar, insistir, insistir sempre, falando ou em silencio, mas com energia. Padre Pierre aconselha-me que evite as discussões, porque meu marido tem uma argumentação sufocante e eu não tenho preparo suficiente para enfrentar as suas opiniões... Ah, mas tambem só no dia em que eu vir meu marido convertido á fé catolica poderei amal-o sinceramente, completamente.

— Quer dizer que agora...

— Agora parece-me muitas vezes que o pecado é maior que o amor...

— Como assim ?!

— Vou a beijar meu marido e sinto como que uma grande sombra crescer entre nós dois... arre-

feço e toda me encolho, lembrando-me do padre Pierre...

— Com medo ?!

— Com vergonha...

— Oh !...

— Cale-se, condessa; meu marido aí vem!

O Dr. Jordão vinha cansado : estivera á cabeceira de um doente de tétano, a quem não pudera salvar. Uma tristeza cheia de dignidade imprimia ao seu rosto uma beleza superior, vinda da intelligencia e do coração.

A condessa contemplou-o com simpatia. A mulher perguntou-lhe :

— Quem era o doente ?

— Um jardineiro. Coitado, um pobre jardineiro...

— Antes isso ! Disse a Silveirinha, já pensando em outra coisa, toda absorvida pela idéa que a dominava.

— Como assim ? ! inquiriu o marido atonito.

— Antes um jardineiro do que um homem fino... balbuciou ela já um tanto confusa.

— Acreditas que ele faça menos falta ? Não sejas injusta e pelo menos pensa que foi talvez pelos cuidados daquele brutalhão que tens a fortuna de ter no peito essas hortensias que te embelezam... Para mim, como para os outros médicos, todas as vidas teem a mesma significação. Esta deveria ser preciosa. Era a de um rapaz de

trinta anos, casado e em vespas de ser pai.

E como a condessa intervisse, com uma palavra que defendia as intenções da Silveirinha, ele republicou.

— Conheço perfeitamente o coração de minha mulher; ela não disse aquilo por mal. E' ainda muito criança e tem vivido num meio que lhe não tem permitido vêr o mundo como ele é. E' preciso ter-se sofrido para compreender e amar a humanidade. A mim os pobres inspiram-me uma grande, uma profunda simpatia...

Nessa noite, a Silveirinha recebeu um bilhete da condessa :

« Guiomar.

Tenho pensado muito no seu caso. Não assine na lista da Magdalena. Conte tudo quanto quizer ao padre Pierre, mas não assine. »

A Silveirinha foi deitar-se muito impressionada. Que motivo ditaria á condessa aquele segundo conselho, tão contraditorio e importuno? Teria ela enlouquecido, ou haveria já ali alguma nova intriga da Magdalena ?

Fôsse como fôsse, o seu partido estava tomado : mandaria no dia seguinte, logo de manhã cedo, trezentos mil réis para a subscrição do padre Pierre. Sempre queria ver o que faria a outra. Quanto á condessa... que se tivesse explicado melhor.

E toda ela vibrava na curiosidade de saber qual seria o mimo escolhido para a manifestação e quem o levaria ao seu querido pai espiritual...

VII

Até onde pode levar a mania das coleções.

Ludgero subiu contente e lepido a escada do seu escritorio. Vinha de uma entrevista com a Xavieria; parecia outro homem, estava radiante.

Em cima, na sala encardida e pobre, esperava-o o indefetivel Jorge, mascando cigarros, todo derreado no sofá, á espera dos acontecimentos.

— Apareceu alguém ? perguntou o advogado.

— Sim.

— Quem ?

— Eu.

— Ora bolas !

— E' verdade appareceu tambem o carteiro. Está ali uma carta para o senhor, em cima da secretária.

Ludgero precipitou-se, pensando em qualquer negocio. Mas a carta era apenas um recado de Madame Z., avisando-o de que o marido estava doente em Petropolis e pedindo-lhe em seu nome uns certos papeis que estavam em seu poder.

— Cousa boa ? perguntou o Jorge, num tom de voz arrastado.

— Maçadas !... e o Dr. Ludgero releu em silencio a carta de Madame Z., revirando-a entre os dedos magros. Depois resmungou com ar aborrecido :

— Esta gente pensa que não tenho nada que fazer...

— E' sempre a fama dos que mais trabalham, disse Jorge com ironia.

O advogado sentou-se á mesa, remexeu na pasta esteve por algum tempo calado, até que de repente levantando os olhos para o rapazinho, perguntou :

— Você não me disse que têm muita habilidade para imitar letras alheias ?

— E posso provar...

— Sempre quero ver isso.

— Quando quizer...

— Já.

— Pois seja.

— Vá lá : escreva o que lhe vou ditar, com esta caligrafia.

E entregou ao outro o sobrescrito da carta da sua amiga Zelia.

Jorge instalou-se.

— Primeiro preciso fazer os meus ensaios...

— Faça-os.

— E depois prevenil-o de que não emprego a

minha arte para o mal. Posso saber do que se vai tratar...

— De uma brincadeira apenas. Questão para rir...

— Se é para rir, muito bem... Para chorar, nunca !

— Nunca. Eu lá sou homem de lagrimas ! parece que você não me conhece...

— E talvez não. Em todo caso, é bom lembrar-se de que — quem não chora não mama. A letra é facil, tem originalidade... individualidade. Ainda bem, porque não ha nada mais enfadonho do que imitar letras banais... esta é forte, de traço largo, regular, rijo e decidido, denota um carater nobre, limpo, sem tergiversações. De quem é ?

— De uma parenta pobre. Mas não perca tempo em considerações sem importancia. Eu já sei que a minha prima é muito leal.

— Não se arreceie ; dentro de cinco minutos estarei habilitado a escrever tal qual ela. Verá a perfeição.

Ludgero não respondeu. Redigia mentalmente a carta que ia ditar. Jorge calou-se, estudando com atenção a letra de Madame Z. ; no fim de alguns instantes declarou-se apto para o trabalho :

— Vai ver : vale bem uns dez mil réis este servicinho... até mais, — uns vinte !

O outro começou, inclinando o busto para a secretária :

« LUDGERO

« Petropolis — Domingo — noite.

« Foi este um dia de anciedade e de tristeza para mim. Por que não veio ? Persiste em seus escrupulos que me atormentam ? *Ele* passou o dia de cama, com uma gripe; teriamos estado sós se tivesse vindo... Cada trem que chegava era um sobresalto para o meu coração, que é hoje, ai de mim, todo seu !

Z... »

— Mas isto é uma carta de amor !

— Está claro que é uma carta de amor.

— E uma carta que póde comprometer uma mulher !

— Mas que tambem póde comprometer um homem.

— Não tanto.

— Como não ?

— Fala-se aqui nos seus escrupulos... Para que diabo póde servir isto, não me dirá ?

— Para a minha coleção de autografos e consolação imaginaria das minhas desventuras amorosas. Fica sabendo, donzel querido, que um homem só vale neste val de lagrimas pelo numero de amantes que possa ter tido ou tenha... Eu ainda não estou iniciado nas intrigas dos *boudoirs*, que levam depressa um homem de simples advogado sem vintem, a deputado e diretor de compa-

nhias estrangeiras... Faço os meus ensaios, ora ai está...

— O que eu não quero é ver-me em embrulhos... Nada de enredar ninguém, com a minha simplicidade.

— O' pateta, pois você não vê que isto é uma brincadeira de rapazes? Os meus amigos vivem a falar nas suas aventuras amorosas, ao pé de mim e eu tenho de ouvi-los como um mendigo esfaimado pôde ouvir falar em bifés com batatas ou café com pão. Compreende agora? Amanhã, quando um deles se puzer com historias, saco da minha carta, escrita evidentemente por mão feminina, e mostro-lh'a, rente ao nariz e aos aros das lunetas...

— Ah, bem! Então esta inicial Z... esta alusão a Petropolis...

— E' tudo fantasia. A senhora cuja letra você imitou, tem cincoenta e sete annos de idade, usa botinas de duraque, tem uma mécha de cabelos no queixo e pede-me a maçada de lhe arranjar um lugar de professora em qualquer colegio da capital. E' preciso fazer pagar de algum modo esta importunação... Como você vê, a coitada está acima de qualquer suspeita; tanto mais que se chama Amalia e ainda por cima — Amaral! de A para Z ha a distancia de todo o alphabeto... E' uma simples brincadeira de rapazes. Todos os pretextos para rir devem ser aproveitados para higiene da alma...

— Já não está aqui quem falou...

— Nem eu abusaria da sua amizade... Tome uns cinco mil réis para o bond; é o que hoje lhe posso dar... veremos se amanhã lhe arranjo a cópia de uns autos...

— Que isso não fique em promessa...

— Em todo caso, silencio sobre o que se passou hein ?

— Perfeitamente... mesmo porque não é elegante este novo sistema de ostentar vaidades amorosas... A cousa não ficaria bem a nenhum de nos dois... Lucrei ao menos uma lição de apparencias, que me póde tambem ser proveitosa, quando eu me decidir a sair da penumbra e do anonimato a que estes chapelinhos russos me prendem...

— Na realidade, você precisa de um chapéu novo...

— De dois !

— Isso já é luxo.

— A natureza não se dá tambem ao luxo de ter uns dias de chuva e outros de sol ? O feltro e a palha foram inventados para as dissemilhaças e eu serei tudo quanto quizerem, menos um homem monotono... de um só aspeto ! E adeus...

— Adeus.

— Como a questão é para rir, quando quizer outra cartinha é só marcar a hora de a escrever, contanto que seja noutra caligrafia...

— Ora essa ! porque ?

— Cá por cousas...

Jorge revirou os dedos no ar e voltando as costas saiu.

Compreendo... pensou Ludgero; o patife teme alguma intriga e receia comprometer-se... Precizo, para convencil-o de que isto é uma brincadeira, ditar pelo menos umas quatro ou cinco cartas de amor, com varias caligrafias... Amanhã levarei de casa uma carta de minha irmã e outra de tia Josephina... As garatujas desta são horriveis, mas um homem de aventuras não póde ser amado só por mulheres da mais fina cultura... Eu lhe farei crer que essa faz escrever as suas cartas pela criada de quarto, como as heroínas de Alexandre Dumas... Precizo levar esta historia com habilidade, até obrigar o Jorge a escrever outra carta da Z... Quando a Xaviera, com os seus ciumes, vir esta carta da amiga, redobrá de amor por mim. As mulheres preferem sempre os homens que são amados por outras mulheres, embora todas se assanhem com as rivalidades. Foi uma idéa esplendida.. com este simples papel posso provar tres cousas diferentes a tres pessoas, fazendo crer á Xaviera que sou amado pela D. Zelia... ao marido da D. Zelia, caso houvesse por causa disso alguma trapalhada, que é a mulher que solicita o meu amor, que, impoluto e leal, tenho escrupulos em ceder ás suas solicitações; e

ao marido da Xaviera que eu me correspondo com a Z. e que se visito a sua linda mulhersinha a horas em que ele não está em casa, é só para desabafar as minhas maguas e saber noticias da sua amiga. Enlacei assim em poucas linhas a vida de quatro corações, assegurando ao mesmo tempo a minha defeza e a tranquillidade da Xaviera, que me convém conservar em paz e alegria. Ela supõe convencer-me que faz sacrificios por mim... Como se eu lhe não soubesse a cronica... Tanto melhor, com uma assim é sempre menos perigoso!

Dias depois, na mesma saleta encardida de escritorio barato, Ludgero ditava ao Jorge duas cartas de amor em estilo diverso, tendo-o feito estudar a caligrafia delicada da irmã e as grossas garatujas de uma tia quasi cega. O rapaz, convencido do gracejo, entrou para dentro do assunto com alegria. Afinal, sempre a brincadeira pingava algumas notinhas de cinco e dez mil réis, fóra uns calices de Cognac e uns maços de cigarros com que o outro o obsequiava. O que era evidente é que o Ludgero se não contentava com o ter só dois chapéus, um para chuva e outro para os dias de sol; mas que dava já muito mais trabalho ao seu alfaiate e á lustradora das suas camisas de linho... O proprio penteado sofreu alguma alteração. O amor realizava a sua obra de transformação e polimento...

Observando-o, Jorge pensava consigo :

« Decididamente este Rio de Janeiro gosta dos homens catitas... »

Na verdade, Ludgero começava a ter trabalho, causas cedidas pelo João Zacarias e por um outro advogado, primo da Madame Z., que se interessava nessa questão.

Ah, certamente a D. Zelia era uma amiga preciosa, uma protetora nunca assaz louvada e cuja simpatia lhe convinha conservar, atravez dos tempos !

VIII

*Não ha seda mais apreciavel para uma
boa tesourinha do que a pele alheia.*

Quando a condessa chegou á estação para esperar o trem das seis, em que vinha o Nuncio, já lá encontrou a Baltazar Luz no meio de uma roda de admiradores, com as mãos cheias de aneis e de orquideas brancas que lhe tinha oferecido um colecionador. A seu lado, D. Clara, em *tailleur* cinzento, tinha nos braços uma cadelinha *loulou* de pelo preto e focinho esperto. A condessa foi direita a elas e depois de acariciar a *Catita*, que revirou a cabeça, grunhindo, e de fazer algumas perguntas, viu a um lado as duas Guimarães e a Magdalena e apressou-se em ir falar-lhes.

— Então, Magdalena, que ha de novo ?

— Que Sua Eminencia não tarda a chegar...

— Isso, já sei. O que eu quero que me diga, é se alguem mais assinou na lista do padre Pierre...

— Compreendo o seu interesse. Foi a senhora quem aconselhou a Silveirinha a mandar-me hoje aquelles trezentos mil réis...

— Eu ?

— Quem mais?! Mas veja que disparate, logo trezentos mil réis, quando ninguém assinou além de duzentos. Só para mostrar que pôde mais do que as outras.

— Você é injusta...

— A vontade que tive foi recambiar dinheiro e tudo. Olhe, lá chegou ela agora. Está atrás de Madame Z. Aquele chapéuzinho, de chifres retorcidos, faz-lhe uma cabeça de carneiro... não é atôa que o padre Pierre a chama de *ma brebis*, *ma chère petite brebis... mon amour de brebis!*

— Estou vendo, Magdalena, que você já está arrependida de se ter metido nesta manifestação. Na verdade, estas cousas trazem sempre desgostos...

— Aqui, no Brazil, tudo é difícil. Em outro qualquer paiz, já todas as minhas amigas teriam vindo espontaneamente oferecer o seu obulo para a soma comum.

— Tal e qual como fez a Silveirinha. E ainda você se queixa!...

— A Silveirinha é um caso á parte.

— Já nos tempos de collegio as duas viviam em rivalidades, observou, rindo, a mais moça das Guimarães, que tinha sido colega de ambas.

— Era só porque a Silveirinha não perdoava os meus primeiros premios...

— Se é por isso, nem você os dela...

— Que me importava a mim! Eram tão poucos...

A condessa olhou. Madame Z. estava entre os cinco filhos, todos de branco, o que punha na turbulencia da *gare* uma nota de alegria e de frescura. Por trás do seu hombro aparecia o rosto palido e febril da Guiomar Jordão, que toda a gente continuava a chamar, como em solteira, a — Silveirinha.

— Madame Z. tambem teria vindo pelo Nuncio?

— Qual! parece que ela vem cá todos os dias á estação com os filhos esperar o marido. Gosta de ser citada como o modelo das esposas...

— Tenho muita prevenção com gente de extremos; confessou a mais velha das Guimarães. Para mim, o melhor lugar para se esperar o marido é em casa. Eu não me abalo pelo meu.

— Quem tambem naturalmente não veio pelo Nuncio foi a *Looking-glass*.

— Oh, a *Looking-glass* está divina! exclamou Magdalena, rindo. Ela agora já sabe pedir cerveja em portuguez e para fazer exercicio pede-a na pensão a toda a hora! O criado vê-se atrapalhado com os *chops* de um lado para o outro, porque quando ela os reclama da sala, vai esperal-os no vestibulo ou no corredor. Cada vez mais pitoresca. Vocês já a viram passear de bicicleta? Parece uma aranha encarquilhada numa teia...

-
- Anda á caça das moscas...
 - De algum moscardo azul com laivos de ouro.
 - Ela não tem cara de se contentar com os laivos..
 - Dourado ou não, não encontraria aqui brasileiro que a quizesse...
 - Mesmo porque eles já são muito poucos para o consumo de casa...

A condessa mal prestava atenção á palestra. Cismava em como pudera a Silveirinha mandar dinheiro á outra, depois da sua advertencia. Ela deveria ter vindo nesse instante da entrevista com o padre Pierre, em casa da Baltazar. Que teriam combinado? Sentiu logo uma viva curiosidade de saber tudo que se tivesse passado nesse encontro *casual*...

Entretanto, uma das Guimarães dizia que nenhuma cidade do mundo tem durante tantas horas uma sociedade quasi exclusivamente feminina como Petropolis, de dia, no verão. Que reparassem : os homens só chegavam á noite, para partirem de novo na manhã seguinte. A ela, o marido, de dia, não lhe fazia falta, tão habituada estava a vel-o chegar a casa só á hora da sopa. Era uma das vantagens daquela estação. Evitavam-se assim tantas impertinencias... Prolongaria por tudo isso a sua estada ali até fins de Maio ; mesmo antes desse tempo o Rio era insuportavel de poeira e burguezada. Sabiam que se

estava organizando um grande baile *masqué* no seu hotel? Ela já tinha encomendado umas lampadinhas verdes para o seu traje de vagalume. Todas as hospedes estavam num reboliço... A Korsakoff já fizera constar que iria trajada de imperatriz Catarina e entraria no baile dentro de um trenó puxado pelo marido, disfarçado em urso polar...

— Antes em urso... do que em outro qualquer animal feroz!

Uma onda de povo fez interromper a conversa.

A *gare* enchera-se repentinamente.

Chegava o trem.

Precipitaram-se todos.

— Sua Eminencia? O Nuncio?!

Sua Eminencia tinha-se deixado ficar no Rio, por causa de uma entrevista com o Ministro do Interior. Sua Eminencia viria no dia imediato, que tivessem paciencia! Explicaram alguns passageiros bem informados, consolando decepções.

— Que pena!

— Amanhã, amanhã... O Ministro não será também tão egoista que ainda o queira reter mais um dia ao pé de si...

Entretanto, *Miss Looking-glass* sacudia o braço gordo do pai, num *shake-hands* filialmente britânico; o Dr. Zacarias repartia embrulhos pelas mãos avidas dos filhos, e Roberto Flores aceitava

um lugar no carro da condessa, que lhe pedia notícias da Avenida.

— Uma fornalha!

— E a politica?

— A mesma miseria.

— Então o Ministro da Fazenda?...

— Fakirizado, com a pasta na mão!

— Sem nós, o Rio deve estar muito estúpido...

— Horrivelmente estúpido.

— Não ha então por lá nenhum escandalo novo?

— Constou-me um, curioso.

— Qual?

— Que nós dois tínhamos fugido para os Estados-Unidos, para nos casarmos em Nova York...

— Seria ir procurar a felicidade bem longe, quando temos aqui á mão o padre Gil.

— E o pretor Barbosa...

— Deixe lá o pretor e confesse que este boato acabou de ser inventado agora mesmo...

— Confesso.

— Mas por que o inventou, é capaz de me dizer?

— Porque a acho hoje singularmente encantadora, condessa.

— Está-me pagando com demasiada generosidade a passagem do carro!... Mas já que você não me dá novidades, vou-lhe dar eu uma : começa-se a desconfiar aqui da assiduidade do seu

amigo Gastão Soares em casa do Zacarias. Parece que a sonsinha da Madame Z. tem encantos muito poderosos para os seus intimos... Já lhe constou alguma cousa ?

— Tem graça, logo hoje eu ouvi, pela primeira vez na minha vida, falar mal de Madame Z., no Rio !

— E' o fragor de uma reputação que desmorona...

— Mas não com o pobre do Gastão, coitado.

— O inocente !... Então com quem ? !

— Com um advogado pobretão que ela tem apresentado a meio mundo, um tal...

— Lembro-me, atalhou a condessa : um rapaz moreno, *un hibou en habit noir*... que se apresentou com ela em casa do Korsakoff, na noite do maxixe...

— Esse mesmo !

— Desgraçado gosto... um homem tão insignificante, e com tipo de indio, de mais a mais !

— Em compensação, ela é bonita. Isso é o principal.

— Ora veja, no que dão as santidades. Toda retraída, toda maternal para a sua gente e vem um bobalhão da roça e logo a conquista. Não ha que fiar em mulheres, principalmente daquela idade...

— Madame Z. está longe ainda da idade perigosa. Ela tem muitos filhos, porque se casou muito

cedo. Mas confesse, condessa, que tem agora um certo prazerzinho em ouvir falar mal dessa senhora.

— Confesso. Ah, eu não aprecio as pessoas de virtude inteiriça. A perfeição é para mim sinónimo de monotonia. De resto, diante de gente assim, eu tenho sempre medo de estar sendo vítima de algum embuste.

— E' pensar muito mal da sociedade.

— E pensar a sociedade só bem de mim?

— Certamente que sim!

— Morda aqui... disse a condessa, mostrando a Roberto Flôres a ponta do dedo mínimo.

— Com que prazer o faria! respondeu ele, rindo; mas não lhe parece que isso á vista de toda a gente seria muito escandaloso?

— Mesmo você não teria tempo, respondeu a condessa, rindo também. Cá está o seu hotel.

O carro parou á porta do Hotel da Europa.

— Boa noite, condessa, e mil agradecimentos. E' verdade, antes de nos separarmos, sempre queria saber : escolheram afinal o presente para o padre? Se me quizessem dar uma boa comissão, trataria disso a primor.

— Já se decidiram por um bronze artistico representando a Caridade e por um relógio de ouro.

— *Excusez du peu...*

— Agora já pensamos num presente para o padre Gil...

— Outra Caridade?

— Uma casa!

— Um palacio, minha boa amiga, um palacio, que ele é gordo!

— Pois será um palacio, se você nos ajudar na subscrição...

— Boa noite, condessa, apressou-se em dizer Roberto Flôres, saltando a rir do carro.

— Não pense que nos foge. Adeus!

E a condessa seguiu para casa, a renovar a *toilette* para ir jantar com a Baltazar Luz. Tinha pouco tempo. Deu ordem ao cocheiro que se apressasse.

Ela entrava pela velhice com uma razoavel fortuna que lhe legara o marido, e tempo bastante para entreter a sua curiosidade, cada vez mais imperiosa, de saber da vida e dos sentimentos alheios. Não o fazia por bisbilhotice vulgar, mas por uma especie de anciedade romantica de leitor de folhetins vivos.

Quando se viu na sala da Baltazar, foi logo indagando :

— Então, meu bem, o padre Pierre veio hoje a tua casa?

— Sim, mas pouco se demorou, porque tinha de ir esperar o Nuncio.

— Mas o Nuncio não veio. Tambem eu fui

lograda. E você também. Todas o foram; até a *Looking-glass*! E a Silveirinha, veio?

— Veio. Estava até muito *chic*, com um vestido novo...

— E' do enxoval. E o que lhe disse o padre, hein?

— Pouco seria. Mal se falaram...

— Você não ouviu nada?

— Ouvi. Quando entrei na sala, ele queixava-se de reumatismo num artelho.

— Como pretexto para mostrar a meia de seda... Se o Dr. Jordão vem a saber desta trapalhada...

— Não tem que ficar zangado. Se é para o seu bem!

— Talvez que ele preferisse ficar ateu toda a vida.

— Que horror, não diga isso!

— Ora adeus! Eles por isso não emagrecem. O Roberto Flores não se ri também da religião? E entretanto, tudo lhe corre bem na vida. Está enriquecendo.

— Mas se não sofrem neste mundo sofrerão depois no outro. E' isso que a Silveirinha pretende evitar, e eu louvo-a por vê-la assim empenhada em prevenir a felicidade eterna da alma de seu marido. Se eu não fosse da mesma opinião não lhe facilitaria um encontro com o padre Pierre em minha casa... Ah, isso não!

— Compreendo, filha, compreendo e não estou censurando ninguém. O ideal da Silveirinha é nobre e justo; mas esses encontros, todos os dias, com o padre Pierre aqui, ali, acolá, não poderão ser interpretados com malignidade pela gente ociosa e que não está dentro do segredo?

— Numa terra pequena, em que se vive a esbarrar todos os dias com as mesmas pessoas, esses encontros são naturais... são mesmo naturalíssimos!

— Muito; pois olhe, eu saio todos os dias e quasi nunca encontro o padre Pierre...

— Eu também não.

— Aí tem você...

Houve troca de sorrisos.

— Vamos jantar, condessa? Tenho alguns convidados no salão.

— Gente de espirito? Espero que você não me sente ao lado do Comendador Brandão, que tem a coragem de comer com a faca. Um dia prego-lhe um susto para o fazer cortar a lingua.

— Descance, que ele não veio. Em compensação, temos a D. Risoleta...

— Com o mesmo vestido de lentejolas?

— O mesmo. A Korsakoff desculpou-se por doente; mas sei que ela e o marido estão numa jogatina brava com o Goldenberg, e outros. Os Ministros da Suecia estão cá...

— Bom; vamos, que estou com um excelente apetite.

— Tanto melhor.

A Baltazar iniciava nesse dia á mesa um sistema trazido da sua ultima viagem a Londres.

A toalha era de tons metalicos, e em frente de cada talher, colocara uma pequena vela num castiçal artistico e baixo, de bronze dourado, com quebra-luz de seda rosa. As flôres da ornamentação eram douradas e a luz da grande lampada suspensa traspassava com doçura um envolvero de musselina ouro e lilaz. Na penumbra crepuscular, faiscavam os brilhantes com que a dona da casa se ornara e as fosforecentes lentejolas da D. Risoleta.

— Uma beleza! disse a condessa, relanceando a vista pela sala. Ninguem recebe melhor no Brazil!

— Oh condessa...

O Dr. Baltazar, dono da casa, mal enxugou os bigodes, da sopa, lamentou alto que uma companhia infantil que estava levando no Rio a *Tosca* e a *Carmen*, não fosse a Petropolis deliciar os veranistas; ha muito tempo que ele não via nada tão soberbo em arte. Havia então um pequeno de doze anos melhor que muitos tenores de reputação. Quando o diabinho punha as mãos nas fontes e soltava a voz, era de fazer tremer toda a sala!

Os proprios criticos de musica mostravam-se extaticos... Na outra extremidade da mesa, o Carlos Max vociferava contra as dificuldades que ha no Brazil para tudo, enquanto que em Pariz, oh, em Pariz!

Em frente dele, a D. Risoleta informava ao Ministro da Suecia ter inventado ella propria os nomes dos seus filhos e citava-os com a papeirinha gorda a baloiçar-se-lhe de vaidade:

— Dorenacy... Glaiúl... Walméria. Walméria com W. porque ella achava o W uma letra muito aristocratica.

E o ministro repetia, com certa dificuldade silabando as palavras;

— Do-re-na-cy... Gla-i-úl, Wal-mé-ri-á.

IX

*Quando a rajada passa com violencia,
até as raizes das arvores estremecem.*

Ha certas palavras que têm o poder dos ciclones: quando vibram, derrubam os mais altos castelos em que os homens põem a sua felicidade, com a mesma bruteza com que o vento destelha pardieiros, arranca arvoredos ou faz ir ao fundo do mar os barcos e os navegantes. A confiança no amor, que é a mais forte razão de tranquilidade humana, uma palavra a póde destruir mais rapidamente do que um raio destróe um jequitibá secular. A diferença ainda é que nem sempre a palavra portadora de desesperos irremediaveis é dura ou má. A grande dôr de um desengano ou de uma humilhação vem ás vezes dentro de um monosilabo que tanto póde afirmar como negar o bem como o mal, ou de qualquer outro vocabulo harmonioso e curto.

Saindo do hospital de que era medico, o Dr. Jordão topou, a quatro passos da porta, com a inquieta Magdalena, que estava ali assim á espera de um carro que tinha mandado chamar.

Ora, ele recebera, exatamente poucos minutos antes, um bilhete anonimo avisando-o, entre pontos de exclamação, de insinuação maligna, de que a mulher havia remetido áquela senhora nada menos de trezentos mil réis para a *celebre* lista do padre Pierre.

Havia já alguns dias que se falava, em Petropolis, com certa extranheza, nessa manifestação de apreço por parte de um grupo de senhoras distintas a um sacerdote estrangeiro.

O proprio Dr. Jordão tinha, ainda na vespera, ridicularizado essa lembrança entre varios amigos e ao pé da mulher, que ouvira tudo sem dar um pio. Como ele, os amigos confessavam não encontrar explicação para aquele fato extravagante.

Não acreditando na denuncia anonima, o medico sumiu nas profundezas de um bolso o papel tórpe, para o queimar em casa, e deixou o hospital. O seu encontro inesperado com a amiga da mulher, a quem a carta se referia, impeliu-o a perguntar-lhe, depois de rapidos cumprimentos, se estava contente com o resultado da subscrição de sua iniciativa.

— Oh, muito! respondeu ela. E parou, de repente, como á espera de outra pergunta.

Ele não teve coragem de fazel-a imediatamente e propoz-se a acompanhal-a até á sua porta.

— Obrigada. Saí para fazer um exercicio de

duas horas a pé, mas cansei-me e mandei um pequeno buscar um carro...

— Regimen ?

— Sim. Para combater a gordura, que me ameaça...

— Mas muito de longe confessemos... respondeu ele, sorrindo. Realmente, a Magdalena era magra !

Como o carro tardasse, falaram sobre a beleza do tempo e a profusão de flôres daqueles jardins.

— Qué ! o senhor gosta de flôres ? !

— Oh, minha senhora, afirmo-lhe até que nada aqui me consola das agruras da enfermaria como estas hortensias e estas rosas... Não se espante se algum dia ouvir dizer que troquei a minha profissão de medico pela de jardineiro...

— E eu que sempre pensei que o senhor fosse materialista !

— E acredita que os materialistas não se extasiem diante da natureza ?

— Acredito que não. Será um preconceito da minha parte, mas não me entra na cabeça o contrario. Tanto mais o senhor, que tem a fama de não amar na vida senão a ciencia e ser para tudo mais absolutamente indiferente...

— Devéras, tenho essa fama ?

— Tem-n-a.

— Então a minha mulher, coitadinha...

Magdalena sorriu. E depois de uma pausa.

— Sua mulher é muito feliz, e tive disso agora uma prova bem eloquente...

Chegava o carro e, antes que ele parasse, o medico perguntou-lhe, mal disfarçando o anccio:

— Qual?!

Magdalena não respondeu logo e foi só ao pôr o pé no estribo que disse, voltando para o medico o rosto sorridente:

— A prova de que o senhor é um bom marido, um excelente marido, é que, apesar das suas idéas anti-clericaes, não se opoz a que sua mulher fizesse o que tinha na vontade...

— Assinando para o presente do padre Pierre? inquiriu ele, a contragosto, rapidamente, nervosamente.

— Sim.

Esta ultima palavra disse-a Magdalena já sentada e fazendo com a mão sinal ao cocheiro para que seguisse.

O medico ficou tão atarantado, que nem levou a mão ao chapéu para a ultima despedida. Entretanto, a moça concluiu:

— Hei de ir agradecer-lhe pessoalmente. Lembraças!

O carro partiu. O Dr. Jordão permanecia em pé, na beira da calçada, com ar estúpido:

— Sim.

A voz daquela mulherzinha baixa, galante, vibrava naquele monossilabo como se todos os diabos

do inferno tivessem falado pela sua boca. Significava aquilo que a mão vil da carta anonima dissera uma verdade. Seria possível que sua mulher fosse tão leviana que desrespeitasse assim as suas opiniões e a sua vontade, publicamente? Toda a gente em Petropolis sabia qual o seu modo de pensar a respeito daquela comedia do presente ao Pierre, o padre da moda naquela estação! Ainda na vespera varias pessoas tinham comentado o caso á sua custa, na botica, polvilhando-o de pilherias e chacotas maliciosas. Perguntavam-se uns aos outros porque ofereceriam as senhoras um presente ao padre Pierre. Que nobres e belas ações praticara esse homem, que justificassem tal homenagem? Respondiam uns que o prestigio desse padre de trinta anos residia todo na amenidade do seu trato e na fascinação da sua elegancia. Alguem, fingindo conhecer a sua biografia, declarava que ele fôra anteriormente caixeiro de uma perfumaria e, em pequeno, modelo profissional dos quadros sacros em que tivesse de figurar um menino Jesus ou um S. João Batista. A pele rugosa e morena do nacional padre Gil nunca soubera respirar tais dedicações. Porquê?

Exatamente sob esta rubrica — *Porquê* — tinha parecido na vespera uma mofina em um jornal do Rio, indagando qual a razão daquele preito eminino ao sacerdote francêz. No dia seguinte, talvez apparecesse nesse mesmo jornal o nome de

sua mulher figurando na lista das subscritoras como a mais generosa e por tanto a mais fervente! Previa comentarios, doía-se principalmente de que sabendo das suas opiniões, tão conhecidas, a mulher o provocasse com um ato de tão decidida e tambem tão ostensiva rebelião. Sentia o seu orgulho de homem espezinhado e caminhou para casa ardendo em raiva, morto por interrogar a mulher, como se ainda duvidasse da afirmação da outra.

Ficara-lhe no ouvido, no timbre peculiar da voz da Magdalena aquele *sim* positivo, claro, que não lhe podia consentir nenhuma duvida. Sabia quanto a mulher era religiosa, mas nunca a supuzera capaz de o ridicularizar em plena rua, levando do seu lar provas de tão extranha veneração á casa de um padre moço em quem não se conhecia nenhum merecimento especial. Que obras tinha feito esse homem que o recomendassem á gratidão popular? que hospital tinha fundado com o favor do seu prestigio clerical? Que asilo auxiliava? Que pobres protegia? Ninguem o poderia dizer.

Quando o medico entrou em casa, estava palido, com o beijo a tremer-lhe de raiva.

Mal o viu, a Silveirinha levantou-se adivinhando borrasca e foi fechar a janela sobre o jardim do senhorio. Não fosse o marido dar escandalo com algum berro mais alto.

Ele começou logo.

— Mandaram-me uma carta, dizendo teres assinado trezentos mil reis para o presente ao padre.

— E' verdade.

— Sei. A tua amiga Magdalena confirmou a informação anonima.

— Com certeza feita por ela mesma.

— Ao menos, essa admirou-se de que, sabendo quais as minhas idéas, tu tivesses assinado na lista!

— E' que ela tinha-se esquecido das minhas.

— Uma senhora casada não tem o direito de se apresentar em publico em opposição ao seu marido.

— Oh!... chega a ter graça... Mais de vagar... mais de vagar...

— Não te dês ares ironicos e fica sabendo que não consinto que o teu nome apareça na lista das subscriptoras. Evitarei ao menos o escandalo maior. Ouviste?

— Que tolice — escandalo! — quem fala aqui em escandalo?!

— Toda a gente que vê dois palmos adiante do nariz.

— E' porque eu vejo quatro, que não entendo o que dizes.

— Basta. Fica sabendo que eu não consinto que o teu nome apareça na chalaça dessa manifestação. Tudo, menos isso.

— Hein?...

— Não consinto!

— Imaginas por ventura que eu me opozesse

algun dia, a que assinasses quanto quizesse nas subscrições que bem te parecessem? Nunca! A tua vontade é livre, respeito-a e não te peço em troca senão a mesma consideração pela minha!

— E' diferente.

— Já me tardava!... *E' diferente*. Por que! Só porque a tua é de homem e a minha é de mulher?

— Bastaria essa, se não houvesse ainda outra!

— Qual?!

— A de que a tua é insensata.

— Insensata!

— E ridicula.

— E ridicula?

— E perigosa!

— Tanta coisa!

— Tanta coisa que tu não quizeste vêr, apesar de prevenida por mim, visto que ainda hontem aqui na sala, naquele lugar, eu disse tudo quanto pensava a tal respeito. Não reparaste tambem que o Zacarias concordou comigo?

— Ora o Zacarias! que me importa esse sujeito...

— E não ouviste o Gastão Soares?

— Outro que tal. De mais a mais áquela hora, já era tarde. Estava tudo feito.

— E nem ao menos me disseste nada. E' in-creditavel!

— E' naturalissimo. Demais a mais aqueles rezentos mil reis eram meus !

— Ah !

— Tinha-m'os dado meu pai. Eu tanto poderia gastal-os como não, sem que nem suspeitasses da sua existencia.

— Ofendes-me. Não sabes o que estás dizendo !

— Depois, para que incomodar-te ? Eu já sabia que isso não te daria prazer nenhum...

— Como tu falas, Guiomar, como tu falas !

— Com a razão.

— Com a frieza premeditada de quem já se preparou para martirizar-me. Tu não és tola, mas hei-de provar-te que não me deixarei vencer tão facilmente.

— Ah, tu serás sempre o vencedor ! E's o homem. O homem !

— Sou o responsavel. Porventura o teu nome hoje não é o meu ? Que beleza ! vêr a senhora Jordão presenteando padres !

— Um padre ! Um grande sacerdote : a quem o meu espirito deve os maiores conselhos.

— O belo conselho de praticar ações que não me podem dar *prazer nenhum* como disseste ha pouco. Que horror !

— Que feia culpa, a de assinar numa subscrição em que figuram os nomes de varias senhoras respeitaveis ! Mas a vergonha, o desastre, a calamidade, fica sabendo, seria deixar de concorrer

para essa manifestação de carater puramente religioso.

— Puramente individual.

— Puramente religioso, quando todos sabem que fui, sou e serei sempre religiosa. Que diriam os outros? Responde : que diriam os outros?

— Que tinhas juizo.

— Diriam que me violentavas a um silencio injusto; diriam que eras um tirano, um algoz abominavel!

— Que dissessem. Mas não diriam, podes ter a certeza!

— Por um homem ter a desgraça de ser ateu, não quer dizer que obrigue a mulher a professar as suas idéas.

— Nunca te impuz o meu modo de pensar nem te privei de ir á igreja. Bastaria essa consideração para respeitares um pouco as minhas convicções.

— Tambem era só o que faltava, proibir-me de ir á igreja!

— E julgas que não poderia fazel-o?!

— Se tal tentasses!

— Nada me impedirá de o fazer algum dia!

— Nunca.

— Bastaria uma palavra,

— Nenhuma teria forças para me arredar de Deus! Antes a morte. E se não, experimental!

— E' um desafio?! Pois então seja! — Proibo-

te, de hoje em diante, de entrares nas igrejas, ouviste?! Entre o teu Deus e o meu amor, veremos o que é mais forté.

— Deus.

— Guiomar!

— Deus, Deus, Deus!

— O teu fanatismo leva-te á loucura. Pensa bem no que estás dizendo.

— E tu pensaste no que disseste? Supões que baste a um homem abrir a boca para reduzir a alma da mulher ao que elle queira? Enganas-te. Nada me arredará do meu caminho. Nada!

— Veremos!

— Verás.

— Que desespero! casar-se um homem com uma mulher assim!

— A porta é livre, vai procurar outra mulher que te entenda. Quando pediste a minha mão, não te enganei : cobri-me com todas as insignias religiosas que tinha quando fui chamada á tua presença, para te dar o — sim. Não és cego, havias de as ter visto!

— Vi; mas pensei que fosse uma criancice e que o meu amor te bastasse depois.

— Ah, não basta.

— Bem vejo.

Estavam ambos lividos, tremulos, numa tremenda agitação de nervos. As suas palavras cruzavam-se rapidamente, como tiros de guerra.

— Mas se eras assim, por que consentiste em ser minha mulher?!

— Para salvar-te.

— Oh, prescindindo da tua misericórdia.

— Eu é que não prescindirei da minha idéa.

— Não mintas; casaste comigo porque me amavas.

— Não.

— Sim; e agora que és minha mulher, para a vida e para a morte, tens de ceder á minha vontade, porque a minha vontade é a mais forte e é a mais justa.

— Enganas-te.

— Vais sentil-a já : escreve uma carta á Magdalena, proibindo-lhe de publicar o teu nome na lista. Depois, prepara as malas, que partiremos sabado para o Rio.

— E por que não hoje?

— Porque não quero.

— Eu tambem não quero nem hoje, nem sabado. Nem tampouco escreverei á Magdalena. Teria graça que o senhor meu marido se arvorasse em meu carrasco, logo nos primeiros tempos de casado!

— Mas quem fala aqui em carrasco?

— Eu.

— E' preciso que isto acabe de uma vez. Se teu nome apparecer em publico em homenagem a

esse padre que eu detesto, abandonar-te-ei ao teu destino e irei pensar só no meu.

— Já te disse : és livre! E ela fugiu para o quarto, batendo com a porta, cuja chave rangeu logo na fechadura.

O medico sentiu uma vertigem, tapou os olhos com os dedos hirtos e gelados. Penetrára bem na alma da mulher; aquella era uma invencivel. Que fazer agora? Tirou a carta anonima do bolso, rasgou-a em pedacinhos, com gesto de nojo. Era aquella, a calma que ele tinha procurado no casamento para a sua vida de estudo e de trabalho honesto? A essa idéa, o corpo amoleceu-se-lhe e ele deixou-se cair numa poltrona com os olhos rasos d'agua.

A figura febril e nervosa da mulher plantava-se-lhe no pensamento com uma especie nova de tormento nublado de voluptuosidade. Por que não a segurára ele com as suas mãos fortes e corajosas : por que não lhe fizera vergar a haste delicada do corpo e não abafara com a sua boca varonil a boca ironica e provocadora? Culpava-se de mal atilado. Seria preciso aprender com os egoistas de que com uma mulher não se discute : ordena-se.

A casa tinha caído em silencio. Ainda vibrando de comoção, o medico levantou-se, telefonou para o sogro, chamando-o com urgencia. A filha atenderia ao pai, já que se negava a atender ao ma-

rido. Dentro de uma hora estará tudo acabado.

Emquanto não chegava o sogro, chegaram clientes, a quem não atendeu, mandando-os despachar pela criada. Imaginava a mulher atirada na cama, abafando os soluços no travesseiro. Chegou a ir encostar-se á porta, mas voltou logo para a outra extremidade da sala, sacudindo os ombros com um movimento de impaciencia. Foi uma hora abominavel aquela, enevoadá pelo fumo de cigarros consecutivos e que, mal acendidos, eram logo atirados fóra.

Por fim, appareceu o sogro, o corretor Silveira, de riso nos labios e flor na lapela, irradiando a frescura feliz de uns cincoenta e cinco anos bem disfarçados.

— Que temos?

O genro levou-o para um canto do sofa, e baixo, aflito, contou-lhe tudo o que se tinha passado, pedindo-lhe que aconselhasse a filha, que a chamasse á razão, evitando um escandalo. Ele fóra um dos primeiros a escarnecer daquella idéa da manifestação ao Pierre; todo mundo sabia disso, em que papel ficaria agora com a participação da sua propria mulher nessa festa? Que poderia fazer para a arrancar daquella obsessão e a atrair ao seu carinho e ao interesse do seu lar?

— Homem, esta questão de religião é delicada. Você precisa ter um tacto muito especial no combatel-a. Roma não se fez num dia...

— Mas eu nunca me opuz a que minha mulher fosse todos os domingos á sua missa, nem a que passe todas as noites vinte minutos de joelhos, recomendando aos anjos a vigilancia do seu sono. Pedi-lhe unicamente que se não confessasse nunca. Repugna-me a idéa de que minha mulher se ajoelhe aos pés de um homem e lhe diga o que não me diz nem a mim, nem ao senhor, que é seu pai. Agora, porém, não se trata disso, mas de evitar que ela se dê ao disfrute de presentear, sem pretexto nenhum, um padre, que é de mais a mais moço e bonito, e que por estas duas razões é de algum modo suspeito a certa classe de pessoas. Compreende?

— Perfeitamente... Mas isto é o diabo. Já a outra senhora minha filha me declarou hontem que se quer fazer freira...

— Que?!

— E' o que lhe digo.

— Mas o senhor não consentirá.

— Como eu lhe dissesse isso mesmo, respondeu-me cinicamente que saberá esperar pela sua maioridade. Foi para ela levar para o convento que me cancei a organizar-lhe uma fortuna. Veja você que ingratidão e que doce velhice vai ser a minha!

— Compete-lhe indagar a causa dessa resolução. Terá ela algum amor infeliz, algum desgosto que possamos remediar... quem sabe?

— Qual, ela não ama ninguém. Tudo isso é o resultado de um trabalho oculto de mineiros de almas, trabalho executado na sombra, em voz baixa, dentro de um misterio que o defende de ataques e de lutas.

— Dentro de poucos anos, todo o Brasil será como um convento...

— Quando a gente dá pela cousa, ela está feita; e de tal modo que ninguém a abala. Nas mãos de um padre habilidoso...

— Como o Pierre...

— A mulher mais fragil transforma-se numa fortaleza de pedra e de bronze. Não sei se poderei convencer a sua. Em todo caso, mande chamal-a.

Trasmitida a ordem para dentro, veio uma criada a sala dizer que a senhora não podia aparecer porque tinha saído.

— E' impossivel!

— Saiu, sim senhor.

— Quando?!

— Mal entrou para o quarto, pediu-me a capa e o chapéo e abalou.

Os dois homens entre-olharam-se com espanto.

— Não disse para ónde ia?

— Não senhor.

— Bem. Retire-se.

A criada desapareceu.

— E' fantastico... observou o corretor, resvando o olhar, do genro para as paredes.

— E agora?

— Agora, é esperar... Olhe, naturalmente ela correu lá para casa a desabafar com a irmã, sempre foram amigas e confidentes... Desencontrámo-nos com certeza no caminho. Pergunte aí pelo aparelho se não estará lá... O Dr. Jordão telefonou com pressa para a casa do sogro.

Não, Guiomar havia seguramente uns tres dias que não aparecia ali. Estavam até com cuidado...

— Nesse caso, aconselhou ainda o Silveira, será prudente perguntar para a casa da condessa.

Tampouco estava com a condessa, que por ter ela propria vindo falar ao aparelho, poz-se a dizer cousas inuteis e a perguntar outras, na sua costumada curiosidade.

O medico impatientou-se, desligou o telefone e atirou-se praguejando sobre o divan.

— Que inferno!

— Tenha paciencia, homem, tenha paciencia e espere um pouco, que eu já lhe digo onde está sua mulher...

E o Silveira ergueu-se e foi por sua vez ao telefone falar á D. Clara, ás Guimarães; á Kossakoff, com quem trocou tambem duas palavrinhas acerca do jogo da vespera; á Madame Z., á Baltazar Luz, a toda a gente, emfim, de quem se lembrou e de quem recebeu uma resposta negativa.

— Então, não sei! confessou ele, sentando-se por sua vez e acendendo um charuto.

X

Nada entorpece a alma de um indolento, como a dor de uma desilusão...

A Silveirinha tinha enfiado á pressa uma capa, posto sobre os cabelos revoltos o chapéu desabado e saído para a rua, com a ancia de um asfixiado pelo ar livre.

Precizava desabafar o coração opresso, contar ao padre Pierre tudo que se tinha passado, acolher-se toda na consolação da sua meiguice e do seu bom conselho.

A essa hora, deveria ele estar na igreja, ensinando o catecismo ás meninas, um grupo de crianças pobres que havia de comungar a primeiro de Maio. Felizes, essas criaturinhas, que assim podiam entregar a sua alma á devoção sem que ninguém se opuzesse á sua vontade!

Comquanto não morasse longe da igreja, a Silveirinha tomou um carro, para evitar encontros importunos e acabar depressa com a aflição que a torturava. Ao chegar á igreja, sentiu um grande desapontamento — encontrou-a fechada. Que fazer? perguntou ela a si mesma, fixando no ar

lindo e um pouco frio do dia um olhar interrogativo.

Sem acreditar no que os seus olhos viam, deceu ainda do carro para empurrar a porta do templo, que lhe parecia no momento como uma fortaleza inexpugnável. Tudo se fechava diante do seu caminho; tudo mudava de aspeto, ameaçando-a de abandono. Ela correrá para o padre Pierre, como uma criança corre para a mãe num instante de pavor, e até esse refugio se lhe negava de um modo tão imperativo e absoluto! Entretanto, ela precisava de alguém que a ouvisse, que lhe enxugasse as lágrimas, que lhe apontasse a estrada a seguir, por que já não percebia nada, no caos do seu desespero.

Surgiu-lhe então, repentinamente na lembrança a figura da sua mestra preferida no collegio. Iria contar-lhe as atribulações do seu espirito, pedir-lhe um afago das suas mãos suaves e que a deixasse rezar na capela, no mesmo lugar em que se ajoelhava em pequena, para pedir a Deus de mãos postas perdão por se ter casado com um hereje tão irredutível, um pecador tão impenitente!

Voltou de novo para o carro, deu ao cocheiro o endereço com modo quasi inconciente e deixou-se levar, respirando com força o ar, que lhe arrefecia a carne.

Mas estava escrito que o seu dia havia de ser de

decepções : ao aproximar-se do portão do collegio, viu perto dele um grupo de amigas em que figurava a Magdalena, muito risonha e palreira, com um enorme ramo de rosas brancas na mão. Aborreceu-a a presença da sua antiga condicipula e só para não ter de lhe apertar a mão e sofrer indagações, ordenou ao cocheiro que seguisse para diante e não parasse senão á sua ordem. Que estaria fazendo ali a Magdalena, parada na rua com as outras, em ar de quem espera? Para quem seriam aquelas rosas? Para o altar do padre Pierre, talvez...

Talvez... E como levava flores e ia alegre e tranquila, o encontraria de certo de mãos estendidas e labios sorridentes!

A tarde desmaiava em tons opalinos, e a aragem vinha da serra, impregnada do cheiro acre das matas, agitar os cabelos da Silveirinha, que toda se encolhia a um canto do carro, sem saber que resolução tomar.

Voltar para casa sem um conselho, sem um desabafo? Nunca. A sua casa agora metia-lhe medo. Era como uma jaula em que ella fosse entregar o seu corpo debil ás garras de uma féra violenta... Depois de ter saído não poderia entrar sem nova orientação. E quem lha daria? Por si só, não a encontrava, não a encontraria nunca. Vinham-lhe logo novos temores :

Teria o marido dado pela sua falta? Estaria elle

alarmando a casa com interrogações aflitivas? Se ele se zangasse ainda mais; paciencia. O que ela fazia, fazia-o para seu bem, dele, e pela propria salvação da sua alma. A abnegação cristã tem limites; tinha-se esforçado até ao sacrificio, para iluminar o espirito desvairado do marido, mas não perigaria tambem a sua alma consentindo ela em tão perigosa convivencia?

De cada uma das curtas palavras que dissera e que ouvira do marido levantavam-se sombras que lhe obscureciam a razão. Tinha resolvido fugir-lhe, emquanto não se desse o milagre da sua conversão. Na ausencia, redobraria de ardor na sua fé, obedeceria em tudo á vontade de Deus, humildemente, até que o suspirado raio de luz iluminasse o trevoso espirito do ateu. Só então voltaria para ele. Antes, nunca. Arrepiava-se com a idéa de que a sua vida matrimonial a levasse ao inferno. Cada beijo trocado com aquele homem sem fé já a tinha com certeza impellido para as penas eternas. Considerava-se agora uma vitima do diabo. Fora por sugestão do diabo que tinha consentido em ser a esposa, a intima, de uma criatura herege e a quem ela amava, apesar de tudo, ás vezes com um desejo torpe, vergonhoso, animal.

A' sua imaginação, mal nutrida por uma litteratura superficial, acudia a idéa da tentação de Margarida. Ela era a Margarida. O desgraçado do

marido era o Fausto, e o Mefistofeles andava invisivelmente mas poderosamente esparso no ar e diluido nas aguas que ella tinha respirado e bebido, desde o seu primeiro encontro com o medico, em casa de uma amiga comum. Comprehendia agora porque motivo experimentara então ao vel-o aquella sensação inexplicavel de que seria um dia sua mulher. Na maneira forte porque elle lhe apertou a mão, na franqueza quasi brutal com que olhou para os seus olhos timidos, ella sentiu enunciado o direito da posse, o dominio de uma vontade a que teria de obedecer. Fôra tão extranho e tão profundo esse sentimento, que, sendo mais tarde informada de que o medico era um livre-pensador, não teve o mais leve sobresalto, persuadida que tinha sido inspirada pelo seu anjo da guarda para salvar aquelle homem transviado, com a sua fé e o seu devotamento. Mas o que supuzera ter sido um segredo do céu não fôra senão uma insinuação do Inimigo. Sentia-se agora por isso tranzida de espanto, disposta a todos os sacrificios para o esconjuro do mal.

Bateria a sua alma, conspurcada pelo peccado mortal, nas duras pedras do arrependimento e lavava-a com lagrimas até fazel-a resplandecer de pureza e de alvura. Por penitencia soffreria o mal da saudade e fal-o-ia soffrer. Depois de contar tudo ao padre Pierre e de ouvir o seu santo conselho, partiria para a casa da madrinha, num sertão mi-

neiro, ou entraria para um convento. Preferia o convento.

Depois de andar por varias ruas o cocheiro voltou por deliberação propria á porta da igreja. Como já estivesse aberta, a Silveirinha embarafustou por ella, caminhando por entre as suas paredes caiadas até á capela-mór, sem vêr ninguem, até que surgiu de um lado o sacristão informando-a de que o padre Pierre estava na sacristia á espera das meninas para o catecismo. E como lhe notasse a expressão alterada do rosto, aconselhou :

— Tendo pressa, é bom ir falhar-le antes que cheguem as crianças... Se é para acudir a um moribundo, deixa-se tudo...

— Obrigada...

Padre Pierre estava sentado de costas para uma janela em que o sol poente punha côres de vitral, e essa luz de fóra dava-lhe aos cabelos loiros e crespos que lhe engrinaldavam o solidéu preto, refulgencias luminosas de aureola de ouro.

Vendo a Silveirinha caminhar para elle com passo desigual e ar esgazeado, estendeu-lhe as duas mãos brancas e perguntou-lhe, com uma voz embebida em doçura :

— *Venez, mon enfant... venez!*

— *Oh, mon père!*

— *Que vous êtes bouleversée! voyons, du courage, ma douce brebis, du courage... Asseyez-vous... vous n'êtes pas prudente de me venir chercher à cette*

heure-ci... en tout cas je vous écoute. Parlez... mais parlez donc!

A Silveirinha rompeu, então, a falar a meia voz, num desespero, contando toda a cena passada entre ela e o marido, sem esconder mesmo nenhum detalhe, nem as apreciações que o medico fazia a respeito do padre, o seu querido confessor! Era indispensavel que ele soubesse tudo, para poder guial-a depois com mão segura no caminho da salvação.

A' proporção que ela falava, o padre ia pouco a pouco mudando de aspeto, sem que nenhum traço nem nenhum gesto exprimisse entretanto a violencia da sua impressão. A meiguice habitual do seu modo transformava-se em reserva. Ele ouvia sem falar, cerrando os olhos como para não deixar penetrar neles a influencia daquele rosto de mulher, ou para não deixar transparecer a expressão do seu sentimento.

Quando a Silveirinha interrompia a sua narração, á espera de uma pergunta ou de um conselho, ele permanecia silencioso e grave, á espera, por sua vez, que a torrente continuasse. E a torrente continuava, refletindo idéas já expostas, repetindo admoestações, ralhos, censuras, ciumes...

A frieza austera do seu confessor desnorteava a Silveirinha. Não era aquilo que ela esperava. O refugio consolador que a sua alma buscara pare-

cia fechado por uma porta de bronze, ainda mais inviolavel que a da propria igreja.

Por que seria que o padre Pierre não lhe segurava agora as mãos, como das outras vezes, e não fazia penetrar até ao fundo dos seus olhos tristes a inefavel doçura dos seus olhos azuis?

Por que seria que ele afastava agora, com um movimento bem perceptivel, a cadeira em que estava, da sua cadeira, cada vez que ela, num impeto de confidencia, procurava aproximar-se mais?

Que se evolaria da sua pessoa, para assim transformar a alma piedosa do amigo na alma fria de um juiz? Por que se fazia mudo, quando forçosamente adivinhava que a unica voz que a sustinha na vida era a sua? Por que se transformava a expressão sorridente da sua boca numa expressão amarga e desdenhosa? Seria crível que ela já estivesse tão contaminada da peçonha do pecado, que ele a julgasse indigna do seu interesse e temesse o seu contacto? Seria crível que ele não se debruçasse sobre a sua agonia, vendo-a caída em tão fundo precipicio?

Quando ela terminou, exausta, num soluço, o padre continuou ainda silencioso.

Lá fóra, na igreja, as crianças já reunidas para o catecismo, começavam a rezar alto a ladainha.

Silveirinha enxugou os olhos inundados e ousou interrogar o seu confessor de modo mais urgente:

— Póde fazer-me entrar já amanhã para um convento? Diga.

Ele olhou-a com frieza. Depois disse, com serenidade e altivez :

— Volte para a sua casa. Peça perdão a seu marido. O seu lugar é junto dele e para sempre. Não creia que o demonio se tenha imiscuido na sua vida : quem a inspirou foi Deus. Trate de fazer pela bondade o que não conseguirá nunca pela violencia : que a luz da crença penetre, cedo ou tarde, na alma que o seu anjo da guarda a aconselhou a iluminar. Até á hora da morte não se deve abandonar nenhum impio a si proprio. Volte para casa, procure ser esposa dedicada e mãi fecunda. E' nos filhos que as mulheres melhor podem servir o amor de Deus. Eu rezarei por ambos.

— Padre!... — murmurou Silveirinha, com olhar de queixa e de espanto, estendendo-lhe as mãos, á espera do afago costumado. Mas as mãos do padre Pierre continuaram imoveis e ele disse, ainda no mesmo tom pausado, frio e imperativo :

— Não volte a ver-me. Quando quizer confessar-se, procure o padre Gil, ou outro padre qualquer. A mim, não. Nunca mais.

A Silveirinha sentia-se desmaiar.

— E compreenda que seu marido não é um homem vulgar, que se deixe vencer por atos de rebeldia nem convencer por argumentos apaixonados.

dos. Mais convirá com ele empregar a doçura e a persuasão da verdade, por meios brandos, tenazes, mas delicados e respeitosos...

— Sem o seu amparo? Não; sem o seu conselho eu sinto que não conseguirei nada, nada! Oh, monsenhor, por que retirar-me a sua proteção, por que me abandonar, depois de tantas promessas?..

Padre Pierre olhou-a com severidade.

— A senhora não me compreendeu. Eu não lhe prometi nada... Acalme os seus nervos. A sua excitação fal-a imprudente. De resto, a senhora sempre foi imprudente...

— Por que não me disse isso nunca? Por que esperou por esta hora de desespero para maguar-me com essa censura? Diga, porquê?!

E como o padre Pierre a olhasse com estranheza e rispidez, ela suspirou :

— Perdôe-me, monsenhor, eu nem sei o que digo; sou muito infeliz...

Nesse ponto a Silveirinha interrompeu o que ia dizer, abalada por um grande choque : Magdalena entrava na sacristia, sobraçando o seu ramo de rosas.

— Padre Pierre?

— *Venez. mon enfant.*

E os lindos olhos do padre se descerraram numa grande chama azul. Todo ele se transformava num sorriso: aquele sorriso a que tanto se acostumara a pobre Silveirinha, e que era o proprio

sol para o seu coração friorento... E ela que não supuzera nunca vêr esse sorriso dirigido para outra!

Topando com a sua antiga colega, a **Magdalena** fingiu um espanto em que transparecia um fio de ironia, e disse :

— Ah ! Guiomar, você estava aqui !

— Como vê.

— Eu não podia supôr... desculpe.

— Não faz mal.

— Faz. Não gosto de ser indiscreta.

— Não foi indiscreta. Eu vou-me embora ; disse a Silveirinha procurando dominar o azedume que maugrado seu transparecia na sua voz.

— Ora essa ! vai-se embora porque eu cheguei ?

— Também não quero ser indiscreta... !

— Ah, por isso não. Eu não tenho segredos...

— Nem eu...

— Então fiquemos ambas !

— Não, interveio o padre. Madame Jordão acabava justamente de se despedir de mim. Parte brevemente para o Rio.

— Já?! Pois eu ficarei em Petropolis até o fim de Maio!...

— E' porque você é menos friorenta do que eu. Faz muito bem.

— Como sempre !

— E' bom não se gabar demais...

— Obrigada pelo conselho.

E como Magdalena se voltasse para o padre e o padre para Magdalena, a Silveirinha saiu, de cabeça erguida e olhos secos. Entrou no carro como um automato e foi só depois de ele se pôr em movimento que ela pensou na sua situação, culpando-se de ter sido excessivamente franca para com o seu confessor. Maldizia o aqodamento com que repetira todas as palavras acusatorias do marido e as suas raivas contra a Magdalena. Percebia, infelizmente já tarde, que o padre Pierre se sentia agora incompatibilizado com ela, que tudo entre ambos estava acabado e da peor maneira. E não se podia explicar como viver sem a presença, embora furtiva, do seu querido amigo espiritual e como sem ele poderia completar a sua obra de religião e de piedade...

Como um estatuario, que por um gesto desastrado fizesse cair e esfarelar-se no chão a estatua amorosa em cuja laboração trabalhasse ha mezes no angustiado ardor de uma idéa fixa, assim a Silveirinha julgava ter, com um simples gesto, destruido para sempre o seu ideal. E que fazer agora, e que fazer?

— Peça perdão a seu marido... dissera-lhe Pierre. Como se lhe fosse facil a ela pedir perdão!... E, querendo pensar na atitude do marido e preparar-se para o enfrentar com dignidade, pensava na atitude do padre Pierre, na sua frieza, nas suas palavras duras de admoestação.

Nunca supuzera poder vel-o assim rispido e inflexível.

A culpa fôra dele, que a chamara para si, a envolvera toda no calor da sua voz cheia de modalidades carinhosas, na cadencia dos seus gestos protetores, nas promessas de a conduzir através de todos os escolhos até ao almejado triunfo do seu amor. A culpa fôra dele, que a absorvera, a escravizara á sua influencia, para a repelir depois sem comiserção. Afeita ao seu amparo, certa de que só dele podia vir a palavra decisiva que a fizesse conquistar a conversão do marido, a Silveirinha não sabia agora como se poderia conduzir na vida.

Era como um cego no meio do tumulto das ruas, a quem o guia tivesse repentinamente retirado a mão. Tinha a impressão de ir ser esmagada logo ao primeiro passo.

Percebia bem : Magdalena tinha tirado o seu lugar na afeição do padre Pierre. Era sempre a mesma, aquela Magdalena dos ditos mordazes e das invejas pequeninas !

— Volte para casa e peça perdão a seu marido, — tinha-lhe dito o seu confessor. E ela, que lhe obedecia sempre tão cegamente, por que relutava agora em fazel-o ?

Quando, por fim entrou em casa, perguntou á criada, nervosamente :

— Meu marido ?

— Está no escritorio com o Sr. Silveira.

— Ah, meu pai...

— Veio ha bocado. Têm ambos perguntado pela senhora para toda a parte, pelo telefone. Quer que eu vá avisal-os?

— Não. Eu vou. Dê-me primeiro um copo d'agua gelada. Parece que estou com febre...

— Logo se vê, a senhora está com feições de doente...

A Silveirinha não respondeu e instantes depois caminhava pelo corredor até á porta do escritorio, que abriu timidamente.

O marido estava em pé, olhando por uma janela aberta para o arvoredo do quintal, com o ar absorto de quem interroga o desconhecido.

O pai lia tranquilamente em uma cadeira de balanço. Ao sentil-a, voltaram ambos a cabeça, rapidamente.

Silveirinha caminhou de vagar até junto do medico, pegou-lhe na mão que pendia inerte ao longo do corpo e disse com voz clara e comovida : — Perdoa-me...

Como o marido não respondesse imediatamente, atonito, o pai indagou sem se poder conter :

— Mas onde estavas, afinal, que perguntámos a toda gente por ti e ninguem nos soube responder!?

— Estava na igreja, e vim de lá firme no pro-

posito de respeitar as idéas de meu marido, e partir para o Rio, quando ele quizer...

— Para a Europa! para a Europa! é que vocês vão. Para que diabo serve então o dinheiro? Mas na igreja, esse tempo todo? Forte paciência... Olhem que vocês as mulheres têm idéas!... A melhor igreja, é o lar. Fica sabendo — é o lar!

Ainda calado, o Dr. Jordão contemplou a mulher demoradamente. Viu-lhe vestígios de lagrimas nos olhos, e notou-lhe a extrema palidez do rosto, transtornado e aflito. O que deveria ter sofrido essa criaturinha inflexível e nervosa para chegar áquele estado de abatimento e de humildade...

Na verdade haveria razão para tão graves atitudes? Ela não o ofendera na sua honra, fôra uma questão de leviandade que por sua vez ele tinha sublinhado de um modo demaziadamente brutal...

— Precisamos aprender a ser felizes! disse ele por fim, aconchegando a cabeça da mulher ao seu largo peito, onde o coração batia com força.

XI

No chá das cinco em casa da condessa, que tem por unico consoia Roberto Flôres. Pela larga janela aberta da sala entram o aroma do jardim e as claridades amortecidas de um crepusculo palido.

- Vai amanhã á casa da Korsakoff, condessa?
- Deus me livre! Depois daquela noite do maxixe, as recepções dessa gente tornaram-se fastidiosas. Ha piano de mais. Prefiro a casa do embaixador americano, onde a Goldenberg dança o *kake-walk*...
- Tem todas as condições requeridas para o exito! Com quem dançará ela?
- Isso ainda é segredo; só-lhe posso afiançar que não é comigo...
- Pois é pena.
- Quê, seu maroto; você queria gozar o espectáculo de me vêr em posições grotescas no meio de uma sala?
- Roberto Flôres riu-se. A condessa continuou :
- Não! eu prefiro gozar da minha cadeira os *cancans* das outras...

— E posso dar testemunho de que é uma espetadora admiravel. Não lhe escapa nada.

— E o que lhe digo é que tenho sempre parceiros na galeria... E um dos mais animados é você.

— O Gastão Soares é melhor...

— Qual! o Gastão é um imbecil. Pois ele não deixou escapular a Madame Z. para o tal advogadozinho Ludgero Dias, um tipo sem valor de especie alguma?

— Realmente, o João Zacarias não se deve sentir supremamente lisongeadado pela escolha da mulher. Fala-se nisso por aí como se eles fossem uns grandes personagens! Não sei como não apareceram ainda alusões nos jornais á paixão da bela Madame Z. Quanto ao Gastão, esse tem mais espirito...

— Qual espirito! o que ele quer é uma noiva rica...

— E acha que isso seja uma prova de máu gosto? Todo o diplomata precisa casar bem, quando não tenha ele proprio fortuna sua.

— Acho que uma cousa não impede a outra, e que ele poderia escolher noiva e obstar ao mesmo tempo que a Madame Z. se dêsse ao desfrute com um homem tão desengraçado... Eu só aprecio estas infidelidades quando elas são feitas com elegancia.

— Dizem que o Zacarias se divorcia agora.

-
- Que estupidez...
- E vai para a Europa com os filhos.
- Nisso tem ele gosto. E a mulher?
- A mulher fica ainda por aí algum tempo, até que depois se vá juntar com ele na Europa.
- Em Paris. Na Magdalena! e o outro?
- Que outro?!
- O tal Ludgero.
- Essa casar-se-á com uma mocinha da cidade nova e tudo acabará em paz.
- Roberto, você nunca pensou em escrever um romance?
- Para que? No Brazil, não vale a pena. Não ha publico, não ha criticos, não ha nada. Tudo uma sucia de ignorantes. Eu ainda admiro a paciencia de alguns dos nossos literatos em escrever livros...
- Coitados, eles não sabem fazer outra cousa...
- Ora aí está a razão!
- A proposito; a Baltazar Luz vai publicar um volume das suas memorias...
- Já?!
- Pensa você talvez que ela é muito criança?
- Vinte e seis... vinte e sete anos...
- Upa! trinta e quatro feitos...
- Mas que terá a contar-nos essa senhora da sua vida, não me dirá?
- Vai narrar casos de principes indianos atravessando com ela carnavais de Nice e mandando-

lhe de Bombaim frascos de essencias raras... Do que ha de positivo na sua vida é que nada dirá... Mesmo porque o que ha de positivo na vida da Baltazar é que nasceu e se casou com aquele primor de marido, que, apesar de estúpido, tem galgado excelentes posições. De resto, todo o livro de memorias faz-me lembrar os espelhos em que certas pessoas se miram só depois de se cobrirem de pinturas e de trajas elegantes.

— Ora aí está uma observação bem feita...

— Para que saiba...

— Mas porque razão pensou a Baltazar em escrever um livro? Ela é estúpida,

— Oh, Flôres, isso não se diz!

— Diz-se. Ela é pretenciosa e não tem historia.

— Como não? Tem-n-a e tem-n-as contado ao marido excelentes. Pelo menos ele acredita nelas como ninguem. A's vezes até chora de piedade por certos infortunios de cousas amorosas... Agora está um engenheiro electricista a fazer-lhe a côrte; até já lhe disse num arrebatamento : — O seu olhar tem mais força que sessenta mil cavalos!

Foi ela quem mecontou isso, pondo-o a ridiculo.

— Quer dizer que não faz caso dele...

— Não. Parece que prefere o Max...

— Já ouvi dizer. Naturalmente vai ser o editor do livro.

— Não. Esse papel generoso compete ao marido.

— Mas a sua amiga D. Clara fica posta de lado? Sempre considerei o Max como um homem fiel.

— Homem fiel! Onde é que você viu disso?

— Dizem que no Japão...

— Ah, bem, no Japão!

— Dizem que no Japão...

— Não me fale desse paiz detestavel. Temos com que nos entreter aqui. Sabe que é amanhã que a comissão de senhoras vai oferecer os brindes ao padre Pierre?

— Ouvi dizer hoje no trem...

— Olhe que a gente nunca lhe diz nada que você não saiba!

— Mas que tem isso de interessante?

— Tem de interessante que o Dr. Jordão mandou riscar o nome da mulher da lista; que, sabendo dessa grosseria, o Pierre pediu á comissão que não publicasse os outros nomes nos jornais, conforme a combinação; que a Magdalena, encontrando-se depois disso com a Silveirinha na igreja, lhe disse com aquele atrevimento que lhe conhecemos, meia duzia de palavras duras; que a Silveirinha arremessou-se furiosamente para ela, retribuindo-lhe em unhas o que ouvira em desaforos; e que o padre Pierre para acalmar ambas, deu-lhes a sua benção e a beber agua de flor de laranjeira...

— Que belo escandalo! E a senhora sabia isso e estava aí muito caladinha... E depois?

— Depois a Silveirinha foi transportada de carro para a sua residencia e a Magdalena parece que teve um ataque historico; mas tudo isso sem barulho, dentro da sacristia.

— Quem viu?

— Ninguem.

— Como se sabe, então?

— Ora que pergunta! Essas cousas sabem-se sempre, ainda que ninguem as veja... Talvez fossem elas mesmo que dissessem. Toda a gente tem os seus confidentes. Aquela especie de *flirt* religioso da Silveirinha não podia acabar bem...

— *Flirt* religioso tem a sua graça... E o que faz o Pierre no meio dessa confusão?

— Eu já lhe disse : — abençoou e apaziguou.

— E' um sabio.

— Goza antes da fama de santo.

— Um santo que recebe bronzes artisticos e relogios de ouro de alto valor...

— Lá isso, ele não os pediu...

— Mas talvez tivesse insinuado...

— Não! não vá tão longe. Em todo caso, ha de se lembrar que aconselhei mais de uma vez a oferecerem outro mimo ao padre Gil. Mas como ninguem é profeta na sua terra, preferiram o Pierre, só porque é francêz. Nós temos fanatismo pelos francezes! E por seu lado os francezes não fazem caso de nós. Antes nos ridicularizam a proposito de tudo, e sem proposito tambem.

— Nós não temos fanatismo pelos francezes só; temos tambem pelos padres...

— E' diferente. Por um lado estas quisilias agora dão-me prazer. E' bem feito. Hão de se capacitar da superioridade do padre Gil. Olhe, uma das Guimarães já foi hontem proibida pelo esgrouviado do marido de ir incorporada á commissão levar o presente ao seu idolo.

— E a senhora vai?

— Por força; quero vêr.

— Sempre curiosa...

— Sempre. Não me basta viver. Quero ver viver os outros. Em todo caso, confesso, desgostou-me agora este caso da Silveirinha...

— Eu gostaria de olhar para a cara do Dr. Jordão depois de tudo; palavra.

— Ficou furioso.

— Pudéra não!

— Houve cenas medonhas. Dizem que chegou a arrastar a mulher pelos cabelos.

— Oh!

— E a bater-lhe. Tanto a maltratou que a pobre da criada, coitada, correu a chamar o Silveira para acudir á filha.

— Não é sem razão que eu implico com aquele sujeito...

— Realmente, a Silveirinha estava maluca quando o escolheu. Antes tivesse consentido em se casar com você, que a requestou...

— Aguas passadas...

— Ainda movem o moinho do seu despeito.

— Que diacho, a conversa ia tão bem, e a senhora voltou—a agora para um lado tão antipático...

— E' a primeira pessôa a que ouço chamar assim ao passado. Decididamente a você não aproveria escrever um livro de memorias, como á Baltazar..

— Talvez... Sempre haveria capitulos agradaveis... Mas diga-me antes o fim da historia.

— Que historia?

— Da Silveirinha! Ella voltou para a casa do pai?

— Não. Para salvar as apparencias continúa com o marido, com quem apenas troca palavras quando estão visitas. Na intimidade nem sequer olham um para o outro. Não se podia esperar nada bom daquele casamento. E vejam como são as cousas : exatamente agora é que eu ia começando a simpatisar com o Jordão. Ouvi-lhe outro dia umas palavras que me comoveram... Pois, foi tão grande o desgosto em casa que por amor disso a irmã da Silveirinha vai entrar para um convento !

— Cá temos nós outra vez o convento como solução das crises de familia. Senhor! não haver quem queime esses conventos !

— Roberto, não se dizem essas coisas, nem brincando.

— Já outro dia constou que a filha da Xaviera ia-se fazer freira para redimir os pecados da mãe : esta vai mais longe, e faz-se religiosa por causa de um arrufo do cunhado! Mas se isto continúa, minha amiga, dentro em pouco a sociedade brasileira será uma comunidade de *sorores* bem pouco interessante...

— Hão de vir sempre estrangeiras para os cafés-concertos, descanse...

— Valha-nos isso, e que se salve a patria!

— Não diga barbaridades e assine ao menos cinco mil reis nesta lista para um presente ao padre Gil. Por patriotismo, ao menos...

— Quê, também!?

— Pudera não. Eu não lhe tinha dito? Haveria de ter graça que o francêz recebesse tanta coisa e o brasileiro nada. Ao menos por este não se divorciará ninguém. Vá, vá, assine...

— Pronto... obedeço.

— Cincoenta mil reis? *Oh là, là! quel beau geste...* Obrigada.

XII

O mal está menos nas coisas do que nos olhos que as vêem...

João Zacarias apagou a lampada do escritorio e caminhou pelo corredor para o quarto de cama, quando viu a mulher sair da alcova das crianças.

— Está tudo em paz? perguntou ele.

— Tudo; mas o Roberto nem mesmo dormindo fica socegado. E' a terceira vez que lhe componho as roupas e já tem os lençóis como um ninho de ratos...

— Escute, Zelia, você poderá amanhã **descer** ao Rio?

— Para quê?!

— Minha mãe teve hontem um forte acesso de asma, e eu gostaria que você a visitasse : **bem** sabe que é a sua nora preferida... Além de que, eu quero ver se passo amanhã o dia aqui, estudando o negocio do banco, que está muito complicado. Se você fôr, levará uns papeis que **tenho** aí ao Ludgero e trará outros que **deverão** estar prontos... Sei que é um sacrificio que **lhe peço**,

mas tenha paciência. Também você ainda não desceu ao Rio nem uma vez neste verão!

— Nem sinto falta, acredite.

— Mas que diacho, só por um dia...

— Não é sacrificio. Irei.

— Bom. Eu já telegrafei ao Ludgero para a ir esperar á estação.

— Mas se eu não pudesse ir?

— Nesse caso iria eu!

— O que eu não preciso é que o Ludgero me vá esperar á estação! Conheço bem o caminho.

— Preciso eu. Logo á chegada você lhe entregará os meus papeis, pedindo-lhe que os leve amanhã mesmo ao ministerio. A' tarde, depois das suas voltas, você irá então ao seu escritorio pedir-lhe a resposta do ministro e uns outros papeis que nessa hora já deverão estar prontos. Entendeu?

— Entendi.

— Ao menos você gozará na viagem da companhia da condessa. Encontrei-a hoje, no telegrafo. Perguntou muito por você...

— Ela pergunta sempre muito por toda a gente... E' uma interrogação viva, aquela mulher...

— Você nunca a visitou.

— Nunca. Tomara eu tempo para tratar dos meus filhos e da minha casa. Venho para descansar do bulicio, não me agradam relações novas...

Sei que por isso me acham exquisita mas não faz mal...

Nessa noite João Zacarias adormeceu feliz, antegozando as delicias do seu dia serrano, trabalhando sem atropelos nem constrangimento no bem-estar de um clima adoravel e de um pijama macio. Na manhã seguinte a mulher saiu cedo, depois de ter feito aos filhos muitas promessas risonhas e de lhes ter aconselhado muito juizo!

Quando chegou ao trem já nele encontrou a condessa, conversando com o Roberto Flores e o Max. Fizera-lhe ela a fineza de lhe marcar um bom lugar com a sua echarpe.

Madame Z. agradeceu a amabilidade com um sorriso e sentou-se, esquivando-se a conversas.

Poucos bancos adeante estavam o Dr. Jordão e a Silveirinha, que desciam ao Rio a procurar casa para a residencia do inverno e deveriam regressar á noite a Petropolis. A Silveirinha estava com um modo tão enjoado, que o Roberto comentou a meia voz.

— Como os anjinhos se fazem mal anunciar, condessa!

— Está enganado. E' por outra cousa. A Silveirinha sofre por ter de deixar Petropolis exatamente agora, que vai começar o mez de Maria!

— No Rio tambem ha disso.

— E' diferente. Você compreende que todos aqui nos conhecemos. Temos a nossa roda. A

gente, quando se ajoelha em uma igreja, não tem medo de que as saias das nossas vizinhas de oração tenham trazido, de cortiços ou de alcovas ignoradas, certas pulguinhas que, nem por virem bem alimentadas, deixam de ser famintas. O que nos vale é que os operários e a gente das classes inferiores cada vez vão menos á igreja. Já notou?

— Como haveria de fazel-o, se nunca vou á igreja? Talvez porque seja tambem — da classe inferior. Mas diga-me uma cousa : a Silveirinha já fez as pazes com o marido?

— Pois se ela o adora!

— Outra vez?!

— Como outra vez?

— Pois não me disse outro dia que eles tinham brigado até ao escandalo?

— Talvez tivessem tido o seu arrufo... sim parece que afinal de contas tudo se limitou a um arrufo... Mas as conveniencias? Todas as senhoras da sociedade adoram os maridos... Soube depois que tudo aquilo que se disse não era verdade. Estive com o Silveira, que me contou tudo. Nem ele está contra o genro; nem a criada gritou; nem a Guiomar teve ataques. Houve apenas um ligeiro arrepio entre ambos, e nada mais. A essa cena chamou o Silveira : — aperitivo para beijos. Os doces beijos das pazes! Ainda desta vez você não ficou vingado...

-
- O que muito estimo.
- Conheço a elevação dos seus sentimentos...
- Obrigado. Em todo caso a Silveirinha não foi á festa do padre Pierre, pois não?
- Não.
- Nem o seu nome appareceu na tal lista...
- Nem.
- Eu dou toda a razão ao marido.
- Não fosse você homem !
- E que tal esteve a festa ?
- Magnifica.
- Imagino.
- Não, você não imagina. A coisa foi superior.
- Ainda uma vez — obrigado !
- Não se ofenda. Sei que não lhe falta capacidade imaginativa ; mas é que a festa excedeu a expetativa geral. Ora suponha que havia já dois dias que uma comissão de meninas andava enfeitando a casa do padre Pierre sem olhar a nenhuma despeza nem a nenhum sacrificio.
- A sala de visitas tinha as paredes completamente cobertas de cravos vermelhos — representando o sangue de Christo.
- Sem vinho ?
- Ouça e cale-se.
- Sim, para o vinho é preciso um calice...
- Que horrivel *calembourg*, meu caro amigo,

que horrível *calembourg*! Até parece do comendador Brandão...

— Perdõe-me e continúe. Como estava enfeitada a sala de jantar?

— De avencas e dalias côr de rosa, tendo sido substituído o lustre velho por um magnifico, franjado de oiro...

— Que idéa brilhante!

— Brilhantissima. Mas o que estava deveras lindo era o quarto de dormir, literalmente guardado de rosas brancas.

— Oh, pureza!

— Até nos chinelos de monsenhor elas acharam geito de prender *bouquets* de rosas miudinhas...

— Que delicadeza de sentimentos!

— E então se você visse a cama! Parecia de noivado, toda coberta de sedas e de rendas. As moças tiveram arte até para engrinaldar o cortinado, á cabeceira, com um belo festão de flôres de laranjeira!

— Se ha tantas sem applicação.

— Não se faça de tolo, nem seja má-língua, ou eu não direi mais nada.

— Diga sempre!

— Não. Olhe antes para Madame Z. Repare que ela é bonita, vista de perto.

— E de longe também.

— Porque irá sósinha?

— Isso é com os deuses.

— Daqui a pouco irei conversar com ela.

— Então saberá tudo.

— Pelo menos, saberei alguma cousa. Não nego, tenho pela vida real das pessoas que o acaso aproxima de mim o mesmo interesse que certos individuos têm pelos livros que lhe passam ao alcance das mãos. Quando os não lêiam, folheiam-lhes ao menos algumas paginas para terem uma idéa do conjunto, e já com isso sentem um pouco satisfeita a sua curiosidade... Lá foi o Jordão conversar com a Z... neste caso irei conversar com a Silveirinha!

E a condessa caminhou para o lado da amiga, cujo olhar se perdia nas nevoas de uma idéa distante.

— Você está doente, Guiomar?

— Eu não. Porqué?

— Parece-me abatida.

— Foi da madrugada. Não tenho o habito de me levantar cedo.

— Ainda bem.

— Talvez que tambem o *russo* de hontem á tarde me tivesse feito mal. Reparou como foi forte?

— Filha, o unico russo que eu conheço é o Korsakoff, que só me parece forte na paciencia de aturar as maluquices da mulher.

— Referia-me á neblina. Sabe que a chamam *russo* aqui?

— Sei. O nevoeiro começou exatamente quando saíamos da casa do padre Pierre. Fique certa de que a sua falta foi muito sentida...

— Imagino...

— Póde ter a certeza. Tanto que Monsenhor pediu que eu lhe transmitisse o seu pensamento. Disse que rezará por você todos os dias e aconselha-a, por meu intermedio, a continuar no proposito de converter seu marido com paciencia, que o triumpho virá um dia, com a benção de Deus. Distribuiu por nós todas as medalhinhas de ouro e entregou-me a que lhe destinava, que beijou e benzeu á minha vista. Sabe que ele tenciona tambem mudar-se para a capital?

Um relapago de alegria iluminou o rosto da Silveirinha.

— Quem disse?

— Quem havia de ser? Ele.

— Seria tão bom, preciso tanto do seu conselho!

— Mas com menos imprudencia do que em Petropolis, hein?

— Nunca fui imprudente! Trabalhei pela felicidade de meu marido e salvação de sua alma e trabalharei até á morte. Sómente agora, sem o apoio do padre Pierre, eu me sinto como uma

criancinha nos primeiros passos, sempre vacilante e com medo de cair!

— Você não está sózinha...

— Se ele não me abandonar... se rezar por mim... se algum dia voltar a falar-me, a inspirar-me, ah, então sim, eu me sentirei fortalecida na minha esperança! Por que não me dá a medalha quanto antes, condessa?...

— Porque não a trouxe na bolsa, filha. Está muito bem guardadinha em casa, entre os meus lencinhos de seda e os meus fichús...

— Elle não se mostrou zangado comigo?

— Por que?! Não! ao contrario. Quer que nós todas nos reunamos para ouvir a sua primeira missa, no Rio. Eu estimo que ele venha para a Capital e deixe em doce paz o meu santinho padre Gil. Vocês não ignoram que eu estava ficando com ciúmes e ciúmes muito justificados. Depois que vocês puzeram em moda o padre estrangeiro, o nacional ficou abandonado...

— Isso não... Mas diga-me: quando descera o padre Pierre?

— Assim que acabar o mez de Maria. Creio que ele tem promessa do Cardial para um bom lugar. É muito geitoso e felizardo, o padre Pierre... E vocês, quando descem?

— Não sei. Vamos hoje vêr casas; se alguma nos agradar desceremos na proxima semana. Amanhã irei vêl-a, buscar a medalhinha e contar-

lhe tudo. A' senhora eu posso falar como a uma mãe!
— Pois sim. Adeus, coragem e não seja criança...

* Desde então a fisionomia da Silveirinha mudou. Tingiu-se-lhe o rosto de um rubor febril e os olhos encheram-se-lhe de humidade e de brilho. Acordava-lhe a alma numa aurora de esperança. O seu confessor, o seu querido pai espiritual, que lhe chamava — *ma douce petite brebis, ma chère petite brebis!* — mandava-lhe, emfim, uma palavra de bondade e um pensamento de perdão! Já agora o Rio não lhe parecia tão antipatico e hostil. Padre Pierre viria habital-o e ajudal-a na sua grande obra de piedade e dever religioso. Tendo-o a seu lado estaria certa de vencer o grande obstaculo. Depois da cena da sacristia, em que se supuzera repudiada por ele, era a sua primeira hora de alegria! Teria ele querido pôr á prova o seu fragil e assustado coração? Tel-a-ia feito sofrer, para tornar mais doce e mais inquebrantavel depois a sua fé e a sua obediencia? Com que palavras, de que se não lembrava, o teria ofendido ao ponto de o tornar tão austero e tão cruel? Ali se pudesse voltar atraz, desfazer toda aquela cena de amargura e de humilhação!... mas começava agora a sentir-se feliz... ele voltava... ele mandava-lhe um registro sagrado... ele pensava na tortura da sua pobre alma estrangulada... talvez já arrependido...

Quando o trem parou na estação da Praia Formosa, a primeira pessoa que a condessa viu na *gare*, indagando com a vista para dentro do trem, foi o advogado Ludgero, já com um ar de elegancia e de dinheiro. A condessa imprimiu uma cotoveladinha discreta no braço do seu bom amigo Roberto Flores.

Nesse momento, Madame Z. oferecia a mão ao advogado que a ajudava a decer do trem.

XIII

*Tanto a mentira é imaginativa e tre-
fega, quanto a verdade é serena e
constante...*

A Xaviera cançava-se. Havia já alguns dias que inventava ciúmes do marido, para fugir ás assiduidades de Ludgero, assim mais espicaçado pelo desejo e a paixão. Encontravam-se menos vezes, mas sempre em beijos rapidos e violentos; ele orgulhoso por ter por amante uma mulher casada, conhecida em todo o Rio, e ela vaidosa por tel-o disputado a uma amiga tão intima, como a Z. Enisso consistia a sua unica ventura, porque entrava a embirrar com a côr da pele acabocladada do Ludgero, com os seus gestos ainda angulosos e a maneira adocicada como pronunciava os ss.

Atravéz da caligrafia do Jorge nos seus dias de exaltação alcoolica, continuava, entretanto, o advogado a escrever-se a si proprio cartas de amor que, se pelo estilo não podiam ser comparadas, pela veemencia equalavam as da *Religiosa Portuguesa*. Por esse processo original da sua exclusiva invenção, tinha ele cartas da Xaviera

com que acalmaria, em caso de tempestade imprevista, os zelos do Zacarias; e cartas da Z., para as prováveis crises ciumentas do marido da Xaviera. Considerava-se por isso um herói à Dumas. Os seus planos morreriam com ele, mas só depois de lhe terem assegurado um grande êxito na vida. Para que a doce historia dos seus amores lhe desse o prestigio desejado, denunciava-a ás vezes a certas pessoas em pequenas cartas anonimas, que eram um prodigio de perfidia habilidosa. Queria que se soubesse das suas aventuras, na certeza de que esses escandalos atrairiam para a sua pessoa a atenção curiosa da sociedade que se propunha a conquistar. Ah, ele não viera da provincia, para se deixar apodrecer de miseria, ou bater solas remendadas pelas ruas cariocas! Viera para vencer, haveria de vencer: mesmo que para subir tivesse de fazer uma escada de mulheres...

Com que não contára fôra que a Xaviera o empolgasse, e lhe acendesse na carne de cinico a fogueira de instintos que supunha para sempre dominados por outras aspirações mais praticas e mais ferozes. O que não imaginava, era que a sua alma felina, tivesse encontrado na da amante outra, de gata mais esperta. Agora, iludia-o ela alvoroçando-o com a narração de suspeitas do marido, que dizia trazel-a sob uma vigilancia incançavel e terrivel. E ele acreditava nessas historias

como um estudantinho de preparatorios no seu primeiro ano, quasi infantilmente.

Era tempo de executar os planos estudados atravez das falsificações do Jorge. Mas como? Para que a Xaviera o amasse mais, com o ardor e a furia do ciume, tinha-lhe contado coisas extraordinarias, perseguições amorosas, que ele sofria por não saber como defender-se, sem offensa para a perseguidora... Afirmava estar agora habilitado a compreender a situação do pobre José do Egito por tantos imbecis ridicularizado... E dessa indireta derivara-se a confissão inteira, com o nome de Zelia e a prova da sua loucura, numa carta queixando-se de o não vêr em Petropolis á hora em que o marido gemia doente no fundo de uma cama...

A tatica produzia efeito; Xaviera enthusiasma-se; até que, certa do seu triumpho, começou a esquivar-se e a criar impecilhos, a falar dos ciumes do marido...

Um dia em que a esperava, Ludgero recebeu um aviso laconico : « Impossivel. Ele espia-nos. »

O advogado deu um murro na mesa e saiu para a escada, batendo a porta. Se pudesse matar aquele maldito fabricante de conservas, fazendo-o ingerir de uma assentada todo o vinagre que ele impingia aos outros!

Mas o maldito parecia eterno, com as suas

faces rubicundas e o seu largo peito de lutador romano; e o mais prudente seria temel-o e evitar-lhe um momento de colera, cujas consequencias não poderiam deixar de ser memoraveis. Ludgero gabava-se intimamente de ser um homem sensato e precavido, um homem de sociedade, que se não desordena em gestos de furia; quasi sempre perigosos, em todo caso, nesse dia não se pôde conter que não tivesse imprimido á mesa inermem a forte sacudidela dos seus nervos vibrateis. Depois saiu para a rua; para quê? nem ele o sabia; para fazer alguma coisa; para andar. Mas logo ao descer da escada viu a passagem interceptada pela figura de um estafeta que lhe apresentava um telegrama.

Abriu-o. Era de João Zacarias e dizia :

« Peço-lhe ir esperar amanhã Zelia estação. Ela irá depois 3 horas seu escritorio buscar papeis Banco. Previna-se.

ZACARIAS. »

Ludgero retrocedeu; passeou no seu escritorio de um lado para o outro, indeciso, pensativo, até que, tomando uma resolução, atirou-se para casa da Xaviera.

A criadinha que lhe veio abrir a porta, sorriu-lhe em ar de cumplicidade canalha e correu a dizer

á senhora que o Dr. Ludgero a esperava na salinha verde...

Nesse diá, não foi com vexame que ele se mirou no cristal do espelho sobre o *gueridon* de onix esmeralda e marmore branco. Era prodigioso como se tinha transformado em tão curtos mezes! Era outro. Tão certo é que nada póde dar tanto prestigio a certos homens como a tesoura de um bom alfaiate. Mas não era só a elegancia das suas casemiras bem talhadas que imprimia ao moço advogado um ar distinto; era a propria expressão do seu rosto e o feitio do penteado, que lhe desnudava mais a testa.

Xaviera appareceu contrariada e aflita falando depressa, baixo e nervosamente:

— Que imprudencia! você quer comprometer-me? Vir a esta hora, e demais a mais sem me avisar!

— Escute!

— Não posso. E' hora de meu marido vir para casa. Você bem sabe que ele desconfia!

— Pois é por isso mesmo.

— Ora essa!

— Escute: vim para acabar de um só golpe com essas desconfianças. Não ignora que a sua amiga continua a perseguir-me com insistencia...

— Parece incrível...

— Não perca tempo com duvidas. O fato é que é assim. Ele sorriu vaidosamente.

— Fale, depressa !

— Você tem uma das cartas que ela me mandou ; porque não a deixa ser encontrada por ele, como por acaso ? Não me compete a mim, mostrar cartas da Z. a seu marido !

— Nem a mim.

— Mas se ele a encontrasse ?

— Como ?

— No chão, ou no seu colo, no dia em que, á sua vista, abrisse a sua correspondencia de Petropolis... Essa carta poderia vir para mim por seu intermedio...

— Nunca. Meu marido não me perdoaria... Nem a minha consciencia tão pouco.

— Oh, a consciencia !

— Seria uma torpeza.,. não ; isso não.

— Ha tambem outro meio... Ela escreveu-me dizendo que amanhã descerá só e só *para ir ás tres horas ao meu escritorio...*

— E' impossivel !

— Verá. Verá se quizer. Lembrei-me que você poderia passar com seu marido a essa mesma hora por minha casa...

— Para quê?!

— Para saber. Vendo a Z. subir ao meu escritorio, você fará um comentario elucidativo ; elucidativo mas caridoso, desses que as mulheres sabem fazer ás amigas rivais... e assim a torrente das suspeitas de seu marido secaria de chofre !

— Você não pôde receber a Z.!

— Não tenha ciumes... eu a conduzirei para a janela, de modo que poderão até observá-la de fóra... Valeu?

— Nós não havemos de ficar parados na rua, á espera de a ver entrar ou sair.

— Lá em frente ao escritorio ha uma leiteria com as mesas bem perto da porta; nada a impedirá de ter vontade de tomar um copo de leite e de prolongar esse prazer pelo tempo que lhe parecer conveniente...

Os olhos de Xaviera ardiam numa expressão de curiosidade e de raiva. Ludgero quiz beijal-a ella recuou rapidamente e saiu para o vestibulo.

— São horas... fuja!

Ele fugiu.

Xaviera não o enganara. A pouca distancia, o seu bond cruzou-se com outro em que voltava para casa o fabricante de conservas Juventino Teixeira. Cumprimentaram-se rasgada e risonhamente.

« Na vida, pensava o advogado, só os imbecis deixam de jogar grandes cartadas. Eu lanço nestas o meu futuro. Todo o homem amado é interessante, mesmo aos olhos dos outros homens... Evitando os perigos nenhum deve por isso fugir á publicidade de certas imperfeições que lhe dão prestigio... Afinal, a Madame Z. é séria e é uma excelente amiga; mas tambem por isso eu não a comprometo diante de todos, mas só, e muito par-

ticamente, deste casal de íntimos, que por sua vez a não comprometerá... Passados meia duzia de dias, já nenhum de nós pensará nesta aventura modesta, cuja torpeza ficará sepultada dentro de mim... E' triste que eu tenha de me servir deste recurso, mas a culpa não é minha : sou empurrado... sinto-me levado pela enxurrada da vida moderna... e pela necessidade de conquistar a fortuna... Mas como tarda a fortuna ! »

No dia seguinte, ás nove horas da manhã, estendia ele a mão a Madame Z. para fazel-a decer do trem :

— Como está, minha senhora ?

— Bem. E o senhor ?

— Admiravelmente.

— Vê-se-lhe pela fisionomia. Sabe que venho com a incumbencia de trazer e levar papeis de negocios seus e de meu marido ?

— Ele avisou-me. Os papeis estão prontos...

— Trago outros aqui, na bolsa. Quer que lh'os dê já ?

— Será melhor no automovel, que está á nossa espera...

— Para que automovel ? nós poderíamos ir também de bond...

— E' muito mais rapido.

— Isso é...

— As crianças boas ?

— Oh, elas em Petropolis gozam de uma saude

de ferro! E é por esse motivo que não desejo voltar tão cedo para o Rio...

— Tem razão. Isto é insuportavel!

— Já se cançou?!

— Não. Em todo caso, agora eu preferiria Petropolis. Tenho sentido muito calor!

— A diferença de temperatura é na verdade imensa.

— Para onde quer ir?

— Para a casa de minha sogra. Rua do Conde de Bomfim...

— Sei. Permite-me que a leve até a porta?

— Não se incomode. Estou habituada a andar só.

— Não é incomodo; é até um prazer. Tanto mais que assim descansarei um pouco...

E o automovel partiu, seguido por um olhar de espanto do condessa e da Silveirinha.

— Que teriam eles dito um ao outro, hein?

— E' até ondepóde chegar a sem cerimonia...

— Se as grandes virtuosas fazem destas, que se dirá das outras?!

— Realmente...

As horas da manhã corriam celeres para a Madame Z. cumulada de trabalhos diversos; e tanta anciedade tinha de concluir tudo e voltar para o socego do seu cantinho que, ás duas horas, subiu as escadas do escritorio do Ludgero, não tendo paciencia de esperar pelas tres.

Em cima, na sala encardida, só encontrou um rapazinho de olhar sonolento, reclinado no sofá.

— Não é aqui o escritório do Dr. Ludgero Dias?

— Sim, senhora.

— Ele não está?

— Não, senhora.

Madame Z. calou-se. Estava linda, apesar do seu ar um tanto desapontado.

Jorge tinha-se erguido respeitosamente e contemplava-a com certa admiração. O gesto sereno, a dignidade do porte daquela senhora, o som da sua voz doce, de inflexões quasi meigas na propria banalidade das frases que dizia davam-lhe a impressão de estar em frente de uma criatura superior, unica na terra.

— Não sabe a que horas ele virá, ou se teria deixado alguns papeis para mim?

— Não sei...

Madame Z. descalçava as luvas vagarosamente. Jorge apreciou-lhe a alvura dos mãos e o rosado das unhas.

— Poderá dar-me papel e pena para eu lhe escrever duas linhas?

— Pois não...

E Jorge poz sobre a mesa uma folha de alçaço e abriu o tinteiro. Madame Z. sentou-se e escreveu. Minutos depois, erguia-se, cumprimentava o moço, embaraçado, recomendando-lhe que se não

esquecesse de apresentar aquelas linhas ao Dr. Ludgero, e saiu.

Vendo-a desaparecer no fim da escada, Jorge aproximou-se da mesa e olhou para o alçaço que permanecia desdobrado sobre a pasta, grafado por uma letra firme e larga, que ele reconheceu logo á primeira vista. Teve um sobresalto; o coração como que lhe deu uma cambalhota no peito. Seria possível?? Era então daquela mulher nobre e distinta a caligrafia que ele imitava em cartas e em bilhetes impudicos e comprometedores? Sentiu que uma onda de sangue lhe subia ao rosto e ergueu o papel da mesa com mãos tremulas. Seria possível?! repetia ele, como que duvidando dos seus proprios olhos.

Madame Z. tinha escrito :

« Dr. Ludgero. — Não podendo voltar hoje ao seu escritorio ás tres horas, peço-lhe encarecidamente o obsequio de mandar os papeis de meu marido á estação. Parto no trem das quatro.

Sua amiga, muito grata. — Z. Zacarias. »

XIV

Depois de alguns dias consecutivos de chuva e de lama, quando o céu se faz azul e o sol aparece, até as gotas de água encardidas, pendentes dos beirais velhos ou tremeluzindo na vegetação, parecem diamantes. Assim, na alma enevoada pela tristeza, quando a esperança surge, até as lágrimas anteriores resplandecem como cristalizações de neve sobre um jardim de primavera...

Dir-se-ia o primeiro dia de noivado da Silveirinha. Tão amorosa e risonha estava, que o marido atribuiu toda aquela transformação á mudança do clima! Compreendia agora, depois de algumas horas no Rio de Janeiro, que a irritabilidade quasi constante da mulher em Petropolis era uma questão de nervos agitados, amofinados, pela rarefação do ar da montanha. Sentia-se inebriado. Os proprios dissabores sofridos nos seus primeiros dias de casado se lhe afiguravam, observados sob esse criterio, como fatos mais graciosos do que mesmo graves. O que provava tudo aquilo é que a sua querida mulherzinha era muito sensivel, muito delicada, muito *mulher*, em suma.

Na escolha da casa para a sua residencia definitiva, eram tais os cuidados que a Silveirinha revelava pelo marido, que o enterneciam e o envidciam...

Tal casa não lhes servia, por ficar demasiadamente longe da cidade, o que o obrigaria a verdadeiras viagens cansativas, cada vez que tivesse de ir para o seu trabalho ou voltar. Para ela, a casa servia, tinha até todas as comodidades requeridas para o conforto a que estava habituada; mas não era egoista, queria em primeiro lugar o bem estar do seu marido... Num outro predio não encontrava aposentos independentes para o seu consultorio e os seus estudos. Ah, ela não tinha ciumes dos livros! Desejava que o esposo tivesse uma boa sala para biblioteca!

Aborrecida com o que via, aconselhava :

— O melhor será construirmos uma casa, de modo que você possa ter um pavilhão para os seus livros e os seus clientes, ligado aos nossos aposentos por uma galeria envidraçada, que eu trarei sempre cheia de flôres...

— Mas, entretanto, precisamos decidir-nos por uma destas, e quanto antes, que estou morto por me ver cá em baixo. Estes ares são melhores para ti, sabes?

— Do que os de Petropolis?!

— Sim.

A Silveirinha riu-se.

— Pódes crel-o!

— Para te ser agradável...

Realmente, nesse dia, a Silveirinha parecia não ter outro proposito senão o de ser agradável ao marido. Como tivessem consumido muitas horas na escolha da nova residencia, resolveram ficar no Rio até á manhã seguinte. Na hora de maior bulicio a Silveirinha confessou :

— Esta cidade entontece-me. Nem posso conceber que haja outro lugar no mundo tão barulhento. A minha primeira impressão, sempre que desço de Petropolis, é quasi de susto. Sinto um mal-estar exquisito, tal qual como se o meu corpo tivesse passado de umas mãos finas e macias para outras asperas e calejadas...

Como o marido respondesse a essa observação com um olhar de estranheza, ela emendou logo :

— Ah, mas é uma questão passageira. Quando chega o inverno, sinto-me aqui como um peixinho na agua... E' o meu elemento.

E rompeu logo a fazer projetos : daria as suas recepções ás terças-feiras, para evitar maçadas de ter visitas todos os dias! O que exigia, desde já, era uma assinatura para a estação estrangeira do Teatro Municipal. Queria que a vissem hem elegante ao lado do seu maridinho na platéa. Contava que ele contratasse automovel para os ir levar e buscar todas as noites, não?

— Sim...

— A grande maçada vai ser a escolha de criados. Quero um copeiro japonês e uma criada de quarto francesa. Quanto á cozinheira, essa poderá ser nacional, desde que seja asseada... Eu não estou disposta a perdoar desleixos nem a aturar que se intrometam na minha vida. Vês aquela portuguesa que temos em Petropolis como quer dar a sua opinião em tudo?

O Dr. Jordão sorriu.

O automovel em que iam percorria então a Avenida Atlantica. Todo o poente estava iluminado por faixas e castelos de nuvens magnificas. Maravilhado pela beleza do espetaculo, daquele mar infindo brochado de côres sumptuosas, ele pegou na mãozinha indolente da mulher e disse, num desabafo, embora em voz quasi murmurada :

— Emfim, minha Guiomar, encontrei hoje em ti a mulher que procurei em toda a minha vida de homem; a doce companheira do meu pensamento, interessada pelo meu trabalho, pelo meu conforto e pela alegria que torne o nosso lar sociavel e ameno. Os meus ideais foram sempre os de poder oferecer a uma esposa que me entendesse e estimulasse com a sua presença e a sua bondade, os triunfos e as glorias que tivessem de compensar o meu esforço. Como poderia eu ser feliz se minha mulher fosse inimiga dos meus livros e de um tal egoismo que não quizesse em casa os seus e os meus amigos? Desde os primeiros tempos de estu-

dante, que eu, sem mãe, sem irmãs, pensei no futuro que hoje vejo realizado, de ter a meu lado, para sempre, uma mulher honesta e boa. O homem de ciência precisa, mais do que nenhum outro, de um lar consolador, que lhe adormeça o espirito cansado de tantas investigações fatigantes e perturbadoras. Trabalhamos para o bem da humanidade, precisamos sentir de algum modo o seu influxo benéfico. E eu tive medo, meu amor, eu tive um medo horrível de que tivesses nacido para um destino diferente daquele que eu desejava... O teu espirito parecia-me em tamanho desacôrdo com o meu, que esse parecer era perfeitamente justificado... Mas hoje a tua alma rompeu o casulo de nevoas em que se envolvia, para mostrar-se aos meus olhos tal qual eu a sonhara. Este é que é o verdadeiro dia do nosso noivado; agora é que vamos formar a nossa vida comum, é que vamos imprimir o cunho da nossa individualidade ao nosso lar definitivo, criado pelo nosso amor e pela nossa razão. A casa de Petropolis foi um ensaio de inexperientes. Entraremos nesta do Rio fortalecidos pela idéa de querermos e devermos ser felizes. Eu farei tudo para isso. E tu?

— O que puder...

— As mulheres podem o que querem...

— Pois eu não desejo outra cousa senão fazer-te feliz... Mas estamos sendo imprudentes... o *chauffeur* póde ouvir...

— Não ouve... Nós falamos tão baixo...

Ao mesmo tempo que ouvia o marido, a Silveirinha pensava, com os olhos fitos no horizonte rubro, que, pela força da sua oração, do seu sacrificio e dos conselhos do padre Pierre, que enfim voltava para ela, salvaria ainda aquela bela alma das condenações irremediáveis e eternas! E seria o grande, o maior dia da sua existencia, aquele em que o marido, este amargo homem de ciencia, que só a ela e aos livros impios pedia consolação na terra, se ajoelhasse e murmurasse, convencido e penetrado, o santo nome de Deus!

E o grande dia havia de chegar, porque o padre Pierre não a desamparava e lhe ensinaria palavras de convencimento. E era a idéa dessa reconciliação que lhe mantinha nesse dia a alma tão alegre e tão feliz.

A' noite foram ao teatro. O medico teria saído no fim do primeiro ato, mas viu a mulher tão interessada e risonha pelas banalidades complicadas da cena, que se deixou ficar até ao fim, gozando a doçura de a ver contente. E antes de voltarem ao hotel, ainda ela quiz tomar um sorvete, durante o qual falou sempre, com a volubilidade de uma criança, toda fulgurante de espirito e de graça.

No dia seguinte, ao tomarem o trem para Petropolis, o medico levava a convicção de ter começado, desde a vespera, uma existencia nova. Via nacer a confiança da mulher no seu amor, e tanto

que, ao primeiro arranco do trem, ele lhe disse baixinho :

— Guiomar! Acreditemos que nos casámos hontem, sim?...

E como ela abrisse para ele olhos de espanto, interrogativos, continuou :

— Esqueçamos os outros dias, em que não chegámos a nos compreender. Bem vês que não é difficil ser feliz...

« Se é! pensou ela. A minha felicidade compralaei á custa de grandes sacrificios e de grandes lutas... Não é difficil ser feliz aos inconcientes ou áqueles que não ligam á vida senão o sentido sensual do momento. Mas para os que esperam, os que pensam na eternidade e em bem servir a Deus na terra, para vel-o de perto depois da morte, para esses certamente que não é facil o ser feliz! »

— Agora, que já temos casa no Rio, continuava o medico, precisamos tratar da mudança. Não imaginas a minha anciedade!

« No Rio, como em Petropolis, como em toda a parte, continuava a pensar a Silveirinha, eu não descansarei nem um segundo na minha campanha sagrada, até vel-a triunfar! »

Foi com antipatia que o Dr. Jordão entrou no seu chalet petropolitano, onde tinha deslizado o seu primeiro tempo de noivado.

Felizmente a estação acabava, e dentro de poucos dias ele estaria noutra casa, em face de outra

mulher. Porque a sua Guiomar era absolutamente outra criatura no clima de beira-mar! Começaria ele então a existencia para a qual nacera : a do estudo e do trabalho pacifico com o amparo confortador de um espirito sutil e de um coração meigo de esposa. Depois viriam os filhos coroar o seu outono de flôres virentes; e tendo criado a familia pelo seu amor e conquistado um nome nobre pelo seu trabalho e a sua intelligencia, poderia considerar-se um homem verdadeiramente feliz!

XV

Ha frases que são para o nosso ouvido como o zumbido das abelhas : só têm som.

Mas quem entendesse as abelhas descobriria talvez no seu zumbido, significações bem extraordinárias.

A Silveirinha estava contente, lépida, e, mal terminou o seu almoço, vestiu-se para sair e correu á casa da condessa, pensando na medalhinha do padre Pierre.

A condessa estava na sala de jantar, rodeada de amigas, fazendo flôres para o altar.

Ia começar o mez de Maria. Queriam que a igreja resplandecesse de candura o de lindeza.

A sala fôra arvorada em *atelier* de floristas. Magdalena estava á cabeceira da mesa, dirigindo tudo e armando as palmas e os ramalhetes. A Baltazar Luz estava a seu lado, trabalhando de luvas, para que o arame não lhe ferisse os dedos, nem lhe encardisse as unhas primorosas.

D. Clara era a mais expedita; já tinha feito nada menos de vinte botões! Estava tambem a mais moça das Guimarães, a das sobranceiras cabelu-

das, sempre atrapalhadora, sem saber fazer nada e perguntando tudo!

— Quanto paga pela lição? perguntava-lhe D. Clara, a cada uma das suas indagações.

A condessa, de pé, colocava as flôres já feitas em uma bandeja sobre a *étagère*.

Quando a Silveirinha entrou na sala e deparou com a Magdalena, teve vontade de voltar para trás e desandar o seu caminho; mas dominando o seu impeto, cumprimentou a todas com um — boa tarde! — tão amavel quanto lhe foi possível, e caminhou para a condessa.

— Bravo! cá temos a nossa Guiomar! Arranquem um lugarzinho para ela. Então você hontem ficou no Rio?

— Sim, condessa. Fiquei e não me arrependi, sabe? Diverti-me muito!

Esta declaração fel-a ela á Magdalena, indiretamente. Precizava que essa senhora soubesse que ela não tinha ficado acabrunhada, que vivia contente...

D. Clara chamou-a :

— Venha para o pé de mim; precisamos de operarias. Imagine que já mandámos chamar até a Goldenberg!

— A *Looking-glass* não sabe fazer flôres; saberá quando muito fazer hastes... Vocês têm notado como a pobre está cada vez mais comprida? observou a Magdalena. Já quando anda, se sente

o ruídozinho do medalhão de espelho batendo-lhe de encontro aos ossos...

— Pensei que você fosse muito amiga da Goldenberg! disse D. Clara, olhando para Magdalena em ar de censura delicada.

— E sou, ora essa! Eu e o padre Pierre estamos trabalhando até com muito entusiasmo para a sua conversão. Já a temos abalado um pouco... A conquista não é nada fácil; mas que quererá padre Pierre, que não consiga fazer?

Isto disse a Magdalena para o lado da Silveirinha, que ouviu tudo calada, mas com avidez.

— Pois eu não acredito que vocês possam conquistar vitória nessa questão. A *Looking-glass* é protestante; e os protestantes são inabaláveis.

— Quando não encontram no seu caminho um padre Pierre.

— Mas quem se lembrou de semelhante idéia

— Eu.

— A que propósito?

— A propósito de cousa nenhuma. Conversando um dia com padre Pierre, que vai a nossa casa muito a miude, lembrei-lhe que seria um verdadeiro triunfo para nós a entrada da *Looking-glass* para o grêmio católico; e logo ele aprovou, instruindo-me sobre o modo de a atrair-mos pouco pouco, sem violência, para o nosso lado...

— Mas essa ação deveria ser executada em segredo! observou D. Clara.

— Também eu só digo isto a vocês! Nem é necessário recomendar discreção...

— Por que processos contam vocês conseguir essa vitória?

— Padre Pierre me instruirá diariamente sobre o que devo fazer... Hontem, por exemplo, eu levei a *Looking-glass* á igreja, sob o pretexto de ver um painel; que não tem historia nem valor artistico, mas que lhe gabei ao ponto de lhe excitar a curiosidade. Que diacho, a gente precisa inventar com que se divertir, em Petropolis...

— Olhe que você é terrível, Magdalena!

— Terrível, porque? Trabalho para um fim piedoso e em beneficio de uma alma que me é simpática, apesar de tudo... Vocês não podem dizer o contrario.

— Ah, não!

— Depois, meu marido está de acôrdo com as minhas opiniões e ao corrente da situação... Eu seria incapaz de me meter nesta aventura sem sciencia dele...

Silveirinha compreendeu o remoque, mas não retrucou, na ancia de ouvir o resto.

— Vamos ao que importa, exclamou a Baltazar; afinal a *Looking-glass*, foi?

— Foi; e padre Pierre veio em pessoa explicar-nos a vida da santa, uma grande hereje convertida ao cristianismo e que depois da conversão fez cousas sublimes e feitos milagrosos de assombrar

o mundo! Padre Pierre fez uma verdadeira conferencia, a ponto da *Looking-glass* se deixar penetrar pelas suas idéas até ás lagrimas. Tenho reparado que as inglezas não são de pedra. Quando monsenhor lhe tomou as mãos e disse com aquele modo envolvente que lhe conhecemos : — *Venez, ma brebis, venez souvent, et je vous raconterai de belles choses* — e ela respondeu com alvoroço : — *Oh, yess! I'll return!* — Eu tive a impressão de ouvir uma lixa grossa raspar sobre um setim macio!

— Realmente a voz do padre Pierre é o que ha de mais doce...

— Isso é. Voz e olhos ninguem os tem como ele!

— Em compensação a da *Looking-glass* é aspera.

— Compensação, tem graça!

— Que instruções tem você para alcançar um sucesso tão extraordinario?

— Varias. Visitarei de novo a *Looking-glass*, sem lhe falar em religião, nem cousa que se lhe pareça. Virá dela a primeira curiosidade. As Inglezas são curiosas. Conto agora que vocês me ajudem. Padre Pierre aconselhou-me esta confidencia, na certeza de que vocês todas unirão os seus esforços aos nossos...

— Gosta muito de colaboração, o padre Pierre!.. objetou D. Clara.

— Para repartir comnosco a sua gloria! afirmou Magdalena.

— Bem ; excitada a curiosidade da Goldenberg, que fará você?

— Leval-a-ei á igreja, ou fal-a-ei encon­tradiça com o padre Pierre e ele, sem pressão, sem con­selho, indiretamente, literariamente, contar-nos-á a vida dos santos mais apropriados ao caso. Ha uma especie de magnetismo nos olhos do padre Pierre, qualquer coisa que fascina, e que sendo nele um dom natural de que usa inconcientemente, o ajudará a converter a alma dura da Goldenberg...

— No seu caso, eu deixaria a moça em paz... advertiu a Baltazar Luz, emquanto a condessa pedia :

— Olhe, Magdalena, conte-me tudo o que se fôr passando. Essa historia interessa-me singularmente...

Silveirinha corava e empalidecia sucessivamente. Percebia o proposito da Magdalena de a magoar. Todo o carinho espiritual do padre Pierre, de que ela se ufanara desde solteira, passava agora inteiramente para a outra que o atraíra de proposito para a ofender... Magdalena conquistara o padre Pierre, só porque ele demonstrava preferencias e bondades pela sua pessoa. E o que diria dela ao padre, a Magdalena? De que invenções seria capaz a sua imaginação? Não acreditava que a Magdalena tivesse um interesse sincero pela felicidade futura e eterna da *Looking-glass*, de

quem se ria e caçoava, como fizera havia pouco. Que a Transvaliana fosse judia, protestante ou budista, dever-lhe-ia ser tão indiferente como se andasse vestida de azul, de preto, de branco ou de amarelo... A intenção fôra só a de atrair para si a atenção do padre Pierre, roubando-o á sua intimidade e ao seu cuidado... E padre Pierre, homem inconstante como os outros homens, aceitava aquela nova situação como qualquer mundano um *flirt* novo que destruísse um antigo...

A condessa, que tinha como o melhor prazer da sua vida observar os sentimentos alheios, não perdera nem a mais sutil das inflexões de voz da Magdalena, nem tampouco a mais dissimulada expressão fisionomica da Silveirinha. Quando achou que as cousas tinham chegado a um ponto de que não deveriam passar, reclamou a atenção geral para a sua bandeja de flores e ofereceu chá e bolos ás amigas; depois, chamando a Silveirinha ao seu quarto, tirou de uma gaveta a medalha oferecida pelo padre Pierre e entregou-lh'a :

— Aqui tem você a imagem de Nossa Senhora. Padre Pierre beijou-a, abençoou-a e entregou-m-a com estas palavras : — *Dites à Madame Jordão d'être sage et que je pense à elle constamment... dites-lui de travailler sans cesse, mais avec prudence pour la régénération de celui à qui son ange gardien l'a conduite... Le jour où elle mettra cette petite médaille au cou de son mari avec sa permis-*

sion, les royaumes des cieux se couvriront de gloire et je la bénirai avec mes deux mains...

Silveirinha deixou-se cair numa cadeira com uma crise de choro. A condessa assustou-se.

— Que é isso, Guiomar?! Estou-a desconhecendo! Você, tão energética, tão pertinaz, desanima assim?! Chorar, por quê?!

— Porque eu lutarei em vão contra as idéas, do meu marido. Já não tenho argumentos, nem sei que imaginar... Sou como uma onda de encontro a um rochedo; por maior que seja o meu impeto, recuo desfeita em cada embate que lhe dou... Padre Pierre abandonou-me, trocou-me por outra, ja não póde dirigir duas almas ao mesmo tempo, e eu sem ele tenho medo de errar o meu caminho!

— Mas se ele diz que pensará sempre em você!

— Não basta pensar; é preciso esclarecer... ensinar!

— Ele já esclareceu... Foi até onde podia ir. Foi mesmo mais alem. Compreende que, embora padre, ele é homem, moço e bonito; e ainda mais — que o mundo vê o mal até no bem! Percebendo o perigo a que ele a estava expondo, fez muito bem em retirar-se, e proibir a você de se aproximar de sua pessoa... Já sei tudo. Entretanto, afirma-lhe a distancia que a ampara e a segue com o pensamento, e isso deve fortalecel-a. O que lhe aconselho é que não faça caso do que

lhe disse a Magdalena... Todas nós sabemos que ela faz aquilo por pirraça... E' o seu feitio...

— Se eu pudesse confessar-me ao padre Pierre antes de voltar para o Rio!...

— Fale antes ao padre Gil...

— Não... Precizo justificar-me a monsenhor Pierre, explicar-lhe as intenções que tive e não soube exprimir a ultima vez que o vi, na sacristia... Mas eu estava numa hora de tamanha confusão e desespero!... Condessa, poderá obter que ele me ouça em confissão?

— Talvez...

— Diga que sim!

— Tentarei...

— Comunicar-me-á depois a sua resposta?

— Por força; embora, com franqueza, eu preferisse que se confessasse a outro. Seu marido é um homem muito digno da minha simpatia e da minha consideração e não quero que ele venha a ter motivos de aborrecimento contra mim. Aprovo que você o converta, como boa catolica que é, mas não creio que seja o padre Pierre o diretor mais conveniente para esse fim... Bem; agora venha lavar os olhos e cobrir de pó de arroz o narizinho, que ficou vermelho... Voces não fazem nada por terem juizo... Descance, que Deus não a desampará...

Silveirinha voltou para casa com a esperança na alma e a medalhinha do padre Pierre na bolsa. O marido já a esperava.

— Vim cedo para casa na idéa de encontrar-te e achei só a criada...

— Fui visitar a condessa...

— Quando poderei ter a minha mulherzinha só para mim?

Ela sorriu-lhe e ele abraçou-a com o braço pela cintura, mas logo retirou a mão com uma exclamação repentina :

— Ah!!

— Que foi?!

— Feriste-me!

— Eu?

— Sim. Vês? com um alfinete. Não é nada. Mas parece impossivel como doeu... Foi fundo. Não sei para que as mulheres hão de usar alfinetes!...

E ele espremia o dedo picado.

— E quanto sangue!... é que além do furo fez um arranhão... toma o lenço...

— Declaraste-me guerra mal chegaste a Petropolis! Eu não digo que este clima implica com os teus nervos! respondeu ele, rindo.

— Não fui eu, foi a Maria que pregou mal este alfinete...

— Não te desculpes... e dá-me o fenol!

O fenol e... um beijo.

Ela ergueu o rosto para o marido, num gesto sincero de paz.

O alfinete não fôra pregado com arte por culpa da sua pressa em correr para a casa da condessa...

O desajeitamento, dizia-lhe a consciencia, era muito mais seu do que da criada, que ela tinha sacudido na ancia de ir buscar a medalha do seu confessor... O que lhe valia é que as picadelas de alfinete não tem nenhuma importancia senão quando são representadas metafisicamente por gestos ou por palavras... Essa fôra material, casual, e não deixaria nenhum vestigio na vida. Daí a instantes não se pensava nisso.

XVI

A mentira corre; a verdade anda a passo natural. A mentira chega depressa onde quer chegar, porque se mete sem escrúpulos por atalhos e caminhos escusos. A verdade chega ás vezes tarde onde se faz precisa, por ter vindo pela unica estrada do seu conhecimento...

Ainda não eram tres horas e já a Xaviera e o marido se sentavam á mesa de uma leiteria bem em frente ao escritorio do Dr. Ludgero.

Juventino Teixeira, que sabia a mulher inimiga irreductivel de laticinios, vendo-a saborear aos goles, lentamente, deleitosamente um coparrazio de leite, que só de o ver se sentia enjoado, não se pôde conter e exclamou :

— Que mania é essa de tomar leite? Não lhe vá fazer mal...

Ela explicava que lhe tinha dado uma fraqueza. Chegara a temer uma vertigem no momento de atravessarem ao sol a Avenida...

— Pudera, se você não almoçou!... Pois nos outros dias comia bem!

Antes fosse agora fazer um *lunch*, papar san-

dwiches e tomar cerveja! Leite só para bezerros!

Ela lançou ao marido um olhar aborrecido.

— Você tem expressões!

— Muito justas. Negue, se é capaz, que o leite das vacas é feito para os bezerros! Coitaditos dos animais. Isso é um roubo que vocês lhes fazem!

Não fôra sem certa dificuldade que a Xaviera tinha alcançado para aquela hora a companhia do marido.

Fingira para isso medo de ir sózinha ao seu dentista. Juventino admirou-se daquela pusilanimidade, tão acostumado estava a ver a mulher suportar com galhardia as operações dentarias a que se submetia frequentemente. A uma sua observação nesse sentido, ela explicou :

— Quiz que você me acompanhasse, porque posso ter um desmaio e não me apraz a idéa de que seja o dentista quem me desamarre o colete...

— Mas você nunca teve desmaios!

— Mas posso ter hoje. Também minha mãe nunca tinha tido sincopes cardiacas e aos cinquenta anos teve uma que a matou...

A tão judiciosas ponderações, Juventino Teixeira não teve remedio senão ceder, embora lhe custasse deixar o seu escritorio para andar encartolado pelas ruas ao lado da esposa.

Sentada na leitaria, bem em face do escritorio do Dr. Ludgero, a Xaviera prolongava a libação do leite detestado, dando tempo á chegada da

dissimulada Madame Z. Entretanto, começava a sentir-se enjoada por aquela bebida palida e gordurosa com que fingia deliciar-se. Do lugar em que estava, podia, sem que o marido o percebesse, acompanhar o movimento do tempo no relógio do estabelecimento.

Tinham entrado para aquela maçada havia mais de vinte minutos e ainda a Z. não apparecera! Começava a arrepender-se de ter feito a vontade ao Ludgero, quando o viu chegar á sacada, enfiando um olhar comprido pelo interior da leiteria onde o Juventino, com as mãos gordas pousadas no castão da bengala, observava a mulher com um grande espanto :

— E o leite vai indo todo! dizia ele, arregalando os olhos.

Xaviera repeliu o copo já vazio e tornou a olhar furtivamente para Ludgero, que lhe fez do alto um rapido sinal negativo. Juventino não viu nada, porque se dava ao doce entretenimento de pagar a conta da mulher, mas o caixeiro da leiteria sorriu.

Xaviera desesperou-se. Ludgero não se estaria rindo da sua passividade e tola obediencia?

Como lhe parecia agora ridicula aquella inutil ingestão de leite e o sacrificio de se mostrar numa leiteria de segunda ordem, onde nunca imaginara poder pôr os pés?! Querendo sopitar a raiva, subiu-lhe o sangue ás faces e os olhos arderam-lhe, lacrimejantes. Estava certa de que o Ludgero

quizera experimental-a, e nada mais. Z. estaria certamente a essa hora cozendo á maquina na sua salinha de costura em Petropolis, no meio do reboliço dos filhos pequenos e barulhentos.

Xaviera apressou-se em sair. O marido seguiu-a, espantado.

— Parece que o leite lhe fez mal... hein?

— E tanto que nem vou ao dentista.

— Ora essa! Eu bem dizia...

— Vou para casa. E desandou num passo febril e nervoso a caminho do seu bond.

— Se você se sente mal será prudente entrar numa farmacia e tomar algumas gotas de elixir Paregorico...

— Não.

— Quem sabe se será bom desapertar o colete. Vá ao quarto de *toilette* do Palais Royal... Veja lá...

— Não. Chame antes um taxi...

— De acôrdo. Nestas conjunturas o melhor é sempre a casa!

— Agora não preciso da sua companhia. Pode ir para a fabrica. Eu volto só.

Juventino não aceitou o alvitre e partiu com a mulher para o seu palacete.

A pobre empalidecia agora ; tinha as mãos frias, os labios cercados por um friso violaceo.

Pelo espirito do marido perpassou a idéa, ao vel-a assim, da morte da sogra, evocada pouco

antes pela filha, como um presagio! E, curvando-se para o *chauffeur*, instigou-o a andar depressa, fazer voar o automovel pelas ruas tumultuosas...

— Assim que chegarmos mandarei chamar o medico...

— Para quê?! Eu não tenho nada. Só quero socoço; o meu roupão, o meu quarto, e ninguém ao pé de mim. Você bem sabe que eu quando tenho enxaqueca, prefiro a tudo o estar só... e o que eu tenho não é outra cousa! uma enxaqueca furiosa, repentina, e nada mais...

— Mas você hoje, mesmo antes de sair já estava nervosa... depois aquela mania do leite.

Quando chegaram a casa a Xaviera atirou-se para o seu quarto, gritando pela criada que a viesse despir, depressa, depressa, que se queria deitar!

Mas não se deitou. Enfiou um *peignoir* e agitou-se do quarto para a sala, falando, ralhando, atordoando os outros e atordoando-se a si propria. Não era mulher de quem um homem como Ludgero zombasse e a quem dirigisse como a qualquer automato. Vacilava entre o ir a Petropolis e lealmente contar tudo á Z. ou limitar-se a despedir o advogado para sempre da sua intimidade... E um mundo de cousas se erguia no seu passado de curtos mezes, cheios de misterios e de interrogações. Quem lhe diria se o Ludgero, assim como lhe falava da Z., não falaria dela á Z.? A qual das duas ele amaria mais ou respeitaria menos?

Não fizera ela uma loucura irremediavel, atraindo sem amor aquele homem a si, só pela vaidade e coquetismo doentio, de o tirar do caminho da sua mais velha e terna amiga? E todo esse manejo de mulher mundana, não teria sido percebido e seguido com asco pela outra? Mas se a outra era realmente culpada e decia a mendigar o amor de um indiferente, por que se dava ela agora áquele sofrimento?

Na sala, ao lado, o marido transmitia ordens pelo telefone para o seu escritorio. Não tornaria a sair nessa tarde, para ficar acompanhando a mulher, dizia ele ao socio, contando-lhe que ela fizera a imprudencia de tomar um copo de leite gelado na cidade, com todo aquele calor, e tinha voltado muito aflita para casa...

Xaviera bateu zangada com o pé no chão. Ora que tolice, estar a dizer aquelas cousas ao idiota do socio! Que se importava ele?

Juventino desculpou-se, afirmou que o seu socio era um amigo e que se interessava por tudo que lhe dissesse respeito. Mas que se não irritasse; ele ia ler os jornais para o pavimento inferior...

Xaviera respirou com força e vendo-se só dirigiu-se á sua secretária Luiz XV para escrever uma carta de despedida ao Ludgero. Ao sentar-se, viu sobre a pasta uma carta ainda fechada da filha mais velha. Rasgou freneticamente o envelope e leu :

« Mamã (particular)

« Sonhei uma noite que um anjo muito resplandecente se chegou para junto de mim e disse :

« — Por amor da tua mãe, deverás cortar os teus cabelos e cobrir a tua cabeça com um veu preto; por amor de tua mãe, deverás mortificar a tua carne e isolar a tua vida da sociedade mundana; por amor da tua mãe, deverás entrar para um convento. »

E, como é pela felicidade da sua vida eterna, prometo desde já seguir, acabado o meu curso, a vida das religiosas. Não diga nada a meu pai, e reze por mim.

Sua filha

MARILIA. »

Que queria dizer aquilo ?

Era evidente que a filha pensava em sacrificar-se para desconto das culpas maternas... Mas como poderia ela ter sabido dos seus extravios, se desde criança a afastara de si? Que espirito mau teria ido segredar-lhe ao ouvido casto, a historia secreta dos seus amores e das suas aventuras? Oh! não consentiria nunca que a sua filha se fizesse freira, a expiação por aquele modo seria tremenda e injusta. De resto, haveria escandalo,

todo mundo comentaria o caso estranho daquela menina romantica e da infeliz mae desnaturalada... Como convencer a filha da sua innocencia e fazel-a abandonar a idea absurda de se enterrar em vida na inercia do claustro?

Desesperada, exausta, a Xaviera atirou-se de bruços sobre a cama e desatou a chorar convulsivamente.

XVII

Os maiores desastres, como os mais brilhantes feitos, têm muitas vezes origem em fatos insignificantíssimos.

— Não, hoje não quero café simples. Traga-me café com leite e biscoitos, disse o Dr. Jordão á criada que o servia na sua sala de jantar, ás sete horas da manhã. Sentindo que alguém se aproximava, voltou-se, admirado de ver a mulher já de pé.

— Que é isso, você hoje madrugou?

— Não pude dormir quasi nada esta noite, pensando que você hoje vai fazer uma autopsia.

Ele riu-se.

— E ainda você ri!

— Então, filha, seria preferivel que eu chorasse? O que posso prometer é não causar dôres ao defunto...

— Não é pelas dôres, é pela repugnancia ; veja como estou toda arripiada. E erguendo as mangas do roupão de rendas, mostrou ao marido os braços finos, com os pelinhos erriçados. Depois de uma hesitação, continuou :

— Se eu fosse você, mandaria dizer ao Diretor do hospital que encarregasse outro medico desse serviço. Ainda está em tempo.

— Não. E' um caso de estudo porque me interessa. O que te peço é que domines os teus nervos e não te mostres assim tão impressionavel... Seria ridiculo que eu me furtasse aos deveres da minha profissão pela simples repugnancia de tocar num cadaver...

— Faze isso ao menos por mim... Acredita que até sinto aflição em olhar para as tuas mãos e imaginar que elas vão mergulhar num corpo morto e que depois virão tocar no meu.

O Dr. Jordão tornou-se sério :

— Isso tambem é demais.

— E' o que sinto ; que queres ?

— Quero que entendas as cousas como elas são e que não olhes para as mãos corajosas e bem intencionadas de um medico, como quem olha para as mãos de um assassino. A mulher de um homem de ciencia não deve ser tão pueril.

A Silveirinha mordeu o beijo, contrariada. O marido continuou, já sorrindo :

— Descança, que só voltarei para casa depois de bem lavado, escovado e desinfetado. Em vez de estar pensando no que vou fazer lá fóra, disfarça os teus pensamentos dando um passeio ou preparando as malas para a nossa partida para o Rio. Estou ancioso por me ver lá, com a minha

vida organizada e feliz. Havemos de ser muito felizes, não é verdade, Guiomar?

— Sim... por que não?

— Mesmo os teus nervos, no Rio, hão de-se conservar mais socegados...

— Os meus nervos... mas eu nunca tive ataques!

— Nem terás.

— Por que?

— Porque eu não quero.

— Se isso bastasse...

— Basta. Agora aconselho-te estes biscoitinhos e depois um passeio a pé pelas avenidas. A volta tratarás dos teus arranjos. Não estás também com vontade de voltar para o Rio?

— Estou... apesar de que ainda faz calor...

Silveirinha era sincera. Desejava já também organizar a sua casa na Capital, e então no socego da sua vida definitiva, estudar o modo de realizar a conversão do marido. Morria por se ver longe de tantas amigas buliçosas e futeis e cuja influencia agora a irritava. Em Petropolis os seus passeios eram curtos. A mais pequena das suas caminhadas era interrompida varias vezes por indagações desta ou daquela conhecida que, por estar de posse do seu segredo, se julgava com o direito de lhe pedir informações de tudo. Já não podia suportar a Baltazar Luz, que a não via que lhe não perguntasse : — *Então, meu bem, já*

fez as pazes com monsenhor Pierre? — nem tolerava, sem enorme constrangimento, ver com frequencia o sorriso escarminho da Magdalena, ironica e enigmatica, desde os ultimos tempos do collegio... Os proprios ollinhos indagadores da condessa, dois anzóis disfarçados em pupilas castanhas, lhe causavam como que uma impressão de angustia que não sabia definir... Anciava pela grande cidade, onde pudesse ter liberdade de ação e de pensamento, e trabalhar com segurança e livre de curiosidades, pela conversão do marido.

() Dr. Jordão saiu para a rua e ainda a mulher ficou sentada á mesa, mexendo distraidamente com a colherinha o assucar do café e a fazer bailar na ponta do pé cruzado a sua sandalia de pelica branca.

— A senhora vai sair? perguntou-lhe a criada. Se quiser, ainda poderá alcançar a missa das oito...

Era a missa do padre Pierre. Guiomar não teve coragem de perguntar á criada por que lhe fazia semelhante aviso. Imaginou que houvesse uma intenção suspeita naquelas palavras e esteve para responder mal; mas suspendeu-se a tempo e ordenou no tom mais natural :

— Hoje não é domingo nem dia santificado, para eu ir á missa. Vou sair só para fazer exercicio. Arranje-me o banho e ande depressa.

A criada replicou, ao mesmo tempo que ia saindo da sala :

— E' que a senhora ao principio ia tambem, ás vezes, em alguns dias da semana, á missa do padre francéz... Foi só por isso que eu perguntei...

A Silveirinha conteve a custo um gesto de impaciencia e levantou-se.

Era de mais! Até dentro de sua propria casa, até as suas criadas, se julgavam com o direito de lhe falar na sua devoção pelo padre Pierre! Dir-se-ia, pelo seu embaraço, que ela cometia um crime, quando todo o seu empenho e esforço era cumprir uma obra de piedade, de amor conjugal e de religião! E o seu criterio aconselhava-a a despedir essa criada intrometida, na vespera da partida para o Rio, onde arranjaría gente nova para o seu serviço, uma francesa e um japonez, que ignorassem completamente todas as particularidades da sua vida passada. Entretanto, se não fosse o receio de topar na igreja com a Magdalena, agora tão cozida á batina do monsenhor, gostaria de ir a essa missa das oito, annunciada pela sua criada, e fazer-se ver contrita e humilde pelo seu diretor espiritual, o seu antigo confessor... Não deveria partir dela o primeiro passo para a reconciliação?

Uma lagrimazinha, mais de despeito que de saudade, humedeceu-lhe a franja das pestanas. Daria alguma cousa da sua vida para saber se o

padre. Pierre não teria, de vez em quando, o pensamento voltado para a sua pobre pessoa... O que lhe dissera a condessa fortificava o seu animo, mas não teria a condessa exagerado? Ele tinha-a repellido, tratado como a uma importuna, na sua ultima e nunca esquecida entrevista; mas não teria ela provocado aquella attitude por um ato demasiadamente franco, ou por qualquer palavra imprudente? Quem sabe se, afinal, a culpa não lhe caberia toda a ella, a ella só?

A Silveirinha fez a sua *toilette* dispensando o auxilio da criada e saiu para a rua, pensando em ir até á casa do pai.

A manhã estava clara e cheirosa. Ella deixou a calçada e seguiu beirando o rio, cujas aguas tinham engrossado com uma chuvarada da vespera. No fim de uns cem passos, ao entrar numa ponte, esbarrou com a D. Clara, que fazia todos os dias uma longa caminhada a pé para emagrecer e que trazia aconchegada aos seios gordos a sua cadelinha *Catita*, de focinhito esperto. Houve exclamações.

— Oh, você por aqui! como está?

— Bem. Que linda manhã...

— Um pouco quente, não acha? Vai ao padre Pierre? talvez ainda alcance um restinho da missa...

— Saí para dar um giro e ir visitar minha irmã. Agora, missa só aos domingos...

— Só?! Começam as concessões, hein?

A Silveirinha franziu os sobr'olhos e apressou as despedidas.

Começava a achar desaforo que todo o mundo se quizesse meter na sua vida com perguntas e conselhos. Que podia importar a D. Clara que ela fizesse ou não fizesse concessões ao marido, para lhe vir fazer perguntas em ar de mofa? E o modo como ela dissera, aparentando solicitude: « Vá, que talvez ainda alcance um restinho da missa... », como quem dissesse a um faminto desgraçado, á guiza de consolação: « Corra, que talvez pilhe uns restos do jantar já servido aos outros! » Decididamente, precisava partir para o Rio, para a sua independencia... a grande independencia das cidades grandes!

Mas, antes disso, era indispensavel falar ao seu diretor espiritual, aproximar-se dele, pedir-lhe orientação, voltar á doce confiança dos dias passados, em que ele lhe incutia animação e coragem.

Sem saber como, como se tivesse sido levada só pelos seus pés, caminhou para a igreja e entrou. Havia poucos fieis. A missa terminava.

A luz radiosa da manhã, penetrando pela rosacea aberta acima do côro, desenhava uma renda de sol e de sombras no altar-mór. A cabeça loura do padre Pierre resplandecia na claridade intermitente; dir-se-ia a cabeça de um santo tocado pela graça divina.

Silveirinha estremeceu e parou indeciza. Não

seria melhor voltar para fóra e seguir sob as arvores o caminho interrompido? Não desobediencia ella assim á vontade de monsenhor, procurando vê-lo na casa de Deus?

O seu desejo era mais forte do que o seu raciocinio. Embora a razão lhe dissesse : — volta para traz — ella deixou-se ir para diante, de modo a que padre Pierre pudesse vê-la quando se voltasse para a assistencia.

Estava certa de que, contemplando-a ali, humilde, modesta, toda contrita e fervorosa, elle lhe perdoaria, apiedado do seu sofrimento, — o arrebatamento estouvado com que o tinha melindrado. No fundo da sua consciencia não percebia de como o poderia ter ofendido, mas alguma coisa com certeza muito grave ella devéra ter dito para merecer dele castigo tão severo...

Quando o padre Pierre se voltou para os fieis, viu a Silveirinha rente aos degraus do altar. Os seus olhares cruzaram-se. O dela cheio de supplicas, o dele frio e apagado. Era como se tivesse visto uma indifferente. Depois, elle seguiu para a sacristia imperturbavel e sereno e ella curvou-se, batendo no peito, já arrependida.

Quando se levantou, não havia ninguem na igreja. Quedou-se uns instantes de pé, a olhar, á espera ainda que elle voltasse e viesse trazer-lhe uma palavra de perdão e de bondade. Como elle não voltasse, ella saiu inconsolavel. Querendo

dar um passo para abreviar uma reconciliação, talvez tivesse, com a sua desobediencia, cavado mais fundo o abismo que a separava do seu antigo confessor e maldizia por isso o seu temperamento de mulher impaciente e nervosa.

Que seria da sua vida sem o apoio moral e forte do padre Pierre? Sentia cada vez menos força para lutar sósinha, não acreditando no exito das deliberações tomadas por inspiração propria. Naquele abandono naufragavam todas as suas esperanças, todos os seus sonhos de um futuro tranquilo, abençoado de Deus...

Fôra, em vez de seguir para a casa do pai começou a andár sem destino. Subiu, deceu varias ruas, cumprimentou varias pessoas, com o pensamento alhures e o ar abstrato.

Houve um momento em que perguntou a si propria, como, não sendo a sua natureza de humildades e submissões, se deixava assim dominar pela idéa e a vontade de um só homem. Porque não corria ela a outro padre, mais simples e mais claro no modo com que a elucidasse no caminho a seguir? Logo, porém, o seu espirito repelia a intervenção de outro qualquer sacerdote na historia do seu amor. Nenhum dos que conhecia tinha, a seu vêr, a elevação intelectual e o prestigio daquelle a quem tinha confiado o seu coração perplexo e cheio de fé. Depois de andar quasi uma hora, a esmo, pelas ruas, Silveirinha

voltava para casa, quando, ao dobrar de uma esquina, esbarrou repentinamente com o padre Pierre, que lhe sorriu paternalmente, estendendo-lhe a mão branca e assetinada :

— *Eh bien, ma douce petite brebis, ne soyez pas impatiente... Dieu vous aidera, parce que je prie pour vous et le bonheur de votre ménage...*

— *Oh, monsieur l'abbé, que j'ai souffert ! mais dites, dites, est-ce que vous me pardonnez ?*

A voz da Silveirinha saía como que estrangulada e todo o seu corpo se convertera em gelo.

— *Mais oui; mais oui, mon enfant !... Soyez prudente. Je pense à vous, toujours...*

— *Toujours ! Et est-il vrai que vous allez venir à Rio et que j'y peux compter sur vous ?*

— *Oui; vous pourrez compter sur moi, mais à la condition d'être obéissante... Allez-vous-en... votre mari vous attend peut-être; allez-vous-en!...*

— *Que je suis heureuse !*

— *Taisez-vous... adieu !*

Ele sorriu e passou ; a Silveirinha sentia que a aliviavam de um peso enorme, como se lhe tirassem um pedregulho de sobre os hombros.

Abençoado céu azul daquela manhã : abençoadas aguas limpidas que deslizavam frescas e mansas a seus pés ; abençoadas arvores que a cobriam com a frescura da sua sombra, porque ream testemunhas daquela hora de suprema alegria e de consolação...

A Silveirinha entrou em casa cantando a toda voz uma das suas arias prediletas. Trabalhou com ardor nos seus preparativos de viagem, separando objetos, e escrevendo algumas cartas de despedida. E tudo correu alegremente até a manhã seguinte em que o Dr. Jordão acordou, queixando-se de arepios, de frio e de febre. E quando a mulher, solícita, indagava qual seria a causa daquele incomodo inesperado, ele mostrou-lhe com um ar de tristeza a mão direita em que aparecia um pequeno ponto apostemado.

— Que foi isso ?

— Foi o teu alfinete... lembras-te ? piquei-me no teu alfinete... antes de hontem...

— Mas, meu Deus, eu tenho-me picado tantas vezes em alfinetes e nunca me aconteceu isso...

— E' que depois de te teres picado não fizeste nenhuma autopsia...

— Certamente que não ! E o que tem isso ?

— Tem, que por esse furinho quasi microscopico me pôde ter entrado a morte no corpo...

— Hein?!

— Não te assustes e manda chamar um medico. Vou vêr agora a tua resistencia, minha pobre amiga...

A expressão do medico era séria e triste. A Silveirinha saiu do quarto impressionada. Seria possível ? Não estaria o marido enganado ?

XVII

Um sapinho atolado na margem de um brejo, passava a vida inconsciente e inerte, coçando baixo e estupidamente. Um dia, corta um lavorador a moita do hercaçal que lhe dava sombra, chega até ele o clarão dos astros e o sapinho, deslumbrado, salta repentinamente para a areia fina e põe-se, milagrel a cantar como um rouxinól para as estrelas palpitantes...

Como se tivesse espalhado a noticia de que o Dr. Jordão estava ás portas da morte com uma infeção cadaverica, o advogado Zacarias aconselhou a mulher a ir oferecer á Silveirinha os seus prestimos de enfermeira :

— Você sabe, o Jordão sempre foi meu camarada e a mulher é ainda tão nova e inexperiente...

— Não creio que aceitem o meu oferecimento, mas vou ; ficarão assim ao menos sabendo a nossa boa-vontade...

— E' bom ; apesar de que a Silveirinha parece que aproveitou o estado de fraqueza do marido para encher a casa de padres e de irmãs de caridade. Foi o que disseram na botica. Pobre Jordão...

— Esperemos que se salve. Ele deve ser forte. resistente.

— Qual, o medico assistente está desanimado. Creio que é um caso perdido...

Quando a Madame Z. entrou na casa da Silveirinha, a primeira pessoa que viu, fazendo as honras da sala, foi a Irmã Luiza, com a sua grande touca de religiosa e o habito escuro cingindo-lhe o corpo baixinho e magro. Em pé, ela circumvagava a vista por todo o aposento, recebendo quem entrava, dando ordens a pessoas que vinham de dentro interrogal-a.

Viera espontaneamente acudir á aflicção da-quele lar em refrega. Conhecia os sentimentos da Silveirinha; aproveitava o ensejo de a auxiliar.

Tinha tomado conta de tudo, com a sua actividade assombrosa, pondo e dispondo das cousas sem mesmo interrogar ninguem. Vendo então Mme Z., com quem jámais falára em sua vida, veio logo ao seu encontro com solicitude carinhosa :

— Entre, venha sentar-se... aqui... é preciso ter paciencia e resignarmo-nos á vontade de Deus...

— Mas, minha senhora, eu...

— E' muito amiga da Guiomar! O pobre amor

está inconsolável, mas o seu anjo da guarda tem-na iluminado e dado forças ao seu bom coração. Se não puder salvar a vida do marido, resta-lhe a doce esperança de lhe salvar a alma... Guiomar está cumprindo uma grande obra, e nós todas devemos auxiliá-la com as nossas orações... Tenhamos fé! Mas sente-se, sente-se; a senhora está palida... mas como é linda, minha filha, e que expressão de bondade têm os seus olhos!

Madame Z. cerrou instintivamente as palpebras, e ficou um momento em silencio desconcertador.

A Irmã Luiza, tornou :

— Está muito comovida... tem razão... quer tomar um pouco de agua de flor? Eu mesmo vou arranjar-a...

— Não! Vim oferecer a Madame Jordão os meus serviços e peço-lhe unicamente que lhe transmita a minha vontade de lhe ser util. Sou a senhora do Dr. João Zacarias.

— Que bondade! muito agradecida... mas não se incomode; o enfermo está bem acompanhado... Vê como a casa está cheia?

— Talvez gente de mais...

— Ah, os amigos nunca são de mais, minha filha... Como o brasileiro é carinhoso e prestativo!... na minha terra não é assim. O povo holandês é bom, mas muito egoista... oh, muito egoista.

E como a chamassem do corredor, a religiosa, concluiu :

— Sente-se. Com licença; precisam de mim lá dentro.

E saiu trefega, com uma chama de triunfo no olhar inteligente.

Madame Z. olhou á roda, a ver se via alguém a quem pudesse perguntar sobre o estado do doente, de um modo mais positivo. A Irmã Luiza mal a deixára falar. Entre algumas pessoas que não conhecia, viu num angulo oposto a condessa, muito entretida a conversar baixinho com a D. Clara e a irmã da Silveirinha; não querendo interromper a palestra, esperou uma ocasião, até que, dando casualmente com os olhos nela a condessa veio falar-lhe :

— Que infelicidade, minha senhora !

— Enorme... mas a senhora assusta-me. Ele está peor?!

— Parece que sim... Quererá ir lá dentro ver a Guiomar ?

— Se lhe posso ser util...

— Ela ficará muito grata á sua gentileza, mas suponho que está agora descansando...

— E o doente ?

— Ah, a esse não se póde ver. A Irmã Luiza declarou não querer ninguem mais á sua cabeceira, além das pessoas da familia e de uma outra Irmã de sua confiança, que veio do Rio propositadamente para o tratar. Sabe que ele amanhã vai ser operado? Parece que não haverá

remedio se não lhe fizerem a amputação do braço... Dir-se-ia um castigo...

— Castigo por que? indagou ingenuamente Madame Z.

A condessa não respondeu á pergunta, contentando-se em afirmar :

— Deus ha de ter pena da Guiomar... Ela está aflitissima por ter sido a causadora involuntaria deste desastre...

— Como assim ?

— O marido, ao abraçar-a, picou-se com um alfinete que ela pregara no cinto. Resultou disso um pequeno arranhão em que ele não reparou ao fazer a tal autopsia. Tambem não sei para que se meteu nisso. Deveria haver medicos especiais para esse genero de trabalho.

« Medicos de páu » pensou comsigo a Z.

— Ou em ultimo caso, continuou a condessa, os que não quizessem deixar de praticar esse ato deveriam executal-o de luvas.

Madame Z. sorriu; a condessa despediu-se.

Ia para o ar livre, para outras idéas, mas mandaria mais tarde saber noticias...

Madame Z. demorou-se ainda alguns minutos; depois saiu tambem, sentido uma grande pena pelo pobre Jordão, para quem tantas vezes ela tocára nos seus antigos serões musicais de Flamengo...

Fôra ele quem lhe despertara o gosto por

certos autores modernos, cujas dissonancias aparentes a tinham indignado antes, e que depois de compreendidas ela tanto apreciava. Era um grande gozo intelectual que lhe ficava devendo para sempre e em que envolveria a sua memoria...

Começava a pensar nele como num desaparecido e essa impressão aumentou-lhe a tristeza. Afinal ele vivia ainda e de um momento para outro poderia salvar-se e ser feliz!

Uma onda leve de vento fazia desprender das arvores algumas folhas que volteavam no ar e vinham cair no chão. Aquela silenciosa queda de folhas, nem todas ainda amarelecidas, como que lhe respondia negativamente á sua procurada esperança. A imagem da Morte aparecia-lhe ali com uma doçura infinita. Morrer sem agonia, e sem fazer chorar, que felicidade! Ah! se os homens pudessem morrer como as folhas, suavemente...

E ela enxugava os olhos, borbulhantes de lagrimas, quando chegou a casa.

Alguem a esperava junto ás grades do jardim. Era um rapazinho cuja figura não lhe era estranha; ele tirou o chapéu e aproximou-se dela com ar tímido, muito constrangido.

- Que deseja?
- Falar-lhe, minha senhora.
- A mim?

— Sim... V. Ex. não se lembra de me ter visto já ?...

— Sim... parece-me que sim...

— Viu-me no escritorio do Dr. Ludgero...

— Ah, sim... Tenha a bondade de entrar.

Ela passou na frente, empurrando o portão. A campainha vibrou com força e a criançada correu de dentro em alvoroço, gritando :

— Mamã !... mamã chegou !

— Não façam barulho... então?... e ela beijou os filhos. Depois, subindo dois degraus da varanda, onde havia cadeiras, fez sinal ao mocinho que se sentasse, ao que ele retorquiu :

— Eu preciso falar a V. Ex. em particular.

Madame Z. voltou para ele um rosto admirado. E Jorge ainda a achou mais linda assim, com os seus grandes olhos negros, bem abertos numa expressão interrogativa.

O vestido de linho rosado que trazia, realçava-lhe a côr morena e assetinada das faces e do pescoço airoso. Vinha da sua pessoa um aroma brando de flor silvestre ao ar livre; um aroma despretençioso e honesto. Ela mandou abrir a sala e esperou na varanda que a chamassem.

Entretanto, descalçava as luvas de fio de Escossia mostrando as mãos delicadas e em que, por unicas joias, havia a aliança do casamento e um anel de perola. Toda ela era sobria e distinta. E aquela tranquilidade mais aumentava o emba-

raço do rapazinho, cujas mãos nervosas reviravam incessantemente as abas moles de um chapéu de feltro, já encebado e muito russo. A moça pensava consigo : — Naturalmente ele vem pedir-me que interceda para que o Dr. Ludgero lhe aumente o ordenado... ou que lhe arranje algum emprego melhor... Bom será que eu possa fazer alguma cousa... o coitado tem um ar tão modesto e uma roupinha tão pobre!...

Quando se viram a sós na sala, Jorge ainda voltou para uma porta, aberta para o interior, um olhar apreensivo.

Madame Z. tranquilizou-o :

— Descanse, ninguém virá incomodar-nos, pôde falar á vontade...

Ela tirou o chapéu, que poz sobre o sofá ao lado e ele observou quanto a sua fisionomia parecia assim ainda mais nobre e mais serena.

— Minha senhora, o que tenho a comunicar-lhe é muito grave e muito delicado... e peço-lhe desde já que me perdõe se as minhas palavras lhe causarem alguma surpresa triste...

Evidentemente, ele trazia o seu discurso estudado; mas parecia agora perder a memoria das palavras e embaraçar-se.

Ela animou-o.

— Fale. Não tenha receio.

Jorge corou intensamente.

— Hesitei muito se deveria vir ou não; mas

decidi-me pelo que estou fazendo. Agora porém já me sinto arrependido e duvidoso de ter escolhido o melhor caminho...

— O assunto é assim tão extraordinario? Não tenha pejo. Está diante de uma mulher que é mãe cinco vezes e que não passa um dia sem pensar no futuro dos seus rapazes... Se eles hoje vivem fartos e felizes, acontecer-lhes-a o mesmo quando lhes faltarem os pais ou qualquer acidente mudar a posição de todos nós? Estou habilitada a compreender todas as situações e serei muito feliz se puder de algum modo melhorar alguma, pela influencia da minha boa vontade.

Jorge compreendeu onde ela queria chegar e sentiu-se comovido.

— Não se trata de mim, minha senhora. Sou um pobre diabo que anda á mercê da vida, sem estímulo para o trabalho nem esperança de melhores dias... Não tenho familia nem tenho dinheiro, e estas duas circumstancias desanimadoras cortaram-me as azas da ilusão, mal elas começavam a criar penas...

— E' singular... O senhor é poeta?

— Não, senhora; eu não sou nada, ou talvez seja um criminoso, querendo ser um homem bom. Agora mesmo, desejando praticar o bem, estarei praticando o mal? Será a minha atitude correta? A minha boa intenção teria escolhido a melhor maneira de se manifestar? Não sei. Vivo sempre

em duvida, e é por isso que lhe peço antecipadamente perdão, de joelhos, pelo que lhe vou dizer...

« E' doido! » pensou Madame Z., mas continuou a ouvir toda cheia de piedade o pobre rapazinho, apesar de tudo tão simpatico e inteligente.

— Para eu ter coragem de chegar até onde preciso chegar, permite-me V. Ex. que lhe conte a minha historia?

— Pois não... Tanto mais que não deve ser longa. O senhor é tão moço!

— Mas tenho sofrido tanto!...

Z. esboçou um gesto vago. Jorge começou :

— Naci na mesma terrinha do Dr. Ludgero. Sómente, eu comecei a fazer os meus estudos num collegio publico, quando ele já frequentava o seu curso de direito em Pernambuco. Aos dez annos, eu já não tinha pai nem mãe e era regularmente sovado por meu padrinho, que bebia como uma esponja e tinha o habito original de me obrigar a beber tambem de vez em quando um copinho ou outro de Parati para lhe fazer companhia.

Madame Z. extremeceu. Ele continuou :

— Pessimo habito, minha senhora, esse de entorpecer o cerebro de uma criança pelo uso do alcool... Felizmente, meu padrinho era avaro e não me dava a beber todos os dias. Mas quando não me dava Parati, dava-me pancada; ficava uma cousa pela outra; e um dia gritei tanto, que

um vizinho, atordoado, acudiu, remetendo-me dias depois para o Rio, recomendado a uma casa de commercio, onde estive dez mezes, até que a casa faliu. Rolei então de balcão em balcão, sempre mal sucedido. Estive duas vezes doente na Misericordia, e uma preso, por ter defendido na rua um pequeno de jornais contra os safanões de um guarda civil... Precizo acrescentar que o vizinho generoso que me enviou para o Rio, como mercadoria de ultima especie, em terceira classe e sem sapatos, era o pai do Sr. Dr. Ludgero. Grato a esse senhor, tambem pobre e carregado de familia, escrevi-lhe sempre as minhas cartinhas, pondo-o ao corrente da minha situação... Para ser completamente franco, como quero ser neste momento, devo acrescentar que eu não escrevia só por gratidão, mas para satisfazer o gosto especial, que tenho desde pequeno, de escrever, seja o que fôr, mas especialmente cartas...

— E' original...

— De todo o meu tempo de collegio, que aliás foi curto, ficou-me apenas uma prenda — que hoje amaldição — uma esplendida caligrafia...

— Pois aí está uma cousa que se vai tornando cada vez mais rara...

— E mais inutil.

— Não digo tanto. Em todo caso, com as maquinas de escrever, não ha realmente agora

necessidade de letras caprichosas. Em suma, sempre é uma prenda.

— Funesta, minha senhora.

— Não sei por que...

— Certamente que a senhora não poderia imaginar por que razão eu disse isto, mas é meu dever explicar-lha. Seja complacente e perdôe a atribulação em que lhe falo...

O rapazinho tinha-se tornado livido. Não seria preciso que ele confessasse para que a Madame Z. percebesse a sua aflição. Depois de um instante, ele continuou com esforço :

— Foi funesta para mim a habilidade caligráfica, porque, entusiasmado por essa unica qualidade da minha educação, entrei a abusar, imitando letras alheias, por uma especie de diletantismo caprichoso e estúpido, mas em que não entrou nunca, posso jurar, a minima intenção de maldade...

« Desgraçado; pensou consigo Madame Z., naturalmente falsificou alguma firma para um estelionato »...

Jorge recapitulou :

— Eu estava numa das mais amargas crises da minha vida, completamente exausto de recursos, quando recebi um postal do velho Dias, dizendo-me que o filho Ludgero estava no Rio e encarregando-me de lhe dar noticias suas, por que o rapaz não lhe escrevia... Como viesse no

postal o endereço, corri a oferecer ao Dr. Ludgero os meus serviços e a pedir informações que transmiti ao velho. Quanto aos serviços ele accitou-os, abusando de um...

— Ah!...

— Vai saber como.

Jorge interrompeu de novo a sua narração, em que andava para traz e para deante, numa manifesta cobardia. O suor corria-lhe em bagas grossas pelo rosto. Embora o dia estivesse fresco a dona da casa levantou-se e foi abrir uma janela que dava para as sombras de uma acacia. Voltou depois, já mais interessada, para o seu lugar.

— Continue; dizia que?...

— Prestei ao Dr. Ludgero os serviços que exigiu de mim, sem pedir por eles a menor recompensa. Tratando-me como a um camarada, ele me autorizava a certas franquezas e brincadeiras. Nessas intimidades percebi estar deante de um homem ambiciosissimo, maleabilissimo e cujo unico pensamento consistia nisto: — ganhar dinheiro, muito depressa e com o menor esforço possivel...

— E' um pensamento vulgar e até certo ponto justificavel...

— Conforme os meios, não é verdade? Rogo-lhe que o não defenda, antes de me ouvir tudo.

Para atrair sobre a sua pessoa a atenção do

publico e impôr-se á admiração de um certo numero de pessoas, o Dr. Ludgero pôz em pratica estratagemas bem originaes e de que, desgraçadamente, me fez cúmplice... E' a proposito disso que eu lhe vim hoje falar, minha senhora.

— Não posso imaginar o que seja...

— E' impossivel! Permita-me que estenda um tanto mais as minhas considerações, para chegar com menor esforço ao ponto principal...

— Pois não; fale.

— O Dr. Ludgero tem, desde que veio para o Rio, a preocupação de se casar rico; e como a sua teoria é : *que não ha nada para levar um homem a uma mulher como o amor de outra, ou de outras mulheres*, lembrou-se do alvitre de se fazer amado, senão em realidade, pelo menos em apparencia, de varias senhoras da grande sociedade.

— Que idéa original!

— Mefistofelica.

« Não ha duvida, este rapaz é louco », pensou de novo Madame Z.

Jorge ora titubeava, ora discorria com limpidez ; mas sempre nervoso e envergonhado :

— A cousa não é tão difficil quanto á primeira vista pôde parecer... desde que se tenha em baixo da mão um criança desamparado que se gabe de imitar com perfeição toda a especie de letras, que seja credulo e de facil convencimento... E tudo se torna ainda mais comprehensivel,

quando se saiba que esse rapazinho vive boémia-mente, sem amigos — e com fome, sempre mal vestido, desprezado na sociedade, a que não deve nada... a não ser alguns calices de paraty oferecidos para estímulo de ações confusas... O Dr. Ludgero, tal qual o meu padrinho, folgava em oferecer-me de vez em quando uns goles do *wiski* dos pobres.

— Oh!...

— Minha senhora, eu deveria acabar agora esta narração de joelhos... Pratiquei uma ação vilíssima, mas pratiquei-a iludido, e á força de estimulantes alcoolicos. Foi á força de me dizer em todos os tons que as suas intenções eram inofensivas, *mero pretexto para rir*, que o Dr. Ludgero obteve varias cartas de amor ditadas por ele e escritas por minha mão em duas caligrafias femininas. Essas cartas, de relaxado sentimento moral, eram dirigidas a ele proprio por duas senhoras que eu supunha imaginarias, porque ele assim o afirmava, mas que verifiquei ha dias que existem, e que ele as conhece pessoalmente... Uma das sinatarias dessas cartas, chama-se Xaviera...

— Oh, que infamia !

— A outra — Z.

Jorge baixou a cabeça, como um réu sem esperança de misericordia.

Madame Z. ergueu-se, com a fisionomia transtornada pela surpresa horrivel.

— A prova, a prova, eu quero a prova! Isso que está a dizer é uma infamia em que não posso nem quero acreditar. O Dr. Ludgero é nosso amigo... é nosso amigo verdadeiro... diga! que intenções são as suas para inventar semelhante torpeza?!

Jorge tirou do bolso as duas cartas escritas em papeis diferentes e entregou-as a Madame Z. Tremiam-lhe tanto as mãos, que as cartas palpitavam-lhe entre os dedos como se fossem agitadas pelo vento.

Ela arrebatou-as com raiva e leu, na inconfundível caligraphia da Xaviera, em que as letras pareciam aleijadinhas, enfileiradas tropeadamente umas de encontro ás outras :

« Querido Ludgero,

Precizo muito falar comtigo, vens?

XAVIERA. »

A segunda carta reproduzia sem hesitação o seu traço largo, firme e bem talhado.

Dizia :

« Ludgero,

Os seus escrupulos acabam por desesperar-me... Espere-me amanhã ás tres horas no seu escritorio. Faça por estar só... bem só.

Z. »

Madame Z. relia uma e outra carta, como se as não entendesse. Era uma alucinação!

Jorge encolhia-se na cadeira, pequenino, assombrado, quasi chorando. E por um espaço de tempo ela agitou-se pela sala, com os labios lividos, os olhos incendiados por uma chama de odio. Tinha impetos de estrangular o mocinho, de o mandar pôr fóra, de rastos, mas sentia-o sincero, percebia-lhe o arrependimento, via-lhe a alma agoniada no corpo de criança miseravel, e indagava de si propria como podia haver no mundo tanta maldade e tamanha dissimulação. Seria possivel que o Ludgero, que ela protegera a pedido de sua melhor amiga, a tia que a criara; o Ludgero, por quem tanto pedira aos amigos e a quem seu marido auxiliava moral e materialmente, fosse capaz de tão feia ignominia? O seu instinto de mulher inteligente ia até ao fundo da verdade negra. Percebia que o rapazinho que ali estava humilhado diante dela, não tinha mentido. Era mais infeliz do que culpado, fóra um iludido, *um criançaola faminto de facil convencimento*, mas que esclarecido, entre dois copos de agua ardente, não tinha hesitado em vir confesar o seu erro e elucidar os traídos das maquinações de que eram vitimas. Entretanto, Z. ainda exclamou, com asco.

— E o senhor prestou-se a semelhante infamia! Que vergonha!... que vergonha! E estas cartas. Diga! que fazia ele destas cartas?...

— Não sei... talvez as mostrasse a alguém... deixava-as ás vezes na pasta aberta... ou sobre a mesa..

— Para que todo o mundo soubesse!...

— Sim... parece que sim...

— E o senhor consentia !

— Porque eu não podia supôr que tais cartas pudessem ser applicaveis a pessoas verdadeiras... Aqueles a quem a realidade maltrata, são faceis ás vezes em crer na ilusão... Quando não ha felicidade, é preciso invental-a... Acreditei, juro, que aqueles amores fossem ficticios. Não tenho eu mesmo, á falta de quem me ame, tantas vezes imaginado o amor?...

— Não divague. Diga : quando percebeu tudo, que fez?!

— Foi no dia em que a senhora foi ao escritorio. Na vespera á noite eu tinha escrito uma carta com a sua letra, ditada por ele...

— Sim! Depois?

— Quando li o bilhete escrito pela sua propria mão e deixado a meu cuidado na secretária do Dr. Ludgero, tive um sobresalto horrivel e percebi a verdade...

— E depois!

— Revolvi pastas e gavetas, rasguei outras cartas do genero dessas, tambem escritas por mim, e nem sei como, na minha indignação, pude conservar estas duas que lhe entreguei agora — como prova suprema...

— Uma intriga... pôde ser uma intriga!...

— Não é uma intriga. Confesso o meu erro, a minha torpeza, mereço por isso que me acredite...

— Bem. E depois, mais nada?

— Sim. Esperei o Dr. Ludgero e assim que o vi entrar no escritório, lancei-lhe em rosto o meu desprezo e preveni-o de que a procuraria para lhe revelar tudo. Ele não acreditou; riu-se; ás minhas invetivas respondia glacialmente: — Você hoje bebeu demais... — Desesperado, atirei-me a ele numa furia de que nunca me julguei capaz; mas o Dr. Ludgero é muito mais forte do que eu, torceu-me os pulsos, atirou-me ao chão, fincou-me um joelho no peito, chamando-me ladrão. Veio gente de dentro acudir ao escandalo e abafal-o antes que a policia chegasse...

— E se a policia tivesse chegado!

— Eu pouparia ao seu nome uma vergonha atroz... Já estive preso por defender um garotinho da rua... não seria menos justo que me deixasse prender como alucinado alcoolico, sem declarar que o fazia para defender uma senhora honesta... Mas agora que eu já lhe disse tudo, minha senhora, consinta que eu lhe peça perdão...

Z. não respondeu e disse baixo, com odio, por entre os dentes.

— Se meu marido soubesse, matava-o.

— As unicas provas desse crime tem-nas a

senhora nas mãos. Um simples gesto de prudencia e elas se desfarão em cinzas.

— Oh, mas ele merece um castigo!

— Lembre-se que por mais justo que seja um assassinato, o assassino carrega depois por toda a vida com o peso do morto às costas... Afirme-lhe que não ha outras provas. Rasguei-as eu. A desordem em que puz as pastas e as gavetas, os papeis que atirei ao chão rasgados em mil fragmentos, demonstraram á evidencia a quem acudiu ao conflito que lhe descrevi, que de fato eu era um ladrão... E aí está uma profissão que eu nunca me lembrei de exercer, na minha vida!...

Ele sorriu com ironia ao mesmo tempo que tinha os olhos cheios de lagrimas. Z. sentiu o coração enternecer-se-lhe.

— Já lhe disse tudo, minha senhora, posso ir-me embora?

— Sim...

Ele sahiu, com passo firme, revirando entre os dedos nervosos as abas encebadas do seu chapelinho de feltro russo.

Z. ficou em pé no meio da sala, hirta, com o olhar interrogativo. Que fazer? Avisar o marido? Chamar Ludgero para exigir dele uma explicação? Em que termos?! Oh nunca; isso seria inutil. O outro, prevenido, teria argumentos com que repelisse as suas acusações e ainda ela ficaria vexada, humilhada diante dele... O menino tinha

razão : cumpria-lhe agora evitar escandalos e maiores desgraças e estar alerta para qualquer eventualidade ou traição. Pezava-lhe não dizer nada ao marido. Como consentir que ele continuasse a apertar a mão daquele inimigo da sua honra e da sua felicidade? O dilema era terrível.

Não se sentia com forças para o resolver.

Depois de alguns instantes de reflexão achou prudente conservar ainda em seu poder as duas cartas que lhe entregara o rapazinho.

Queimal-as-ia mais tarde. Quanto ao marido, seria esse o seu primeiro segredo para com ele!

XIX

Deram a um pobrezinho um cofre de dinheiro a guardar; mas que lhe não tocasse! O mendigo guardou-o religiosamente, mas todos os dias, ao sentir o estomago estorcegado pelo suplicio da fome pensava: — Com uma simples volta de chave eu acabaria com o meu tormento — todavia não abria o cofre que não era seu, o que não obstou que houvesse tido máus pensamentos. Não se deve proporcionar a ninguém ocasião de ter máus pensamentos... Ha segredos mais difíceis de guardar do que um cofre de moedas por um mendigo, porque ainda as moedas são inertes e os segredos quasi nunca esperam pela volta de chave para saltarem de onde os meteram.

A Xaviera andava neurastenica; tinha crises. A's vezes, fechava-se no quarto horas inteiras; outras expandia-se em impertinencias insuportaveis. Toda a gente percebia que ela estava sob a ação de algum desgosto forte; mas ninguem ousava interrogal-a. Uma das suas amigas fez correr que semelhante irritação devia ser motivada pela desconfiança em que andava a Xaviera de estar com um tumor num seio. Os criados comentavam entre si o caso maliciosamente. Conheciam

a indole da patrão. O marido appareceu-lhe um dia em casa com um medico, de surpresa; mas a mulher zangou-se com o disparate e só se queixou ao facultativo atonito de excelente appetite e noites bem dormidas.

Quando se via só, desesperava-se. Quem poderia ter metido na cabeça da filha a idéa de se fazer freira para remir os pecados da mãe? Vivendo dia e noite enclausurada no collegio, que poderia aquella criança saber da volubilidade do seu coração fraco e da perene agitação da sua vida?

O segredo asfixiava-a; não podia conflar-o ao marido, mas tambem não sabia resolver a situação sósinha.

Lembrou-se de escrever á Z. pedindo-lhe que visitasse a menina e a dissuadissee do seu proposito; mas sentia-se agora para com a amiga numa posição perigosa. Deveria evitar toda a especie de confidencias e provocações com medo de que qualquer atrito fizesse explodir a bomba de um escandalo.

Cada vez que se via ao espelho, encontrava sinais de decadencia no seu lindo rosto moreno e oval. O desgosto abafado tingia-lhe as olheiras de roxo e amolecia-lhe as faces. Era urgente tomar uma deliberação que a aliviasses, salvando-lhe ao menos um resto de mocidade. Com trinta e tres anos, na força da vida, ella tinha a preocupação de se defender dos insultos da velhice, que a

amedrontava mais que a morte. Desde os seus vinte e oito anos que se lhe engastara esse pensar no cerebro, quando ao levantar-se de um tifo descobriu fios brancos na sua linda cabeleira negra.

Nessa hora quiz chorar, mas reprimiu as lagrimas para não estragar os olhos e achou de melhor alvitre mandar chamar um cabeleireiro que lhe restituiu a côr natural ás madeixas grisalhas.

Fôra o primeiro rebate. Desde então poupava-se. Evitava os trabalhos domesticos e sabia dominar as suas inquietações. Cada dia que passava não tinha para ela outra significação senão a de ter perdido com ele um pouco da sua beleza, que recompunha ao espelho, milagrosamente.

Mas toda a sua astucia e arte de viver parecia-lhe quebrarem-se agora como o vidro ao choque desse desgosto sério e verdadeiro o sacrificio escandaloso da filha!

Todo mundo comentaria o caso; com a sua resolução absurda, aquella criança leval-a-ia ao cemiterio.

Entretanto, Marilia escrevia-lhe novas cartas de Petropolis, insistindo na sua idéa, exigindo respostas afirmativas, visto que ela era chamada ao convento, á oração solitaria, por intenção dos pecadores...

Um dia, o pedido veio tão urgente, tão impe-

rativo e nervoso, que a Xaviera não pôde mais, e resolveu dizer alguma cousa ao marido. Essa ultima gota de veneno causou o transbordamento da confidencia, havia muito sopitada. Quando Juventino Teixeira chegou a casa, gordo, tranquilo, risonho, porque o seu dia de negocio lhe tinha corrido bem, a mulher desfechou-lhe com voz segura a noticia terrivel :

— Fica sabendo que a Marilia, quer se fazer freira!

— Hein?!

— E que eu não posso consentir em semelhante cousa!

— Nem eu! Escreveu-te?!

— Escreveu-me.

— Está doida! Ora se eu me ia cançar em organizar-lhe um dote para que ela o atirasse para um convento!

— Vocês, homens, logo pensam no dinheiro. Só pensam no dinheiro!

— Porque sabemos quanto ele custa a ganhar... Escreve-lhe, dizendo que se deixe de caraminholas; que eu não consinto. E acabou-se.

— Marilia sempre foi teimosa. Desde pequena que impunha a todos as suas opiniões. Não te lembras? Até comnosco ela teimava!

— Não saiu a mim.

— Nem a mim!

— Pois se não saiu a nenhum de nós, acabará

om a teimosia depressa. Havia de ter graça, eu r uma filha freira, era só o que faltava! Traba- ar como um burro de carga, para encher os ofres de um convento, porque a menina teve capricho de se fazer religiosa!

— Precisamos desvial-a dessa idéa...

— Por força. Que razões alega ela para seme- ante disparate?

Xaviera estremeceu e murmurou :

— Vocação... amor a Deus...

— Pois que ame a Deus em casa, que é onde elhor pôde servir-o.

— Com violencia não se arranja nada. Talvez esse prudente retiral-a do collegio, trazel-a para qui, obrigar-a a distrair-se...

— Com este calor?

— Já que não temos outro... O verão está quasi no fim e no inverno haverá muitos espeta- los e bailes. Teremos de assinar um camarote o Municipal e arranjar convites para todos os ailes... Só acredito na eficacia destes remedios isfarçados, oferecidos sem imposição. Principal- mente para pessoas da indole de Marilia, que é as de antes quebrar que torcer.

— Tanto melhor. Chamal-a-ei á ordem. Usarei om rigor da minha autoridade de pai. Sempre zero vê se me resiste!

— Acho que ela deve ignorar o motivo da sua

saida definitiva do collegio. Dir-lhe-emos que estou doente e preciso de minhas filhas a meu lado.

— Ora, doente! Outro dia afirmaste ao medico estar de perfeita saude, o que ele não acreditou, valha a verdade, e tanto que me aconselhou a levar-te á Europa!

— Sempre era preciso receitar qualquer cousa para fazer jus ao pagamento da visita...

— Com certeza. Em todo caso, olha que a lembrança vem agora a proposito...

— Talvez...

— Demais a mais o momento é favoravel... Tenho aqui o socio e os empregados são bons.

Xaviera calou-se, meditando. Sim, seria uma solução, não só para o caso da filha como para o seu proprio. Começava a ter medo do Ludgero e das complicações com a Z. Ao mesmo tempo não lhe sorria a idéa de o deixar completamente livre ao lado da outra; não por ciumes, que os não tinha, mas por vaidade e temor de que o seu romance abominavel passasse todo para o conhecimento da amiga.

O marido, vendo-a alheada, indagou :

— Em que estás pensando?...

— Em nada...

— Ora essa, em nada!

— Quero dizer, em cousas dificeis de explicar...

— Tudo é facil de explicar. Eu exijo que me

expliquem tudo. Pensas que me resigno com a idéa do que a Marilia não me diga a razão porque se quer fazer religiosa? Não.

— Eu já disse. E' a vocação.

— Ora bolas, vocação! Vejam como são as cousas : o meu socio disse-me hoje que a filha Zuleika, que tem um dote de quinhentos contos, lhe declarou ao almoço que lhe arranje um marido quanto antes, porque ela está farta de suportar a madrasta e quer sair de casa! Como estão os tempos! Uma menina de dezenove anos diz ao pai que lhe arranje um marido, seja ele quem fôr, para sair da casa paterna; a outra, de deztoito, declara á mãe querer abandonar os pais para entrar para um convento! Que geração!

— A nossa tem menos razão. Eu já sabia que a outra sofria muito com a madrasta. O pai está resolvido a fazer-lhe a vontade?

— Por força! Antes que a filha faça alguma asneira... Não póde ser agradável viver-se entre duas pessoas que se odeiam.

— Não...

— Ora a Marilia! que surpresa! Precisamos ir buscal-a amanhã mesmo. E nada de atender a rogos nem a considerações de nenhuma especie. Freira só no inferno!

Xâviera meditava :

A Zuleika tem quinhentos contos de dote e não é bonita nem inteligente, mas tambem não é feia

de todo... e creio que pelo menos sabe ler e escrever... Não é mulher que faça sombra á memoria radiante que outra tiver deixado no coração e na vida de um homem... mas terá pelo menos, no periodo do noivado, poder bastante para distrair o marido de outros enleios amorosos... Interrompendo as suas reflexões, perguntou :

— E o teu socio já arranjou noivo para a filha?

— Ora essa! pois se foi hoje que ela lhe fez essa declaração! E' preciso ter muita falta de pudor...

— Ou muito desespero...

— Qual desespero!...

— Estou-me lembrando de uma coisa : amanhã levo comigo a Zuleika a Petropolis, a buscar a Marilia, e depois, com o pretexto de alegrar minha filha, retenho-a uns dias connosco...

— Bom. Então está resolvido que vem amanhã a Marilia?

— Está.

— E a viagem á Europa?

— Essa só se decidirá daqui a uma semana. Fique desde já entendido que se formos levaremos as duas meninas.

Juventino concordou com a mulher, intimamente admirado de a vêr tomar umas resoluções tão sensatas. Não parecia a mesma mãe, até então empenhada em ter as filhas distantes.

— Sim, certamente que levaremos as duas; e que tu, com uns mezes de Paris, ficarás para sempre livre das tuas enxaquecas! Afinal de contas é lá que está o remedio para tudo! É bom não tomar muito a sério as vontades das crianças...

Xaviera não ouvia o marido : concentrava-se. Já não pensava na sua filha, mas na do socio da fabrica, carregadinha de ouro como a bolsa de um milionario e anciosa por casar *fosse com quem fosse...* Em poucos minutos o seu cerebro excitado organisava um desfecho tranquilizador para a historia do seu coração. Convencia-se ainda uma vez de ser uma mulher de recursos, uma mulher invencivel. Sentia-se feliz. Sorria.

Juventino, já entusiasmado com a idéa da viagem, saiu para comprar um guia de Paris e telegrafar ás filhas que as iria buscar no dia seguinte...

Vendo-o afastar-se, Xaviera telefonou para o socio da fabrica e participou-lhe que iria no dia seguinte buscar a filha para um passeio a Petropolis. Que estivesse pronta ás oito horas da manhã.

O homem consentiu, rompendo em agradecimentos. Certa da companhia da moça, Xaviera telefonou tambem em seguida ao Dr. Ludgero, pedindo-lhe que estivesse no dia seguinte, á hora da partida do segundo trem para Petropolis, na

estação da Praia Formosa. E apenas ouvido o sim, fechou o aparelho não querendo dar azo a maiores conversas. Atirou-se depois cansada sobre uma espreguiçadeira do seu quarto de *toilette*.

Sabia-lhe bem agora aquele doce socego da sua casa, que dentro de poucos dias estaria alterado pelo piano da Marília e as gargalhadas da incon-tida Juventina, a sua caçula barulhenta... A entrada das pequenas em casa poria necessariamente um ponto final ás aventuras de amor em que, de vez em quando, se via enlaçada, por solicitações imperiosas a que não sabia fugir ou por infortúnios do seu temperamento. Tinha medo do futuro e de não saber resistir. Acreditava em feitiços, cousas que lhe fizessem para a comprometer. Contavam-se fatos tão extraordinarios! E, de resto, não tivera ela mesma em casa exemplos do poder da sugestão, numa preta velha que vivia bebada e que um príncipe russo, do Catete, tornou pacata e sobria, a distancia, e só pelo dominio da sua vontade?

Com os olhos semi-cerrados, Xaviera percebia apenas o ambiente todo verde do quarto, formado pela cortina de folhagem da grande acacia rente á janela toda a escorrer ouro na pompa dos seus grandes cachos luminosos. E pensava tambem na Z. e no modo por que haveria de tirar para sempre doseu caminho esse Ludgero comprometedor, a quem não amava, mas que não queria restituir

á outra. Arrepiava-se com a idéa do tempo que as filhas lhe tomariam com perguntas, pedidos e assiduidades. Jámais poderia ter pensamentos só seus, horas de recolhimento ou saídas independentes. Pensava logo depois na filha do socio, a pobre Zuleika, com tipo de cigana, sempre mal querida pela madrasta invejosa e que supplicava agora por um marido *fosse ele quem fosse*, com-tanto que a tirasse de casa... E seguindo o rumo de certas combinações, concluia que apesar de todos os sustos, todos os dissabores, a vida ainda é uma cousa bem interessante para quem a saiba levar com geito e arte. Admirava-se de haver gente estúpida ao ponto de se deixar viver sem procurar colaborar na historia da sua existencia com a minima parcela ao menos de fantazia.

Apezar de toda a sua coragem, teria de ensaiar-se para, no dia seguinte, enfrentar com a filha sem córar, guardando, ao contrario, a attitudenobre de quem nada tem a temer. Com que autoridade poderia impôr a Marília virtudes que não tinha? Não sabia. No ardor da sua fé religiosa punha o seu coração nas mãos de Deus e esperava dele as forças que lhe iam faltando...

No dia seguinte, ás oito horas, chegava, como o marido e a filha do socio, a Zuleika, á *gare* da Praia Formosa, onde o Ludgero já estava, á *espera de um amigo*. Vendo o Juventino ao lado da esposa, voltou para esta um olhar interrogativo :

ela respondeu-lhe, apresentando-lhe a sua amiga Zuleika, uma menina que, *apesar da sua grande fortuna*, era de uma simplicidade encantadora...

Havia qualquer coisa diferente na voz da Xaviera, que impressionou o moço; ele era muito esperto para não perceber a insistencia com que ela olhava para a rapariguinha e para ele logo depois... O proprio Juventino foi sugestionado a ponto de dizer baixinho á mulher :

— Magnifico para a Zuleika, hein ?

Ela não respondeu, mas, antes da partida, convidou Ludgero a ir jantar em sua casa no dia seguinte para festejar a volta das filhas ao lar paterno e acrescentou com intenção :

— Zuleika estará tambem comnosco. Terá assim o prazer de a ouvir tocar...

A moça interrompeu vivamente :

— Eu toco muito mal !

Mas ninguem a ouviu. Entrava-se já á pressa para o trem.

Durante a subida da serra, Xaviera contou naturalmente á sua companheira quem era esse Ludgero, um rapaz de talento, muito trabalhador e honesto, que, em poucos mezes de Rio de Janeiro, tinha conquistado amizades valiosissimas na alta sociedade e grande consideração no fóro. Conhecia-o bem e sabia haver algumas moças apaixonadas por ele, e entre elas citava-se a

filha de um rico estancieiro do Sul, tida como verdadeira beleza. Ele não passava por santo; sabiam-se de algumas aventuras amorosas suas, sem consequencia... afinal não era de admirar que um rapaz interessante, instruído, de boa família e bem encaminhado na vida, suscitasse certas predileções e simpatias...

Zuleika ouvira tudo com modo indiferente. Ao aproximarem-se de Petropolis Xaviera calou-se e o seu rosto, até então desanuviado, cobriu-se de preocupação.

Para evitar atritos e questões, tinham combinado tirar as meninas do collegio sob pretexto da molestia da mãe e de uma provavel viagem á Europa. Não haveria desse modo relutancias nem explicações enfadonhas. Assim foi feito, com simplicidade e presteza, embora com lagrimas das pequenas, que se tinham afeiçoado ao collegio. A mais velha, ao despedir-se da diretora, disse com firmeza, embora a meia voz pela comoção da despedida :

— *Je reviendrais !*

Ao que a Irmã respondeu com doçura :

— *Soyez obéissante à vos parents, ma fille...*

Juventino apressou a família a entrar nos dois carros que os esperavam á porta, para dar uma volta pela cidade e terem ainda tempo de almoçar no hotel e abraçar a mulher do João Zacarias, antes do regresso pelo primeiro trem da tarde.

Em casa do Dr. Zacarias, porém, só encontraram as crianças e a mestra, que informou :

— D. Zelia saiu; foi acompanhar a senhora do Dr. Jordão, que a esta hora deve estar sendo operado no hospital... estão-lhe cortando um braço...

A' Xaviera não desagradou o desencontro. Preferia ver a amiga, depois de ter posto em execução todo o seu plano. Juventino abria a boca numa surpresa e resolveu deixar o seu cartão de visita em casa do medico.

— Mas você só o viu uma vez, aqui na casa do Dr. Zacarias, objetou a mulher.

— Não importa : simpatisei com ele ; e depois é amigo do meu amigo, interesse-me pela sua vida. Vão vocês andando e esperem-me na estação. Ora que desgraça !

Concordaram.

A casa do medico estava aberta, podia entrar quem quizesse. Juventino procurou alguém com quem pudesse deixar o seu bilhete de visita, mas só via senhoras ás quais não podia dar tal incumbencia.

Perto da porta a condessa falava com a *Looking-glass*, que a ouvia de ar espantado, fazendo girar entre os dedos calçados a fio de Escossia o seu medalhão de espelho.

— Pois é o que lhe digo ; o que mais aflige a Silveirinha éter sido ela a causadora da molestia do marido...

— *No... no... ela no culpada... oh... I am sorry...*

Juventino prestou o ouvido, muito curioso, mas vieram outras pessoas e estabeleceu-se a confusão. Pensava em retirar-se quando sentiu que alguém lhe batia no hombro; voltou-se; era a Irmã Luiza.

— Venha cá dentro. A irmã da Silveirinha está com um ataque, precisamos da força de um homem que a subjogue...

— Pronto...

Juventino sentiu-se quasi alegre por aquele ataque que lhe proporcionava ensejo de ser util e de fazer notada a sua presença ali. Sem um tal accidente ninguem se lembraria de anunciar o seu nome á dona da casa; e ele teria perdido o seu tempo bem estupidamente. Ao atravessar a casa ao lado da serviçal Irmã Luiza, viu num recanto da sala de jantar a Silveirinha, muito palida e de olhos esgazeados, entre a D. Clara e a Baltazar Luz, que tivera o mau gosto e a precaução de vir de preto!

Seguiu depois pelo corredor da copa até a uma alcova, em que uma mulher magra esperneava no chão, batendo com os cotovelos e a cabeça no soalho, Madame Z., de joelhos, procurava evitar os baques do corpo da moça nas taboas, mas não conseguia siquer atenual-os.

Uma outra religiosa aproximava do narizinho

palido da doente um vidro de sais, murmurando uma oração.

Juventino Teixeira tinha as mãos pesadas e a voz grossa. Poz um joelho em terra, comprimiu o ventre da doente e ordenou-lhe que tivesse juizo. Poucos instantes depois ela abria os olhos.

Madame Z. levantou-se, limpando o suor do rosto, muito cansada. Nunca vira uma cousa assim ! Juventino perguntou-lhe o nome da moça que estremecia ainda, no chão.

— Não sei. Sempre a ouvi nomear só por — *irmã da Silveirinha...*

As religiosas também não sabiam, e emquanto o fabricante de conservas acomodava a enferma numa poltrona, uma delas notou a Madame Z. :

— E' curioso; agora é que estou reparando que aqui em Petropolis tudo que se relaciona com a familia do Sr. Silveira é conhecido como sendo — da Silveirinha... A casa da Silveirinha... o pai da Silveirinha... a irmã da Silveirinha... até o cão da Silveirinha... só falta ouvir chamar ao Dr. Jordão — marido da Silveirinha !

Vendo a *irmã da Silveirinha* voltar a si, Juventino tornou a sair, acompanhado agora pela Madame Z. Ao atravessar a sala de jantar, vacilou se havia ou não de cumprimentar a dona da casa tão absorta a via nos seus pensameutos. Z. aconselhou-o a que saisse em silencio; transmitir-lheia depois os seus cumprimentos. Entravam ambos

no corredor da porta da rua quando tiveram de se unir á parede para deixar passar o padre Pierre, chamado a confortar e aconselhar *Madame...*

XX

Um jardineiro preguiçoso plantou num vaso especial a semente de uma fina laranjeira seleta; mas, não querendo dar-se ao trabalho de a cultivar, mandou-a para o terreno de um profissional. Passados anos, lembrou-se da planta, foi buscá-la e encontrou-a árvore feita, grande e carregada de frutos. Sómente esses frutos, em vez de serem dourados, amarelos e doces, eram azules, pequenos e com de ferrugem. Zangou-se o jardineiro e exclamou: « Plantei uma laranjeira seleta e encontro uma da terra! antes eu a tivesse guardado em meu jardim e a tivesse enfeitado a tempo! »

Em poucos minutos, Xaviera organizou uma festa em casa, para solenizar a saída das filhas do Pensionato. Ela mesma falou ao telefone, convidando algumas famílias mais íntimas a jantarem em sua companhia e a outras que viessem à noite para dançar. Os criados receberam ordens ativas e ao cozinheiro chim foi dada liberdade e dinheiro para as maiores fantazias. Lançado o pessoal na patinagem dos enceramentos e na depena dos perús, Xaviera mandou avisar a sua filha Marília que a fosse ver ao seu quarto.

Ela tinha ensaiado o seu papel e afivelado ao rosto a mascara da mais altiva compostura. Procuraria resumir tudo em meia duzia de palavras imperiosas e decisivas. Entrava agora em jogo o seu prestigio materno. Escrevia, sentada á sua secretariazinha Luiz XV, quando a filha lhe entrou no quarto tão sutilmente que mal a percebeu; voltando a cabeça viu-a de pé, de encontro á porta que tinha fechado atrás de si.

Xaviera contemplou-a demoradamente antes de falar. A filha conservava o penteado entrançado do collegio, vestia-se de linho pardo e tinha os braços pendentes ao longo do corpo esguio e chato. Os proprios olhos, que eram grandes como os da mãe, se apagavam numa expressão silenciosa, impenetravel.

A Xaviera começou com voz seca, em que as palavras se destacavam com inflexibilidade :

— Presta-me atenção, porque o que te vou dizer quero dizel-o uma vez só. Ofenderam-me os termos das tuas ultimas cartas; não estavas em ti quando as escreveste. Antes de tudo, é preciso que saibas que não tenho razão para temer penas do inferno ou do purgatorio, e que não quero, ouviste bem? *e que não quero* servir de pretexto á realização de idéas a que me oponho. Se alguém te falou de mim com menos respeito, o teu dever seria defender-me e não acreditar em tais conceitos, a ponto de querer sacrificar por eles a tua

vida ! Desse modo confirmarias um fato que tens o dever de repelir. Tomo a tua resolução como uma criancice, de que espero procurarás fazer-te perdoada.

— De que modo? perguntou a moça olhando fixamente para a mãe.

— Do unico como as boas filhas sabem corresponder ao amor e á bondade dos pais — pela sua convivencia e a sua ternura.

— Foi pena que a senhora não tivesse pensado nisso quando me mandou para o collegio.

— Uma censura agora !

— Uma queixa.

— De mais a mais ingrata ! fica certa que se te mandei para o collegio foi para o teu bem.

— Supoz !

— Tenho a certeza.

— Não creio. O pensionato é duro e emquanto uma criança não se habitua áquelas disciplinas sofre muito. Ninguem póde imaginar o que é a solidão para uma alma infantil.

— Tu estavas no meio de centenas de pessoas !

— Todas desconhecidas. A senhora sabe que, desde muito pequenina, eu fui sempre como uma gatinha amorosa, amiga de enroscar-me nos colos queridos : vendo-me rodeada de gente estranha eu me sentia num outro paiz. Como eu chorava no dormitorio, á hora do sono, amordaçando-me com os lençois para que ninguem me ouvisse, en-

vergonhada da minha miseria e do meu abandono! Que medo eu tinha das freiras e como eu me sentia desfalecer de manhã, muito cedo, ainda em jejum e já ajoelhada na igreja, no suplicio de orações que eu não podia entender!... Quanto me sentia diferente das minhas colegas, na hora do recreio, quando as outras andavam em grupos, abraçadinhas, ou no estudo que me parecia tão confuso e tão arduo!... O meu desespero e a minha saudade traziam-me toda para aqui, e ninguém daqui acudia ao meu sofrimento. Sofrimento, sim, sofrimento horrível. Custava-me a engulir os alimentos insípidos das refeições escolares, pensando nos bons acepipes que meus pais e os seus criados estavam comendo em minha casa, quando eu passava fome. A cama que me davam estava bem longe de se parecer com a minha, e os meus pavores noturnos tinha de os suportar calada e tremendo. Perseguiu-me a saudade da minha casa, do meu cantinho do jardim, maior para mim do que todo o parque do collegio, onde não me era dado tocar numa flor; tinha saudade da senhora, de meu pai, da minha irmã e sobretudo da minha ama, que todas as noites me ia deitar e contar historias até me vêr adormecida... A minha ama, que me dava doces e penteava os meus cabelos. No collegio não ha tempo para entreter a imaginação das crianças com historias de fadas, nem mãos desocupadas para fazerem a

toilette de meninas da minha idade. Tudo é seco, disciplinar, metódico. Sentia-me enregelar ali : e pouco a pouco, comecei a experimentar um grande ressentimento pela senhora e por meu pai.

— Mas não haveria lá também outras meninas em iguais condições? ! exclamou Xaviera com espanto pelas palavras e pela expressão da filha.

— Que me importava a mim a condição das outras?! Eu lembrava-me que, em frente á nossa casa, á casa onde eu nasci, onde viviam meu pai e minha mãe, onde havia fartura e alegria e estavam os meus animaisinhos, e as minhas bonecas, lembrava-me que, bem em frente dessa casa querida, havia um collegio, onde todos os dias se cantava, e de onde á tarde eu via sair ranchos de crianças alegres, algumas pelas mãos das suas mães, que as iam buscar... Para aprender, eu não teria precisado ir para tão longe.

— Por que não te queixaste então?

— Por cobardia... ou talvez porque as crianças sabem sentir mas não sabem falar.

— Vingas-te agora...

— Para isso estive dez anos no collegio. Mas não falo por vingança. Falo porque chegou a hora de falar!

— As tuas ironias e recriminações vêm fóra de tempo e de proposito. Tens idade para compreender que a nossa intenção foi a melhor do mundo. Não aceito os remorsos que me ofereces

pelas tuas torturas de colegial. De resto, elas foram tamanhas que saíste do collegio a contra gosto!

— E' que pouco a pouco me fui afazendo a tudo.

— Tua irmã nunca se queixou.

— Minha irmã já me encontrou lá dentro, teve-me a mim para suavisar-lhe os terrores — servi-lhe de mãe.

Eu já gostava daquilo... O habito é uma segunda natureza... Depois, as irmãs conquistaram a minha amizade. O que havia de resentimento por vós e de inveja pelos outros, foi substituido em meu coração pelo afeto por elas.

— Ah...

— Não ha que extranhar. Durante os dez anos em que vivi sequestrada da minha familia, só encontrei carinho e doçura na convivencia das minhas mestras.

— Mas nós iamos visitar-te de vez em quando e vinhas passar as férias comnosco!

— Como visitas tambem...

— E' levar muito longe o absurdo.

— E' a simples verdade.

— Quando tiveres filhos, se os amares verdadeiramente has de fazer o que eu fiz.

— Não terei filhos. Ah! mas se os tivesse, haveria de criar-os ao redor de mim!

— Eu não tinha capacidade para instruir ninguém...

— Não morávamos num deserto. O Rio de Janeiro é uma cidade coalhada de externatos.

— Não prestam.

— Quando assim fosse, em nossa casa havia lugar para uma aula de crianças, onde o mestre de fóra nos viesse ensinar... Meu pai é rico. Já era riconesse tempo. Pouco mais cara lhe ficaria a nossa educação.

— Como tu raciocinas !

— Tenho tido tempo para pensar. Eram cousas ditadas pela saudade, pelo amor do lar...

— E é por amor do lar que te queres fazer freira ?...

— E' que, com o tempo... e pela ausencia, tive de me afeiçoar a outros lugares e a outras idéas, como acabei de lhe dizer. O meu lar era aquele.

— E a outras pessoas, tambem !

— Tambem. Não ha nada que extranhar nisso... E' humano.

— Falas como um doutor.

— Para que estive eu tanto tempo no estudo? Outras saem aparentemente como entraram. Ao menos eu, não

— Dos teus sacrificios, porque não te falo nos meus, que os não compreenderias ainda, colherás a recompensa na tua vida de mulher, que principiava agora.

— Consinta que lhe diga, minha mãe, que não vale a pena sacrificar a vida da criança á vida da

mulher; antes que uma acabe, póde vir a morte e não consentir que a outra principie... Se eu pudesse escrever livros, diria: — deixai brincar as crianças e trabalhar os adultos.

— E por que não has de escrever?!

— Porque prefiro rezar. Estou mais habituada.

— Os habitos variam, segundo a sociedade em que se vive. Porque não fôste franca?

— Porque seria inutil. Tudo quanto eu dissesse — criancice! — Foi melhor assim. Os pais não toleram que os filhos menores possam ter opinião. Repudiam sem exame, tudo que lhes contraria a sua maneira de pensar, embora a maior parte deles não tenha idéas proprias sobre assuntos de educação... Limitam-se em geral ao que lhes parece mais comodo, sem cogitarem no que isso possa representar de humilhação para os filhos pequenos...

— Estás uma sabia!

— E' que eu tenho observado muito... Quer entãõ, minha mãi, que eu renuncie á idéa de me fazer religiosa?

— Sim!

— Peço-lhe que se lembre de que até hoje nunca lhe pedi nada — só obedeci.

— Que queres dizer com isso?

— Que os direitos mais fortes são os conquistados pelas virtudes mais persistentes e bem demonstradas...

— Precisas e aprender outra linguagem quando tiveres de falar comigo. Por enquanto só te peço que não tornes a falar em te fazeres freira enquanto não chegar a tua maioridade. Prometes?

— Prometo...

— Espero que até lá mudarás de tenção e te capacitarás de que *aos teus sacrificios* corresponderam os nossos, que merecemos de ti alguma coisa mais de que pensas... Pódes voltar lá para dentro. A colegial acabou ; esperemos que a nova vida te seja favoravel...

Xaviera chorava. A filha contemplou-a com surpresa, com uma grande surpresa.

— Vem abraçar-me ao menos, Marilia, e perdôa-me se te fiz sofrer...

A moça correu a abraçar a mãe com força e fugiu.

A' hora do jantar, a casa resplandecia de flores e de luzes. Xaviera conseguira dar certa elegancia ás filhas e fazer sobresair a Zuleika com arranjos seus. A' mesa, sentou-a perto do Ludgero, bem em frente ao monumento reproduzindo em assucar, amendoas, ovos e frutas, um kiosque de Pequim, verdadeira maravilha da arte culinaria do *cook* eximio e já afamado em todo Botafogo. Ficaria assim o par, livre da vigilancia inconciente dos visinhos fronteiros. Antes do se sentar á mesa, já o Ludgero fôra informado pelo Juven-

tino que a morena Zuleika pezava quinhentos contos de réis em moeda sonante que era muito meiga, e tocava piano como um anjo. Esta ultima prenda era a que ele dispensaria, caso tivesse de escolher algumas. Por seu lado, a menina sabia que o Ludgero era o homem da moda, amado pelas mulheres e desdenhoso delas. Ao principio, teve medo que esse homem lhe dissesse cousas difíceis de responder, que ela mal atingisse; mas Ludgero fez-se simples e dentro de poucos minutos riam ambos como bons camaradas, trocando idéas e impressões com a maior naturalidade deste mundo. De uma das vezes a hilaridade foi tão espontanea e tão viva, que a Xaviera voltou para eles um olhar de advertencia. Mas perdeu o seu tempo, porque não repararam nisso e ela levou á boca a sua taça de champagne para disfarçar uma certa comoção, que, máu grado seu, lhe fazia tremer os labios numa palpitação de amargura e de tristeza. Era como se saudasse o desaparecimento da sua ultima aventura de amor...

XXI

*Corações que adioinham são os que
melhor perdoam.*

Já muitos veranistas se recolhiam ao Rio. A toda a hora passavam, a caminho da estação, carroças cheias de malas e volumes de loiça e de colchões. O Club dos Diarios dera na vespera o seu ultimo baile e perdiam-se os écos do derradeiro *pic-nic*. A doce cidade serrana readquiriria dentro em pouco o seu ar familiar e tranquilo, tão favoravel á meditação e ao estudo.

A rodinha da condessa esperava para decer que se dissesse a missa em ação de graças pelo restabelecimento do medico Jordão, ainda combalido. Sabendo que todas aquellas senhoras amaveis se tinham conservado em Petropolis para esse fim, seria possivel que elle deixasse de comparecer á igreja? Repetiam umas ás outras esta pergunta com certa curiosidade.

Tinham prometido á Silveirinha acompanhala nessa hora de gratidão e de louvor aos céus e não queriam faltar á promessa, embora já se anun-

ciasse a temporada do teatro francêz no Municipal e fosse tempo de ir preparando as *toilettes*.

A Baltasar Luz, sempre providente, tinha recebido avisos do *Colis* e estava morta por decer e examinar as suas encomendas, ao que se opunha a Magdalena, exclamando :

. — Se a Luz vai, ficamos ás escuras!

O Dr. Jordão passava agora os dias em uma espreguiçadeira, em frente á janela do seu gabinete de trabalho, olhando para o jardim, onde os botões das camelias começavam a entumecer-se para o desabrochamento. O cirurgião tinha conseguido poupar-lhe o braço, que ele trazia suspenso de uma tipoia.

Um dia, com os olhos cerrados, imaginando atividades futuras, ousou mover a mão doente, fazendo-a errar num gesto vago sobre a mesa a seu lado. Queria experimentar a sensibilidade dos dedos amortecidos. Percebeu nesse momento que tocava um objeto qualquer flexivel, uma enfiada de contas, talvez o colar de corais da tontinha da mulher, que nesse instante o tinha deixado, para ir ao interior da casa. Procurando certificar-se de se não haver enganado, arrastou com gesto brando o colar para si, e olhou. Era um roزاریo de vidro azul, o mesmo que vira na mão da noiva no dia em que a fôra pedir em casamento... Ainda para experimentar a sensibilidade dos dedos fez perpassar entre eles, uma a uma, as quinze de-

zenas de contas pequeninas das Ave Marias, e as quinze maiores dos Padre Nossos, ao mesmo tempo que os labios se lhe moviam em silencio na sua contagem.

A Silveirinha surpreendeu-o assim, e foi tal a sua comoção, julgando que o marido estivesse a rezar, que se quedou a distancia, num silencio estupefato, até que ele concluísse as suas rezas... Seria possivel que a graça do Senhor tivesse baixado a iluminar aquele espirito nessa hora de renascimento e de esperança? Não a tendo visto, o medico, cansado, fechou os olhos e adormeceu, deixando cair o roزاریo no chão. Ela ergueu-o e beijou-o, depondo-o de novo sobre a mesa, delicadamente, com o coração em festa. O seu desejo seria correr pelas ruas, ir bater á porta do padre Pierre e, caindo de joelhos a seus pés, beijar-lhe a fimbria da batina e contar-lhe tudo, tudo! O seu marido cria, o seu marido rezava, que repicassem todos os sinos das torres, que se acendessem todas as velas dos altares, que reboassem em hinos gloriosos todos os côros das igrejas!

Mas o padre Pierre tinha-a aconselhado ainda na vespera a ser prudente e discreta, e mais de uma vez dissera só apreciar as pessoas que sabem dominar as suas impressões e persistir na construção de grandes obras sob a apparencia pacata da calma e do silencio. Só as energias concentradas conseguem efeitos verdadeiros e dignos de admi-

ração. Os expansivos, os impacientes, disseminam forças que espalhadas perdem grande parte da sua intensidade e do seu valor. Ela saberia calar-se até á hora de gritar bem alto o seu triunfo, obedecendo assim á vontade do seu querido director espiritual.

Quando o medico abriu os olhos, do seu curto sono, a mulher lia, a seu lado, num livro pequeno, de maroquim roxo.

— Que livro é esse?...

— O meu livro de orações...

— Ah...

— Queres alguma cousa?

Não, ele não queria nada, estava satisfeito...

Tornou a fechar os olhos. Quando os abriu de novo, a mulher ainda lia. Pediu-lhe então que fechasse o livro e conversasse; queria ouvir falar. Que lhe dissesse o que sentira, na hora em que o operavam no hospital...

— Uma grande angustia. Deus sabe o que sofri. A idéa de que ficarias sem um braço, só por causa de um alfinete mal pregado do meu vestido, punha-me num desespero! Mas Nossa Senhora ouviu os meus rogos e fez com que os medicos te salvassem sem te deixarem defeituoso...

— Se a minha salvação não foi devida aos meus colegas, não tenho nada que lhes agradecer... não é assim?

— Que poderiam eles sem a graça divina? Se

não fosse a Fé, não sei o que teria sido de mim. Na hora da operação, a nossa casa encheu-se de amigos, mas eu não via ninguém. Minha irmã teve um ataque, parece que até veio gente da rua acudir-lhe. Eu não percebi nada. Sentada estava num canto da sala de jantar, sentada fiquei, olhando para o relógio, contando os minutos, acompanhando em pensamento o que se estava passando no hospital...

— Meu amor...

— A Irmã Luiza, que assim que soube da tua doença veio cá para casa espontaneamente auxiliar-nos, e que foi a minha salvação, porque sem ela eu teria morrido, vendo-me muito palida, com os olhos esgazeados, perguntou-me qualquer coisa a que eu não respondi. Temendo alguma crise histerica correu ao telefone e chamou imediatamente...

— Um medico?...

— Não : padre Pierre... Não era o meu corpo que necessitava de socorro, era o meu espirito, era a minh'alma desnorteada, cheia de apreensões, de remorsos, de desesperos!... Eu tinha jurado a mim mesma nunca mais falar ao meu antigo confessor, por saber que isso não era do teu agrado : mas devo dizer-te que as suas palavras iluminadas pela Fé, foram as unicas que tiveram o poder de chamar o meu espirito á razão e á resignação... Mais uma hora sem o seu con-

selho, e eu teria enlouquecido. Ouvindo a sua voz, era como se eu estivesse ouvindo a voz de Jesus Cristo, resuscitando um morto. — Dê graças a Deus todo poderoso, minha filha, que o seu marido está salvo! — As lagrimas saltaram-me dos olhos, de alegria, e ele continuou sorrindo para mim : nem morto nem aleijado. Seu marido estará dentro de poucos dias belo e forte como no primeiro dia em que o conheceu. Mas se ele não tiver paciência de esperar o completo restabelecimento na casa de saúde e vier convalescer a seu lado, prepare-se para o receber com alegria, mas contenha os alvoroços do seu coração, para não perturbar a serenidade do seu espirito combalido... seja paciente... seja carinhosa, compense-o do que ele tem sofrido, com a doçura e a assiduidade da sua presença...

Era o poder divinatório da crença que ditava ao padre Pierre aquelas palavras que deciam ao meu coração para resuscitar nele a esperança perdida... Deu-me muitos conselhos : que eu resgatasse por toda uma longa vida de amor, de carinho e de bondade, a culpa, embora involuntaria, de te ter posto ás portas da morte... que se o demónio se tinha servido daquela arma para te pôr contra mim...

— Oh, filha!...

— Ou fazer-me uma assassina, o meu bom anjo da guarda saberia defender-te e defender-me,

pondo-nos a ambos depois no caminho da felicidade verdadeira. Contei-lhe as promessas que fiz pela tua saúde e chorei tanto, tanto, que parecia uma criança... Foi nessa hora que me vieram dizer do hospital que a operação tinha corrido bem e que os médicos tinham conseguido poupar-te o braço... Caí de joelhos, dei graças ao altíssimo com toda a alegria e todo o fervor do meu coração. Padre Pierre tinha rezado por ti... a irmã Luiza também... Mas que é isso? estás sentindo alguma coisa!

— Cansaço... traze-me um pouco de leite sim?...

— Sim...

Padre Pierre tinha aconselhado a Silveirinha a relatar ao marido todas as suas impressões, mesmo no período da convalescença em que ele seria mais suscetível de as compreender e de se deixar influenciar pela sua sinceridade. Não seria uma questão de luta, mas uma simples questão de cura, com as maiores probabilidades de sucesso. Ele, padre, não tornaria a entrar na casa dela a não ser, como então, num momento, que esperava se não repetisse, de angustia suprema. Deixava-a com a sua benção, fortificada no seu animo e com a certeza de que de longe a acompanharia em espirito, confundindo com as dela as suas orações pela mesma intenção.

Quando a Silveirinha voltou com o leite, encon-

trou o Dr. João Zacarias a conversar com o marido e não soube disfarçar uma impressão de desgastado em que o advogado não reparou, mas que não escapou ao doente.

E' que ela tinha medo de que o João Zacarias desandasse a falar em politica e cousas que alterassem o animo do marido e lhe fizessem febre. Assim, logo na primeira ocasião, avisou de que não seria prudente conversarem sobre assuntos de interesse palpitante, visto que os medicos recomendavam muito socego ao Jordão...

Era uma despedida. O advogado arranjou pouco depois um pretexto e levantou-se, não cedendo aos protestos do enfermo, a quem agradava a companhia.

— Sua senhora tem razão. Você precisa de socego e eu só tenho a louval-a pela advertencia... Minha mulher foi testamunha de quanto a sua sofreu durante a sua doença. Muitas vezes Zelia se referia a isso comovidamente, lá em casa... E' justo que defenda agora o seu querido doente...

A Silveirinha retirou-se por alguns minutos.

Jordão sorriu e, retendo a mão do amigo, contou-lhe que na verdade não poderia haver em todo o mundo enfermeira mais amavel e solícita... No seu intimo, chegava a bemdizer aquella molestia, por lhe ter revelado todo o amor da mulher... ela não o deixava se não ainda para o servir...

quando ia buscar-lhe os alimentos ou algumas vezes preparal-os pelas suas mãos. Ele já conhecia os mingáus feitos por ela, tão superiores aos da cozinheira. De que prodigios é capaz o amor! Imagine-se, que, segundo lhe tiuha dito a condessa, a mulher fizera promessas do tremendo sacrificio, pela sua saude! Uma delas seria a de levantar-se todos os dias, durante um ano, as cinco horas da madrugada, e ficar de joelhos até ás sete, em frente de um santinho que lhe tinham dado no dia da operação... Ele não acreditara nunca nessas cousas, mas não podia deixar de se sentir tocado pela intenção daquela promessa...

— Com certeza!

A Silveirinha voltava com o guardanapo que tinha ido buscar á copa e disse, sorrindo para o marido :

— Agora o senhor vai tomar todo este leitinho e nada de fazer caretas, ouviu? E voltando-se para o Zacarias : — os doentes precisam de ser tratados como as crianças... não acha?

O advogado saiu, bem impressionado. Quem diria que aquela mulher tão moça e magrinha, fôsse capaz de tanta resistencia? E o que mais o alegrava era vêr desmentido tão linda e categoricamente o boato corrente nas rodas burguezas de Petropolis, de que a Silveirinha e o Jordão não viviam, logo no periodo da sua lua de mel, como Deus com os anjos...

Pensando na mulher do Jordão, lembrou-se de que a sua andava desde alguns dias com ar diferente do costumado, e que a alheava por instantes, como se o seu espirito fosse solicitado por idéas opostas ás debatidas na sua presença. Ao principio attribuirá aquilo a algumas noites mal passadas com uma amiga doente e com o proprio Dr. Jordão, cuja molestia a tinha evidentemente impressionado muito. Mas agora, que razões haveria para aquelas subitas melancolias? O genio sempre igual e franco da mulher parecia toldado agora por uma sombra de dissimulação. Tres semanas antes pedira-lhe ela para voltarem para o Rio. Começava a agonia do verão, achava prudente decer. Fôra ele quem se opuzera á partida. querendo gozar ainda o socego das noites serranas, em que dormia tão bem. Agora, sucedia exactamente o contrario; cada vez que ele falava no Rio, ela disfarçava, inventando pretextos para continuar em Petropolis. Dizia sentir ainda calor e ter medo de asfixiar as filhas na temperatura da sua casa de Botafogo! Não ha animalzinho mais caprichoso nem mais enigmatico do que a mulher!

Entrando em casa, o Dr. Zacarias topou na sala com o Gastão Soares, que lhe ia dizer adeus. Partiria dentro de um mez para o seu posto em Roma, levando consigo uma brasileira. Pedira na vespera em casamento a Guimarães e fôra aceito.

Romperam exclamações de surpresa.

O Zacarias indagou risonho :

— Mas como foi isso ? você parecia refratário ao casamento.

— De fato, eu não pensava em casar-me; e ninguém está mais surpreendido do que eu.

— De um momento para o outro viu-se prezo...

— De um momento para outro não... Sabem que estávamos na mesma pensão. O lugar de lá á mesa era bem em frente ao meu. Ao principio, embirravamos um com o outro. Ah, era manifesta a sua antipatia por mim, e por seu lado, ela percebia que eu achava horriveis as suas sobran-celhas. Quando eu falava, ela voltava-se a conversar com o seu visinho da esquerda, fingindo não prestar atenção ás cousas espirituosas que eu dizia ao seu visinho da direita. De toda essa embirração foi nascendo uma certa curiosidade... Depois, principiámos a perceber que preferiamos os mesmos pratos, comiamos as mesmas frutas e bebiamos os mesmos vinhos. Estabeleceu-se uma especie de telepatia culinaria entre nós dois. D'aí o amor!...

— Um caso sentimental, de uma grande originalidade, não ha duvida... e bem digno dos tempos praticos que vão correndo, disse o Zacarias rindo. E logo depois : — Pois felicito-te; é um bom casamento.

— Ela parece muito boa menina... acrescentou Madame Z. com ar de pouca convicção.

— E' rica! afirmou o marido, arregalando os olhos. A um diplomata como você, Soares, destinado pela sua propria profissão a viver com luxo, isso não póde ser indifferente.

— Não póde. E tanto que eu tinha resolvido ficar solteiro e morrer sozinho, como os gatos. Se não fosse o crême de bananas e as azinhas de frango reclamadas ao mesmo tempo por nós dois ao copeiro, creio que eu não teria mudado de tenção. Afinal, tendo as mesmas preferencias, parece-me que a nossa vida em comum não será cara nem tormentosa...

— Talvez seja um engano. Assim vocês terão de matar frangos aos pares e o resultado não me parece economico. Melhor seria que um gostasse das azas e o outro dos pês ou do peito... Quando é o casamento?

— De hoje a quinze dias. A' capucha, no Rio. Em todo caso, desejo que vocês assistam ao ato. São os amigos a quem mais quero. Prometem-me?

— Certamente, certamente! exclamou João Zacarias, enquanto a mulher cerrava os olhos, como a pensar em outras cousas.

Gastão Soares despediu-se, radiante, apressado, morto por voltar á pensão.

Zelia acompanhou-o até ao jardim, disse-lhe

ainda uma palavra de felicitação e de carinho, e ficou algum tempo encostada a um balaustre da varanda, calada e absorta emquanto ele batia com o portão e seguia lépido pela calçada.

João Zacarias observou a mulher alguns instantes, sem a perturbar. Vinculava-se no seu espirito a certeza de que ella lhe occultava qualquer sentimento. Achava-a triste, diferente; os seus lindos olhos negros e pestanudos não se faziam transparentes como sempre, pareciam agora impenetraveis, como se a sua treva se tivesse condensado para guardar um misterio, só para si. Enfadado por aquella attitude extranha, elle bateu-lhe levemente no braço :

— Em que estás pensando ?

A mulher córou, como se tivesse sido apanhada em flagrante de um delito.

— E' tão difficil a gente saber, ás vezes, no que está pensando !...

— Não é. Tu nunca foste de meditações nem devaneios. Ocultas-me qualquer cousa; não saberás negal-o. Conheço-te muito bem, para não perceber que andas preocupada, e suponho merecer-te a confiança de uma confidencia. Os negocios de tua mãe andam menos mal do que ella pensa. Ter-te-ia pedido dinheiro ?

— Não ! Minha mãe não me pediu nada !

— Seria muito natural que o tivesse feito. Então por que andas assim, tão exquisita ? Ainda ha

pouco, quando o Soares nos convidou para o seu casamento, por que não respondeste? Parece até contrariar-te a idéa de voltar para a nossa casa do Rio. Por que?!

— Tens razão. Eu afinal bem vejo que não posso esconder nada de ti... Acostumei-me a contar-te todas as minhas impressões e quando chega a hora de eu guardar um segredo, ele transparece de tal modo que não o posso esconder...

— Ora essa! Queres então ter segredos para mim?!

— Era preciso: mas não posso calar-o por mais tempo. Em troca da minha confiança, promette-me fazeres-me depois aquilo que eu te pedir, sim?

— Sim... sim!

João Zacarias estava curioso. A mulher contou-lhe, minucia por minucia, a visita do rapazinho das botas cambaias, a sua historia, as revelações terríveis que ele lhe tinha feito das pretensões do Ludgero, as suas cartas, as suas ignominias, tudo.

O marido ouvia-a boquiaberto e sem a interromper. No fim, vociferou:

— E' tu acreditaste naquelle patife, em vez de o mandar pôr fóra de casa imediatamente pelo criado! Não viste logo que era um impostor, um ladrão, um bebado! Ele quiz explorar-te e tu tão boba que o não repeliste logo ás primeiras palavras! Qual, as mulheres são todas as mesmas.

— Ele não me pediu nada...

— Velhaco; vir incomodar uma senhora á sua casa, para lhe dizer falsidades e pôl-a doente, só por vingança torpe. Eu que o encontre e ele verá o que é bom!... Ora, ora, que idéa!

— João, o pobre pequeno era sincero.

— Qual sincero! ouve : o Ludgero procurou-me ha dias no escritorio e contou-me que esse rapazinho lhe imitava a letra escrevendo aos seus constituintes cartas com repetidos pedidos de dinheiro, além de que lhe tirava tudo quanto podia das gavetas. E' um bebedo forrado de um espartalhão... No dia em que descubriu isso, o Ludgero pôl-o na rua depois de lhe ter dado meia duzia de cachações. Quando o sovava, acudiu gente que retirou o pequeno espumante de raiva debaixo dos seus joelhos. Eu já tinha percebido que ele bebia como uma gambá. Para veres até onde chegou a maldade desse menino e como ele mentiu, fica sabendo que o Ludgero preocupava-se tanto com amores ilicitos que me participou hontem estar noivo da Zuleika Mendonça, filha do socio do Juventino!

— Ainda bem!

— Está claro. A noiva alem de bem educadinha é riquissima.

Fosse ele um rapaz de aventuras e intrigas tolas, absurdas mesmo, e teria tempo para organizar assim a sua vida? Foste ludibriada, minha

filha, mas eu espero encontrar ainda esse patife do Jorge e então ajustaremos contas...

— Não lhe faça mal.

— Ora essa!

— Confiei-te este segredo com uma condição.

— Deixa-te d'isso. O malandro póde estar a difamar-te pela cidade, mostrando cartas com a tua letra e fazer-te passar pelo que não és. A questão agora é comigo!

— Não me faça arrepender de te ter dito tudo, João. Acreditei nas palavras do pobre pequeno, embora bebado, como disseste, como acredito na luz deste sol que nos alumia. Tu confias no Ludgero. Tanto melhor. Ficaré cada um de nós com a sua crença e não fará mal a nenhum deles. Ludgero casa-se rico. Se por acaso pensou em arquitelar outros amores, terá agora interesse em esconder de toda a gente essas glórias que o podem comprometer aos olhos da noiva rica. O que eu te peço é que o não convides para a nossa casa. Ele já não precisa de nós.

— Ora que barbaridade; que tolíce!

— Póde ser que esta minha impressão se desvaneça com o tempo e que eu ainda venha a ser de novo amiga dele...

— Mas sem duvida! Olha; só quem conhece como eu, o tipo de alcoolico do Jorge, é que póde avaliar quanto estás em erro. Mais de uma vez eu

disse ao Ludgero : põe este rapaz do teu escritório para fóra. Ele não quiz, todo piedoso, todo sentimental, está aí!

Zelia não respondeu. Revia a figura de Jorge, humilde e triste, junto ás grades do seu jardim...

XXII

Limando grossos varais de ferro com frágeis instrumentos improvisados por acaso, muitos encarcerados conseguem pela sua pertinácia, cautela e esperança, sair da prisão a que se vêem condenados. Nas horas de silencio e de sombra, aproveitando o sono alheio, eles limam, limam, limam, até verem por terra o obstaculo da sua liberdade. Todo o trabalho continuado e insistente acaba por demolir ou por criar alguma cousa.

A Silveirinha tinha musculos de aço. Ninguem a supuzera capaz de tamanha resistencia. Ela não afrouxava um segundo na defesa do marido; evitava-lhe as companhias perturbadoras que lhe excitassem o espirito com palestras absorventes ou longas, sabendo escolher os assuntos e as pessoas capazes de o entreterem sem abuso e sem cansaço...

Se lhe fazia alguma leitura, estudava-a antes, para não esbarrar com algum imprevisto perigoso, que de algum modo pudesse prejudicar o seu trabalho de paciencia, de insinuação teimosa, comquanto macia. Ao proprio pai, recebia-o com re-

ceio ; mal lhe sentia os passos no jardim, corria ao seu encontro, pedindo-lhe que fosse prudente na escolha das conversas ; nada de politica, nada de religião ; nada de idéas subversivas, que pudessem alterar a doce paz do convalescente...

Ela bem sabia que, no fundo, a maneira de pensar do pai era propensa á do marido e temia que uma palavra sua fosse destruir a obra redentora que ia arquitetando minuto a minuto com tão esforçado empenho.

As vezes tinha receios subitos, como se presentisse o diabo na sombra, á espera de um descuido; e a essa suspeitada e artilosa vigilancia, opunha então toda a sua energia. Um dia atirou ás chamas do fogão um livro heretico de Le Dantec, cuja leitura o marido tinha interrompido ao adoecer. Depois, foi outra obra igualmente reçumante do veneno irreligioso, acrecentar as labaredas da lenha em que fervia a sua sopa. Nessas ocasiões, até os jantares lhe pareciam menos saborosos, talvez mesmo um pouco suspeitos... Não desanimava por isso ; desejaria redimir não só o marido como o mundo inteiro, pela sua fé o pelo seu sacrificio. Sentia-se como que investida de um poder sobrenatural: era um instrumento nas mãos de Deus. Não sujeitava assim á analyse do seu criterio qualquer impeto que sentisse de praticar tal ou tal ação, certa de que a inspiração que a ditara viera diretamente do céu. O seu anjo da guarda, que

tão magnificamente a conduzira na vida, pondo-a em face de um descrente, é que a julgava forte bastante para o esclarecer. E não tinha ela já atingido a esse resultado? não o vira já, de rozario entre os dedos, movendo os labios numa oração silenciosa? Não tardaria com certeza o dia em que lhe ouvisse a profissão de fé, o credo bem-dito, e esse seria o mais belo dia de toda a sua vida.

No empenho de atingir depressa esse resultado maravilhoso, tão envolvente se tinha tornado a Silveirinha, que o marido já não sabia estar sem ela nem um minuto.

— Agora é que estamos na nossa lua de mel... dizia ele ás visitas mais intimas, que não se cansavam de louvar a dedicação da esposa, tão solícita e previdente.

Só a irmã Luiza concedia a Silveirinha uma ou outra vez a encargo de a auxiliar na sua missão de enfermeira... E tão geitosa, amena a perspicaz era a religiosa, que já o Dr. Jordão, antes tão intolerante para com gente de habito e de igreja, gostava de a ver a seu lado, contando-lhe historias risonhas ou narrando virtudes de conhecidos e desconhecidos com que lidava nos vai-vens de angariar donativos para os seus orphams...

Com argucia e tatica fina, ela não falava nunca ao medico em religião; respeitava-lhe as idéas, contentando-se com o ir acostumando a conviven-

cia do seu habito de professa... Preparava assim o terreno para as conquistas da ardente Silveirinha ! Padre Pierre tinha-se retirado sabiamente e ao despedir-se, retendo entre as mãos assetinadas a mãozinha tremula da sua confessada, sugrira-lhe obediencia incondicional á sua vontade, fazendo-a sentir toda a influencia do seu espirito e da sua pessoa. Iluminando-a com o clarão azul dos seus olhos, ele afirmava-lhe que ha só uma força capaz de demover a teimosia de um homem no erro, é o cuidado silencioso mas incessante da mulher em esclarecê-lo, mas esclarecê-lo sem debates de idéas, porque a fé não se discute.

Explicava assim que ela devia evitar os ataques diretos em que a sua argumentação pudesse ser esmagada e concluia que o homem, como as crianças, é levado pela mulher até onde ella o queira levar. O que era preciso sobretudo, para isso, era muita paciencia... Ele estaria espiritualmente a seu lado, sempre, sempre, para toda a vida ! Que o procurasse de vez em quando, sem que ninguem soubesse, para que elle a auxiliasse em segredo na sua bela peregrinação religiosa.

A Silveirinha reprimia agora por isso os seus impetos naturais. Os seus arrufos, as suas impaciencias incontidas de mulher nervosa dissolviam-se em serenidade e doçura.

Sorprendendo o marido com o rosario nas mãos, os olhos no vacuo, os labios desfiando pa-

lavras sucessivas, com certeza de fé e de arrependimento, o seu desejo fôra correr á igreja e ajoelhar-se diante daquele a quem devia tão grande beneficio. A clarividencia do padre Pierre fôra milagrosa!

O Dr. Jordão cerrou as palpebras, num dos seus sonos frequentos, de fraqueza, e a mulher contemplou-o carinhosamente. Depois, voltando o rosto para a janela aberta, deixou ir o seu pensamento até á ramagem verde de umas grandes arvores, cujas copas enoveladas ela via a distancia.

Eram as arvores do collegio. Grande parte, a maior da sua vida, tinha decorrido sob o ramalhar daquelas formosas galharias. Queria-lhes bem. Via-se a si propria, pequenina, pirracenta, rasgando livros por maldade ou cerrando os dentes aos alimentos para se vingar das admoestações das freiras. Chegava então a passar dois dias sem comer, e com uma fome tremenda... Acostumara-se com o tempo ás disciplinas do pensionato, a que por fim tinha criado amizade, muita amizade, e pouco a pouco, recapitulava cenas e em quasi todas via a Magdalena, ora revolucionando a aula com as suas graças, ora discutindo com as proprias professoras ou criando rivalidades com as outras alunas... A Magdalena tinha deixado o pensionato havia já mais de um anno, quando ela por sua vez saiu... O inverno do Rio fôra de con-

fusão; mas que deliciosa a volta a Petropolis no começo do estio ! O pai dava-lhe toda a liberdade, ela dirigia a sua vida a seu gosto, enquanto a irmã continuava ainda a frequentar o collegio e a interessar-se só com o seu estudo e a sua religião...

Como unica novidade em Petropolis, tinha encontrado o padre Pierre, recém-chegado de França e a quem ella se fôra confessar logo na primeira semana, por acaso. A voz do padre, os seus cabelos louros encaracolados, luzindo como uma aureola em torno do solidéu; as suas mãos muito brancas, de unhas polidas, tinham-lhe causado uma impressão tão forte de novidade, que a relatou com enthusiasmo nessa mesma tarde á Magdalena, num passeio á Cascatinha. E já no dia seguinte a Magdalena, curiosa, ia á missa do padre Pierre, para o conhecer e dizer ás amigas que elle parecia S. João na mocidade !

Nenhuma voz de homem tinha falado até então com a Silveirinha com um tom tão acariciador e bondoso. Elle penetrara até no fundo da sua alma de menina, para a comprehender e a elucidar com a maior delicadeza. A um irmão, filho do seu proprio pai, e de sua propria mãe, ella não teria dito as cousas que lhe dissera a elle, com tamanha confiança e tranquillidade; porque, via bem, elle era um santo, não era um homem; era um ser á parte, todo cheio de perfeições.

Lembrava-se : um dia em que ela lhe falara no seu desejo de consagrar-se toda, ao Senhor, fazendo-se freira ele a aconselhara a enveredar por outros caminhos menos suaves. Ela era inteligente, era saudavel, porque não serviria antes a Deus criando para a sua gloria uma familia inteligente e boa? O casamento é um sacramento religioso — porque não se haveria ela de casar?... A pergunta estonteara-a, e nem sabia explicar como tivera coragem de responder : — Mas casar com quem, se todos os homens são uns herejes?

O padre sorrira do seu espanto e com a mesma voz de persuasão, embora cheia de doçura, explicou :

— E' uma obra de caridade dar a mão aos cegos, ou ensinar o caminho do bem aos transviados... A mulher crente que espósa um ateu e o redime pelo seu esforço continuado e silencioso, cumpre uma obra muito mais gloriosa do que a que se encerra num claustro... Minha filha, a sua inexperiencia da vida fal-a extranhar estas palavras, mas creia que elas são aconselhadas por uma consciencia pura ao serviço do Céu...

Tudo isso ele dizia em francês, com uma pronuncia pura, literaria, que tornava o sentido das cousas ainda mais bonito.

Ela chegava a sonhar com o padre Pierre e ouvia em tudo o som da sua voz...

Foi por essa ocasião que, indo visitar uma amiga

doente, topou á sua cabeceira com o Dr. Jordão. Que homem hispido e forte lhe pareceu esse doutor, com as suas barbas negras, a sua voz masculina e autoritaria e as suas mãos grandes, de unhas rentes! Os seus olhares se fixaram por curtos momentos, trocaram depois palavras banais de cumprimento; mas o laço invisível que os haveria de unir para sempre, estava lançado. Guiara-a o seu anjo da guarda para os braços do grande pecador...

Quando o convalescente abriu os olhos viu a mulher de joelhos, de cabeça erguida para o céu.

— Então, Guiomar, que é isso?!

— Estou agradecendo a Deus a felicidade de te ver com vida...

O medico sentiu os olhos encherem-se-lhe d'agua. A mulher levantou-se, apalpou-o, a sentir-lhe a temperatura, e beijou-o docemente na testa.

— Tomára ver-te forte...

— Para irmos para o Rio. Afinal esta doença veio atrazar-nos em um mez...

— E para assistir á missa em ação de graças pela tua saude! Fica sabendo que as minhas amigas estão só á espera disso para levantarem acampamento... Algumas até fazem sacrificio em estar aqui.

— Este mez é tão bonito na serra!

— Será : mas não é justo que deixem de tratar dos seus arranjos por nossa causa...

— Não...

Contemplaram-se, sorrindo. Achavam-se ambos mais bonitos. Ele adoçado pelo repouso de espirito, embora emagrecido e palido; ela com uma expressão imaterial, uma expressão amorosa, nunca antes revelada.

— Escuta, Jordão; eu fiz uma promessa a Nossa Senhora... mas é preciso que me ajudes a cumpril-a... não me digas que não, pelo amor de Deus!

— Oh, filha, e isso não será cousa muito difficil?... perguntou ele sorrindo.

— Não... Bastará consentires em andar com uma medalhinha benta ao pescoço... muito pequena.

— E sentirás, só com isso, algum prazer?

— Oh! um prazer infinito!

— Não bastará trazer no coração Santa Guio-mar?

— Não basta... Vejo que não me queres fazer a vontade... E ela empalideceu, quasi chorosa.

— Quero, sim. Que te poderei negar agora? Vai buscar a tua santa. Ela representará para mim uma cousa divina e de que eu já descreia...

— O que?!

— A revelação do teu amor!...

XXIII

Os que não encontram a felicidade naturalmente, têm de se dar ao grande trabalho de a procurar e de lhe oferecer ainda por cima preciosidades como penhor; porque a felicidade é egoísta, pede sempre muito áqueles a quem dá alguma coisa...

A irmã Luiza incumbiu-se de espalhar por toda a parte o ato de conversão do medico hereje, consentindo em que a mulher lhe pendurasse ao pescoço a medalhinha de Nossa Senhora.

No intimo não estava convencida de que tal conversão fosse uma realidade; mas convinha-lhe fazer-se crédula e ainda mais afirmar aos outros um acontecimento tão prestigioso e de tão bom exemplo. Inteligente, bôa observadora, nada escapava á sua percepção, embora por conveniencia muita vez disfarçasse tais qualidades...

As amigas da Silveirinha estavam jubilosas. Afinal, o tal doutor tomava juizo!

Por seu turno, a Magdalena contava que, nesse mesmo dia, a esposa gloriosa, tinha corrido á igreja, e inundado de lagrimas as mãos incomparaveis do padre Pierre. Ele parecera impassivel áquele

transbordamento. Decididamente, as explosões sentimentais da Silveirinha, para os demais tão fria, desagradavam agora soberanamente ao padre. Demais a mais, o seu papel com ela estava findo : vivia todo empenhado noutra batalha importantíssima : a de chamar a *Looking-glass* ao catolicismo. O certo é que a transvaliana já preferia a tudo, ouvir a palavra suave e acariciante do sacerdote dizer-lhe com aquela expressão tão dele :

— *Ma douce petite brebis soyez sage... Que Dieu vous bénisse, mon enfant...*

E a Magdalena imitava a voz do padre Pierre e os gestos angulosos e interrogativos da *Looking-glass*, o que fazia rir alegremente a condessa, e as outras da sua panelinha.

— E digam que ele é um santo...

— Nunca disse isso! Para mim padre Pierre diz palavras angelicas com olhares profanos e está nisso o segredo de todo o seu sucesso!

As ingenuas cáem. As espertas admiram. A *Looking-glass* é quasi tão estúpida como a Silveirinha...

— Você é terrível, Magdalena; não poupa nem os seus amigos...

— Que querem? Acostumaram-me a ser desperdiçada desde criança... Para o ano, hei de ajudal-as a angariar donativos para a manifestação do nosso *bom padre Gil*, e então vocês me considerarão perfeita!

— Não se incomode. Padre Gil não quer manifestações. E' um sacerdote modesto e virtuoso...

— E sujo : já se lhe refletem no cebo da batina todas as cores do arco-iris!

— Magdalena!

— Precisamos dar-lhe uma escovadela e um sabonete...

— Magdalena!

— E' a minha opinião. E digam depois que não sou generosa...

— Você é generosa de maldades...

— Para as não guardar comigo. Se vocês usassem da mesma higiene d'alma, não se queixariam de insonias. Mas, até amanhã, na missa da Silverinha, e sem rancor!

— Até amanhã.

No dia seguinte, ouvida a missa em ação de graças pelo restabelecimento do Dr. Jordão foram todos os convidados almoçar na sua casa. Foi como a ultima revoada de andorinhas no ultimo dia de primavera. Tinham já todas as malas prontas para regressar ao Rio e gabavam os encantos da estação passada entre as doçuras da serra.

— Foi uma estação deliciosa!

— Sómente, houve muitas chuvas...

— A eterna queixa de Petropolis!

— Mas outros dias lindos.

— Que manhãs!...

— Que noites!...

A condessa confessava-se maravilhada. Nunca á sua curiosidade se oferecera tanto assunto vivo e interessante, como nessa curta cronica de verão... O caso da Silveirinha daria uma peça para o Municipal, se os nossos homens de letras, em vez de imitarem a literatura franceza, se quizessem dar ao estudo das cousas nacionais... Oh, ela achava admiravel a Silveirinha, com os seus lindos olhos em amendoa, o seu rosto oval de linhas tão puras... Aquela, passasse o tempo que passasse, não seria nunca chamada senão pelo nome de *Silveirinha*, com que era conhecida desde o tempo de menina pirracenta, autoritaria, encantadora.

Emquanto alguém na sala afirmava, a respeito da conversão do medico, que só o medo da morte e o poder do amor são capazes de tamanhos prodigios, ele conversava no seu escritorio com o sogro e o amigo João Zacarias.

— E, agora, meu querido genro, é chegar ao Rio, fazer de novo as malas e partir para o velho mundo...

— Não. Mudei de idéa. Saio desta doença com um desejo enorme de trabalhar, de me dedicar todo a uma obra em que antes pensava vagamente, mas que, durante esta apatia da convalescença, se me impoz de maneira a não poder fugir-lhe... Quero escrever um livro sobre a influencia da vida moderna no organismo humano. Para realizar um assunto tão complexo, de causas tão variadas

e efeitos ás vezes tão singulares, careço de cercar-me de uma grande paz, em que o meu pensamento se possa mover tranquilamente. Quero estudar o meu livro em nosso meio, e todo o tempo me será pouco para indagações, observações e comparações, que só na minha clinica e estudos assíduos poderei realizar. Para conseguir esse ambiente fecundo e pacifico, tive de sacrificar á minha mulher alguma cousa que me é cara, que me é extremamente cara e que ela nunca compreenderá!... Afinal, a felicidade domestica deve ser comprada a todo o preço...

E concluiu a frase com um triste sorriso de ironia.

O sogro abraçou-o com os olhos humidos, confessando :

— Que diabo, ela é que é minha filha, e eu é que tenho medo de que você lhe faça, nesse terreno, concessões demasiadas !

— Não. Limitar-me-ei a usar a sua santinha de ouro ao pescoço e a não discutir religião a seu lado. Ela praticará como entender... Nunca imaginei que isso se pudesse dar... mas é preciso que eu sacrifique as minhas expansões á sua... á nossa felicidade...

João Zacarias mordida o bigode, calado, pensando de si para si :

— Sim, senhor... é de força a Silveirinha!

Quando entraram na sala de almoço, já estavam

todos á espera, sentados á mesa. Falava-se e ria-se alegremente. Um criado encasacado começava a servir os pratos de canja.

Voltando-se para Roberto Flores, a seu lado, a condessa sussurrou, piscando os olhos miopes.

— Veja você como, em tão pouco tempo, tem sucedido tanta cousa curiosa. Lembra-se da noite do maxixe em casa dos Korsakoff?

— Foi outro dia...

— Foi em Dezembro, no principio da estação; a Silveirinha ainda era solteira.

— E eu tambem.

— Você sel-o-á sempre... A Madame Z. apresentava nessa *soirée* o tal advogado Ludgero, que era um pobretão.

— E o Gastão Soares caçoava das sobran-celhas da Guimarães!...

— Tal qual. Pois o Gastão casa-se no sabado com a menina das sobran-celhas e oito dias depois casar-se-á o Ludgero com uma rapariga riquissima, a filha do Juventino das conservas. Como o diabo as tece!

— A vida não pára...

— Mas nunca andou tão depressa como nesta estação. Creia você, não tive tempo de pegar num livro e foi como se tivesse lido uma biblioteca! Houve de tudo, como nos romances: *flirts* concientes e inconcientes, lutas religiosas, ardis de sacristia, adulterios, traições, rivalidades cleri-

cais, invejas, conversões, doenças; que sei eu? Tudo isto me pareceu supremamente divertido...

— Mesmo as doenças?!

— Ora, você bem sabe que esta do Jordão deu resultados magníficos.

— Acha?...

— Acho. Sabe que ele mudou de tenção e já não parte para a Europa? Quem vai é a Xaviéra com as duas filhas e o marido...

— Quem lhe contou isso? a Madame Z?

— Sim: e já agora repare para ela. Não lhe parece que está com a cintura muito mais grossa?...

— E' a vida que continúa...

— Nesse caso, dê-me champagne, e bebamos juntos á felicidade do porvir.

— E a saúde da Silveirinha...

FIM

~~~~~  
**TYP. AILLAUD, ALVES & C<sup>ia</sup>.**  
~~~~~


À VENDA

NA

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

OBRAS DO MESMO AUTOR

Historias da Nossa Terra, Livro de contos para
crianças, 5.^a edição 1 vol. in-16 fr., ilustrado. 2\$000

O Livro das Noivas, 2.^a edição. 1 vol. in-8 fran-
cez, ilustrado, encad. 7\$000

A mesma obra com folhas douradas 9\$000

O Livro das Donas e Donzellas, 1 vol. in-8 fr.
ilustrado, encad. 7\$000

A mesma obra com folhas douradas 9\$000

Memorias de Martha (narrativa), 1 vol. in-16 fr.
de 221 pag.: br. 2\$000

A Intrusa, romance, 1 vol. in-16 de 302 pags.,
br. 3\$000

Contos Infantis, em verso e em prosa, para uso
das escolas primarias do Brazil, 8.^a edição. 1 vol.
cart. 2\$000

Elles e Ellas, 1 bello vol. de 264 pags. br. 3\$000

A mesma obra enc. 4\$000

Cruel Amor (romance), 1 vol. in-16 fr. de 330 pags.,
br. 3\$000

A mesma obra enc. em percalina. 4\$000

